



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**EVIDÊNCIAS DE RELAÇÃO PREDITIVA ENTRE
AUTOCONFIANÇA E RESULTADOS COMPETITIVOS DE
ATLETAS**

Aluna: Gabriela Frischknecht

Orientador: Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz
Coorientadora: Prof. Dra. Andréa Duarte Pesca

Área de Concentração:
Processos Psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico

Linha de Pesquisa:
Avaliação e Medida de Fenômenos Psicológicos

Florianópolis,
2014

GABRIELA FRISCHKNECHT

**EVIDÊNCIAS DE RELAÇÃO PREDITIVA ENTRE
AUTOCONFIANÇA E RESULTADOS COMPETITIVOS DE
ATLETAS**

Dissertação de Mestrado submetida
ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção
do Grau de Mestre em Psicologia
Orientador: Prof. Dr. Roberto Cruz
Coorientadora: Prof. Dra. Andréa
Pesca

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Frischknecht, Gabriela

Evidências de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas / Gabriela Frischknecht ; orientador, Roberto Moraes Cruz ; coorientadora, Andréa Duarte Pesca. - Florianópolis, SC, 2014.

127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências


1. Psicologia. 2. Autoconfiança. 3. Parâmetros psicométricos. 4. Psicologia do Esporte. I. Cruz, Roberto Moraes. II. Pesca, Andréa Duarte. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

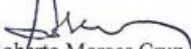
Gabriela Frischknecht

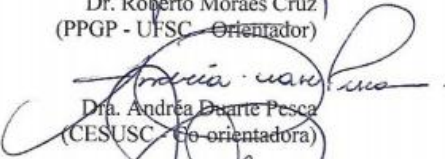
Evidências de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas

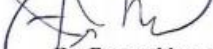
Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.


Florianópolis, 14 de fevereiro de 2014.


Dr. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)


Dr. Roberto Moraes Cruz
(PPGP - UFSC - Orientador)


Dra. Andréa Duarte Pesca
(CESUSC - Co-orientadora)


Dr. Franco Noce
(FAE - UFMG - Examinador)


Dr. Emilio Takase
(PPGP - UFSC - Examinador)

Dr. Ricardo Brandt
(UFSC - Suplente)

“Ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.” (Renato Russo)

Pai e Mãe, obrigada por me ensinarem o que é o amor e como construí-lo. A vocês, dedico este trabalho e toda minha trajetória!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos ao longo de toda a caminhada. Pelo amor, recebido e transmitido, por meio de olhares, palavras e sorrisos, sempre verdadeiros. Aos familiares, em especial aos meus pais, *Luis Carlos Frischknecht* e *Rosane Bornhofen*, pelo apoio, compreensão e confiança. Por não medirem esforços, em nome dos meus (nossos) sonhos e projetos. Aos amigos, que se mantiveram por perto, mesmo diante do afastamento físico, oferecendo palavras de força e reconhecimento, participando das conquistas e permitindo que eu compartilhasse os desafios.

Ao meu orientador, *Professor Roberto Cruz*, pelo exemplo de trabalho ético, sério e competente em Psicologia e pelos instigantes ensinamentos, durante orientações de pesquisa e conversas de laboratório, exercendo papel fundamental e marcante em minha formação. A minha (mais que) coorientadora, *Andréa Pesca*, por sempre compartilhar seus conhecimentos, tornando-se, para mim, referência de pessoa e profissional. Obrigada pelas oportunidades, confiança, ensinamentos, elogios e chamadas de atenção. Desejo, sinceramente, que esta “parceria” perdure por muito tempo!

A *Professora Robin Vealey* e seu assistente de pesquisa, na época, *William Low*, pelas respostas rápidas, atenciosas e incentivadoras à realização deste estudo. Aos professores que contribuíram com o desenvolvimento do projeto de pesquisa, *Professor Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes* e, em especial, ao *Professor Carlos Roberto de Oliveira Nunes*. Ao qual sou muito grata pela participação fundamental e constante em meu crescimento profissional, desde a graduação em Psicologia. Aos professores integrantes da banca de avaliação, *Professor Franco Noce*, *Professor Emílio Takase* e *Professor Ricardo Brandt*. Com os quais tive o prazer de trabalhar (e aprender) ao longo da caminhada e me felicito em receber suas contribuições para o aprimoramento deste trabalho.

À Federação Catarinense de Ginástica, em especial à presidente, na época, *Jocélia Gonçalves* e à Confederação Brasileira de Ginástica, por abrir suas portas a este estudo. Em especial, à *Professora Artemis Soares* e aos organizadores das competições nas quais foram realizadas as coletas de dados, pela calorosa recepção e apoio. À organização do BH Cup 2013, em especial *Pedro Moreira*. Ao *Professor Varley Teoldo da Costa* e seu aluno, *Felipe Gustavo dos Santos*, pela recepção, orientações e auxílio durante a coleta de dados em Belo Horizonte. Ao profissional *Rafael Lima*, que prontamente atendeu ao pedido de apoio

ao processo de coleta de dados. A todos os atletas e treinadores que consentiram e participaram deste estudo, sem os quais não haveria motivos para o desenvolvimento deste conhecimento.

Aos colegas e, eventualmente amigos, que tiveram participação fundamental, direta ou indireta, na realização deste trabalho e no meu aprendizado durante o tempo de curso, *Felipe Basso, Marina de Cuffa, Mayra Weege, Fernanda Queiroz, Mário Barroso, Vardan Sargsyan* e, em especial, *Birgit Keller*, sempre disposta a contribuir de modo objetivo, doce e eficiente. Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP-UFSC) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, que certamente contribuiu significativamente com meu crescimento acadêmico, pela possibilidade de dedicação integral à realização desta pesquisa e outros projetos, com os quais aprendi muito.

Aos amigos de curso da turma 2012 e aos integrantes do Laboratório Fator Humano, pela troca de conhecimentos, e, principalmente, de energias positivas, fosse em meio aos desafios, ou às conquistas. Por estarem presentes nos momentos em que mais que precisei, acolhendo minhas angústias e incentivando meus sorrisos. Aos (incríveis) integrantes da equipe organização do *XV Congresso Brasileiro e VIII Congresso Internacional de Psicologia do Esporte e do Exercício*, com os quais tive a certeza de que o sucesso é inevitável para aqueles que trabalham com o coração. Em especial, *Fernanda Schweitzer, Juliana Frainer* e *Marco Ávila*, por terem compartilhado comigo sorrisos e desafios, sempre sabendo o que dizer, fosse antes, durante e/ou depois desses mágicos quatro dias. Aos colegas da *Sociedade Catarinense de Psicologia do Esporte e do Exercício* e da *Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte*, pela confiança, reconhecimento, ensinamentos, trabalhos realizados e projetos que ainda estão por vir.

Por fim, àquelas que acompanharam cada passo de tudo isso, mesmo que a partir do segundo ano de curso, irmãs que Deus colocou em meu caminho, *Maira Fedrizzi, Jamille Bazzo* e *Thailla Valle*. Meninas, os desafios e conquistas cotidianos, definitivamente, não teriam o mesmo valor sem vocês. Obrigada por trazerem ainda mais vida aos meus dias!

“Os ideais que iluminaram o meu caminho são a bondade, a beleza e a verdade.”

(Albert Einstein)

RESUMO

A autoconfiança esportiva pode ser definida como o a crença ou grau de certeza que o atleta possui sobre as próprias habilidades para alcançar sucesso no esporte. Caracteriza-se por uma alta expectativa de sucesso no contexto esportivo (Vealey, 1986, 2003; Karageorghis & Terry, 2001; Weinberg & Gould, 2011). Este estudo teve como objetivo verificar evidências de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas de ginástica e futebol. Trata-se de uma pesquisa de caráter aplicado e natureza explicativa, que recorreu à abordagem quantitativa dos dados para descrever e explicar as associações investigadas. O processo de seleção dos participantes foi caracterizado como não probabilístico, por conveniência. O método de investigação foi composto por duas etapas. A primeira teve como objetivos adaptar o instrumento de avaliação da autoconfiança esportiva, *Sport Confidence Inventory* (Vealey, 2003), para atletas brasileiros e identificar evidências de validade teórica e precisão do instrumento adaptado. A segunda consistiu em identificar associações entre variáveis de perfil e autoconfiança e entre resultados competitivos e autoconfiança dos participantes. A amostra de estudo foi composta por atletas de alto rendimento, com idades entre 11 e 22 anos (Média = 14,56; DP = 1,53), das modalidades esportivas ginástica artística (n=48), ginástica rítmica (n=94) e futebol (n=240). As coletas de dados foram realizadas pela pesquisadora em eventos competitivos. Nos locais em que não foi possível estar presente, a pesquisadora entrou em contato com o setor de psicologia do clube, que auxiliou no processo. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, procedimentos de estatística paramétrica e não paramétrica. Os resultados foram apresentados de modo comparativo entre atletas de ginástica e futebol. O Questionário de Autoconfiança no Esporte apresentou evidências de precisão para ambos os grupos. A validade teórica indicou composições diferentes para as subescalas em cada modalidade, sugerindo que esse processo deve ser feito separadamente para diferentes modalidades esportivas. Infere-se que adaptações semânticas, de acordo com cada modalidade esportiva, poderiam aprimorar a qualidade do Questionário de Autoconfiança no Esporte e, conseqüentemente, dos resultados. As associações entre perfil e autoconfiança dos participantes identificaram níveis significativamente mais elevados de autoconfiança para atletas do sexo masculino e para atletas de modalidades esportivas coletivas. Porém, sugere-se cautela na interpretação dos resultados por tipo de modalidade esportiva. Por outro lado, não foram encontrados resultados

significativos na correlação entre idade e autoconfiança, nem nas comparações por idade que iniciou em treinamentos, idade que iniciou em competições e escolaridade. As associações entre resultados competitivos e autoconfiança dos participantes resultaram em valores baixos e estatisticamente não significativos em todos os procedimentos realizados. Os resultados corroboram com a literatura científica sobre o tema. Conclui-se que, embora não tenham sido verificadas associações significativas entre o escore total de autoconfiança e os resultados competitivos, que a autoconfiança pode influenciar indiretamente os resultados competitivos. Vealey (2003) sugere que a autoconfiança influencia os comportamentos, emoções e cognições e que estes, por sua vez, afetam a atuação esportiva. Indica-se a hipótese de que a autoconfiança exerça papel mediador sobre a atuação de atletas.

Palavras-chave: Autoconfiança. Parâmetros psicométricos. Psicologia do Esporte.

ABSTRACT

Sport-confidence can be conceptualized as the belief or degree of certainty that an athlete possess about his/her own abilities to be successful in sport. It's characterized by high expectation of success in the sports context (Vealey, 1986, 2003; Karaeorghis & Terry, 2001; Weinberg & Gould. 2011). The present research aimed to verify the predictive relationship between sport-confidence and competitive results of gymnasts and football athletes. It's an applied research, of exploratory design, that used the quantitative statistics to describe and to explain the investigated associations. The selection of the participants was conducted by convenience and the research has a non-probabilistic sampling. The investigation was done by two phases. The first one aimed to adapt the measurement instrument Sport-Confidence Inventory (Vealey, 2003) to Brazilian athletes and to identify the theoretical validity and reliability of the adapted instrument. The second one aimed to identify the association between profile variables and sport-confidence and between competitive results and sport-confidence of participants. The research was done with 48 elite athletes of artistic gymnastic, 94 of rhythmic gymnastics and 240 of football. The data collections were made by the researcher in competitive events. In places where were not possible to be, the researcher was helped by the psychology service of the team. Data were analyzed by descriptive statistics and tests of parametric and non-parametric statistics. Some results were presented separately to compare the results of gymnasts with football athletes. The Questionário de Autoconfiança no Esporte (adapted version for Brazilian athletes) presented evidences of reliability for gymnasts and football players. The theoretical validity indicated different composition in the components for each sport. It's suggested that the process should be done to different sports in a separated way. It's concluded that semantic adaptations according to each sport could improve the quality and results of Questionário de Autoconfiança no Esporte. The profile associations with sport-confidence of participants identified significant levels of male's sport-confidence higher than female's sport-confidence and to athletes of team sports (football). But some care is necessary to interpret this result. On the other hand the results didn't show significant levels in associations of age, beginning age of training, beginning age of competitions and education level with sport-confidence. The associations between competitive results and sport-confidence of the participants indicated low and non significant results for all the procedures made. The results are supported by the

scientific literature. It's suggested that, even with no significant associations between competitive results and sport-confidence, that self-confidence in athletes may affect indirectly the competitive results. Vealey (2003) suggests that sport-confidence affects behaviors, emotions and psychological processes. And all of this affects the sports performance. So it's indicated the hypothesis that sport-confidence has a mediating role on athlete's competitive results.

Keywords: Self-confidence. Psychometric parameters. Sport Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro modelo conceitual da autoconfiança esportiva.....	27
Figura 2 – Desenvolvimento das fontes e tipos de autoconfiança para mensuração do construto.....	29
Figura 3 – Modelo conceitual atual da autoconfiança esportiva.....	30
Figura 4 – Representação gráfica da relação entre autoconfiança e desempenho.....	32
Figura 5 – Processo de adaptação transcultural do Questionário de Autoconfiança no Esporte.....	47
Figura 6 – Investigação de evidências de validade e precisão do instrumento adaptado e associações entre perfil, resultados competitivos e autoconfiança dos atletas.....	50
Figura 7 – Screeplot da análise de componentes principais do Questionário de Autoconfiança no Esporte administrado em atletas brasileiros de ginástica.....	60
Figura 8 – Screeplot da análise de componentes principais do Questionário de Autoconfiança no Esporte administrado em atletas brasileiros de futebol.....	70
Figura 9 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (1) para atletas de ginástica artística (n=44)....	90
Figura 10 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (2) para atletas de ginástica artística (n=44)....	91
Figura 11 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (1) para atletas de ginástica rítmica (n=32).....	92
Figura 12 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (2) para atletas de ginástica rítmica (n=36).....	93
Figura 13 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (1), em escore z, para atletas de ginástica (n=76).....	94
Figura 14 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (2), em escore z, para atletas de ginástica (n=76).....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Construtos relacionados em Psicologia do Esporte.....	23
Quadro 2 – Fontes da autoconfiança esportiva.....	28
Quadro 3 – Comparação entre os cenários teóricos antigo e atual da autoconfiança esportiva.....	31
Quadro 4 – Subescalas e itens do <i>Sport-Confidence Inventory</i>	44
Quadro 5 – Comparação da pergunta-chave e variação escalar entre o instrumento original e versão adaptada.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estatística descritiva das variáveis de perfil dos participantes (n=382).....	53
Tabela 2 – Análise das cargas fatoriais do QAE em atletas de ginástica (n=142).....	59
Tabela 3 – Análise das cargas fatoriais do QAE, com rotação varimax, em atletas de ginástica (n=142).....	64
Tabela 4 – Resultados das cargas fatoriais do QAE em atletas de ginástica (n=142).....	67
Tabela 5 – Análise das cargas fatoriais do QAE em atletas de futebol (n=240).....	69
Tabela 6 – Análise das cargas fatoriais do QAE, com rotação varimax, em atletas de futebol (n=240).....	73
Tabela 7 – Resultados das cargas fatoriais do QAE em atletas de futebol (n=240).....	75
Tabela 8 – Precisão por itens e total da escala do QAE em atletas de ginástica (n=142).....	76
Tabela 9 – Precisão dos itens por componentes e total dos componentes do QAE em atletas de ginástica (n=142).....	77
Tabela 10 – Precisão por itens e total da escala do QAE em atletas de futebol (n=240).....	79
Tabela 11 – Precisão dos itens por componentes e total dos componentes do QAE em atletas de futebol (n=240).....	80
Tabela 12 – Comparação entre os valores <i>alpha de Cronbach</i> do <i>Sport-Confidence Inventory</i> (Vealey, 2003) e do Questionário de Autoconfiança no Esporte para atletas brasileiros de ginástica (n=142) e futebol (n=240).....	81
Tabela 13 – Estatística descritiva do escore total de autoconfiança por grupos da amostra de estudo.....	82
Tabela 14 – Médias dos escores de autoconfiança por sexo para os grupos da amostra de estudo.....	84
Tabela 15 – Médias dos escores de autoconfiança por sexo para a amostra total do estudo (n=382).....	84
Tabela 16 – Médias dos escores de autoconfiança por idade que iniciou treinamentos e competições.....	86
Tabela 17 – Médias dos escores de autoconfiança por escolaridade.....	87

Tabela 18 – Estatística descritiva das variáveis autoconfiança e resultados competitivos para atletas de ginástica.....89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 OBJETIVOS.....	21
1.1.1 Objetivo Geral.....	21
1.1.2 Objetivos Específicos.....	21
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 AUTOCONFIANÇA E AUTOEFICÁCIA.....	22
2.2 AUTOCONFIANÇA NO CONTEXTO ESPORTIVO.....	25
2.1 AUTOCONFIANÇA E AUTOEFICÁCIA.....	35
3 MÉTODO.....	42
3.1 NATUREZA E DELINEAMENTO.....	42
3.2 PARTICIPANTES E CONTEXTO DE PESQUISA.....	42
3.3 VARIÁVEIS DE ESTUDO E FONTES DE COLETAS DE DADOS.....	43
3.4 PROCEDIMENTOS, IMPLICAÇÕES ÉTICAS E TRATAMENTO DOS DADOS.....	45
3.4.1 Adaptação transcultural do <i>Sport-Confidence Inventory</i> (Vealey, 2003).....	45
3.4.2 Evidências de validade e precisão do instrumento adaptado e associações entre autoconfiança, perfil e resultados competitivos dos participantes.....	47
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	52
4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	52
4.2 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÕES SEMÂNTICAS DO QUESTIONÁRIO DE AUTOCONFIANÇA NO ESPORTE.....	54
4.3 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PELA ESTRUTURA INTERNA E PRECISÃO DO QUESTIONÁRIO DE AUTOCONFIANÇA NO ESPORTE.....	57
4.4 ASSOCIAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS DE PERFIL E AUTOCONFIANÇA.....	82
4.5 ASSOCIAÇÕES ENTRE RESULTADOS COMPETITIVOS E AUTOCONFIANÇA.....	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99

Anexo A – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Universidade Federal de Santa Catarina.....	115
Anexo B – Parecer Comitê de Pesquisa Confederação Brasileira de Ginástica.....	117
Anexo C – Autorização para realização de coleta de dados na competição de futebol BH Cup 2013 – Belo Horizonte/MG.....	118
Anexo D – <i>Sport-Confidence Inventory</i> (Vealey, 2003).....	119
Anexo E – Autorização da autora para adaptação transcultural do <i>Sport-Confidence Inventory</i> (Vealey, 2003).....	121
Anexo F – Carta formal de autorização para adaptação transcultural do <i>Sport-Confidence Inventory</i> (Vealey, 2003).....	122
Apêndice A – Questionário de autoconfiança no esporte.....	123
Apêndice B – Informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsáveis.....	126
Apêndice C – Informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participantes.....	127

1 INTRODUÇÃO

“A gente **acreditava** na medalha, era o nosso sonho mesmo. Mas a gente não acreditava que poderia ser a de ouro. Então depois do jogo contra Hungria, que a gente jogou 80 minutos, a gente acreditou que poderia pegar o ouro. Aí a gente foi atrás! E mesmo sendo contra as meninas da casa, a gente **acreditou** e, com toda a **confiança** do mundo, trouxe esse ouro pro Brasil” (Eduarda Amorim, melhor atleta do Torneio Mundial de Handebol Feminino 2013, sobre a conquista do ouro pela seleção brasileira). Relatos como os de Duda são muito comuns entre atletas de alto nível que alcançam desempenhos considerados excelentes. A fala da atleta valoriza a autoconfiança do grupo, enfatiza a crença na conquista da medalha e, posteriormente, do ouro e demonstra que “ir atrás **com toda a confiança do mundo**” pode ter contribuído com o sucesso da equipe e o resultado final da competição.

A autoconfiança pode ser definida como a crença do indivíduo de que será bem sucedido. No contexto esportivo, se refere à crença ou o grau de certeza do atleta de que suas habilidades estão de acordo com as demandas para alcançar sucesso neste campo. Ao investigar sensações corporais e sentimentos vivenciados por atletas em momentos de desempenho máximo, Martin (2001) identificou características como sensação de “confiança”, “capacidade de executar as habilidades com perfeição” e “completa ausência de medo de falhar”. Atletas descritos como autoconfiantes tendem a se sentirem à vontade diante de situações competitivas, concentrarem-se nos seus pontos fortes e nas tarefas que os levam a alcançar desempenhos eficientes (Bandura, 1977; Vealey, 1986, 2003; Martin, 2001; Vealey, 2003; Karageorghis & Terry, 2011; Weinberg & Gould, 2011).

As crenças que o sujeito apresenta sobre si mesmo contribuem parcialmente com as realizações que ele obtém e com o tipo de pessoa que ele se tornará (Bandura, 1977; 1993; Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008). Atletas mais habilidosos e eficientes, em termos de funcionamento de processos cognitivos, tendem a apresentar maior foco de atenção, padrões de atribuição, estratégias de enfrentamento às situações-problema e definir metas desafiadoras, buscando ativamente alcançá-las. Não sentem medo de aproveitar as chances e oportunidades. São capazes de produzir condições positivas de jogo ou reverter condições negativas, pois percebem as condições adversas como desafios e reagem com o aumento da determinação (Couto Junior, Moreno, Souza, Prado, & Machado, 2007; Otten, 2009; Weinberg & Gould, 2011).

Weinberg e Gould (2011) sugerem que os atletas devem apresentar um nível equilibrado de autoconfiança, pois problemas de desempenho podem ocorrer se a autoconfiança estiver muito acima ou muito abaixo deste nível. Vealey e Chase (2008) defendem que a autoconfiança afeta diretamente os comportamentos, cognições e emoções dos atletas. E que estes, por sua vez, afetam o desempenho. Estudos científicos nacionais e internacionais verificaram associações fracas e, em geral, não significativas, entre autoconfiança e atuação esportiva de atletas (Hernandes & Gomes, 2002; Vealey, 2003; Iyuzca, 2003;

Ferreira, 2008; Souza, Teixeira & Lobato, 2012). A autoconfiança parece contribuir com o controle de estresse e ansiedade, condições importantes para o alcance de resultados favoráveis em treinamentos e competições (Jones, Hanton & Swain, 1994; Hanton, Mellalieu, & Hall, 2004; Mellalieu, Hanton, & Thomas, 2008; Filaire, Alix, Ferrand, & Verger, 2009; Liz, Matias, Vasconcellos, Rocha, Segato & Andrade, 2009).

Psicólogos que atuam no contexto do esporte de alto rendimento¹ buscam compreender demandas e contribuir com atletas a atingirem atuações esportivas satisfatórias e satisfação pessoal na prática de modalidades esportivas. Investigar a associação entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas contribui com a produção do conhecimento científico em Psicologia do Esporte e auxilia no bem estar, aprimoramento e atuação dos atletas em situações de treinos e competições (Jones et al., 1994; Martin, 2001; Hanton, et al., 2004; Couto Junior et al., 2007; Otten, 2009; Hays, Thomas, Maynard & Bawden, 2009; Mellalieu et al., 2008; Filaire et al., 2009; Liz et al., 2009; Weinberg & Gould, 2011).

Foram investigados na literatura nacional e internacional instrumentos de avaliação da autoconfiança. Encontraram-se questionários específicos com evidências de precisão e validade para atletas de outros países (Vealey, 1986; Vealey, 2003; Manzo, Silva III & Mink, 2001) e instrumentos que contém medida de autoconfiança entre suas subescalas (Martens, Vealey & Burton, 1990; Smith, Schultz, Smoll & Ptacek, 1995). No contexto nacional, não foram encontrados estudos que avaliassem autoconfiança esportiva por meio de medidas específicas e validadas para atletas brasileiros.

Este estudo tem como escopo de investigação a autoconfiança esportiva. Considerando que não foram encontrados, na literatura científica disponível, instrumentos específicos de avaliação da autoconfiança para atletas brasileiros, foram criadas condições para adaptação transcultural de uma medida adequada a esse propósito. Posteriormente, verificaram-se evidências de precisão e validade do instrumento adaptado. Assim, foi possível investigar associações entre características de perfil dos participantes, resultados competitivos e seus níveis de autoconfiança. A proposta do estudo baseou-se na seguinte pergunta de pesquisa: “Quais as evidências de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas?”

A investigação da associação entre níveis de autoconfiança com resultados competitivos, por meio de instrumentos e critérios específicos, teve por expectativa ampliar a produção científica sobre Avaliação Psicológica em Psicologia do Esporte. A direção de investigação deste estudo se insere e contribui com a produção de conhecimento da linha de pesquisa Medida e Avaliação de Fenômenos Psicológicos, da área de concentração Processos Psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico, do Programa de Pós-

¹ O esporte de alto rendimento está relacionado ao modelo competitivo por excelência e tem como objetivo a maximização do desempenho, a maior a busca de marcas e a superação de limites (Rubio, 2004, 2007).

Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. O estudo foi realizado, com vistas, ainda, a aprimorar a atuação de profissionais envolvidos em Ciências do Esporte, especialmente psicólogos, ampliando os campos da avaliação e intervenção em Psicologia do Esporte e a satisfação de atletas e comissões técnicas.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar evidências de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) adaptar o instrumento *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) para atletas brasileiros;
- b) identificar evidências de validade pela estrutura interna e precisão do instrumento adaptado;
- c) identificar associações entre variáveis de perfil e autoconfiança de atletas;
- d) identificar associações entre resultados competitivos e autoconfiança de atletas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo explora o referencial teórico sobre a autoconfiança. Abrange o desenvolvimento do modelo teórico da autoconfiança esportiva, instrumentos de avaliação e associações entre autoconfiança e resultados esportivos.

2.1 AUTOCONFIANÇA E AUTOEFICÁCIA

A teoria da autoeficácia foi adaptada ao longo do tempo para explicar o comportamento nas mais diversas disciplinas da Psicologia. Formou a base teórica adotada por muitas pesquisas sobre desempenho orientadas à autoconfiança no esporte (Vealey, 1986; Weinberg & Gould, 2011). Crenças de autoeficácia se referem às percepções dos indivíduos sobre as suas próprias habilidades em situações específicas. Essas crenças refletem habilidades e competências básicas à motivação, segurança, bem estar e realização pessoal. As pessoas tendem a se sentirem incentivadas a agir e perseverar em seus comportamentos se acreditarem que suas ações produzirão resultados desejados (Bandura, Azzi & Polydoro, 2008). De acordo com a teoria, a iniciativa e a persistência em um comportamento de um determinado curso de ação são, primeiramente, determinadas pelos julgamentos e expectativas do indivíduo sobre suas capacidades e habilidades comportamentais (Bandura, 1977, 1993).

O conceito da autoconfiança deriva do modelo conceitual da autoeficácia (Bandura, 1977). A autoconfiança é caracterizada como uma alta expectativa de sucesso. Pode ser definida como o grau de certeza do indivíduo ou a convicção de que suas habilidades estão de acordo com as demandas necessárias para alcançar sucesso (Bandura, 1977; Vealey, 1986; Martin, 2001; Weinberg & Gould, 2011). Portanto, a autoconfiança se refere ao sucesso de modo mais genérico, como a vitória em um jogo ou ser campeão em determinado campeonato. Enquanto autoeficácia está associada à crença sobre a habilidade em executar determinado comportamento, em um momento e contexto específicos.

Ferreira (2008) aborda a dificuldade de diferenciar conceitualmente os termos autoeficácia e autoconfiança em Psicologia do Esporte. O autor elucida que Bandura (1990) caracteriza autoconfiança como a convicção de que obterá sucesso, sem especificar a situação. A autoeficácia, por sua vez, é a crença sobre a execução dos

comportamentos em um contexto específico. Neste estudo, os termos serão utilizados de acordo com essa diferenciação.

Feltz, Short e Sullivan (2008) estendem essa discussão com base em referenciais teóricos clássicos. A autora explica que diferentes termos são utilizados para descrever a capacidade percebida em alcançar determinado nível de desempenho. O Quadro 1 apresenta algumas dessas variações.

Quadro 1 – Construtos relacionados em Psicologia do Esporte

Termo	Definição
<i>Sport-Confidence</i>	Grau de certeza que o atleta possui sobre as próprias habilidades para alcançar sucesso no esporte
<i>Self-Efficacy</i>	Crença do atleta de que pode organizar e executar com sucesso um curso de ação para alcançar uma meta específica
<i>Perceived competence and Perceived ability</i>	Indicam a sensação (sentimento) de que possui a habilidade para dominar uma tarefa. Resulta de interações cumulativas com o ambiente
<i>Self-concept</i>	Visão composta sobre si mesmo, desenvolvida pelas experiências de avaliação e interações sociais
<i>Self-esteem</i>	Julgamento pessoal de méritos/merecimentos

Fonte: Adaptado de Feltz e colaboradores (2008, tradução nossa)

A literatura científica comumente menciona os conceitos autoconfiança e autoeficácia nas mesmas produções, algumas de forma alternada, outras não. Vancouver e colaboradores (2002) investigaram a relação entre autoeficácia e desempenho em tarefas de percepção. Sugerem que níveis elevados de autoeficácia prejudicaram a execução de tarefas em jogos de percepção visual. A hipótese é que o aumento da autoeficácia pode ter provocado excesso de autoconfiança e prejudicado o desempenho.

Foram investigados instrumentos de avaliação da autoconfiança em estudos que tiveram como objetivo identificar associações entre autoconfiança e desempenho em diferentes contextos. Poucos utilizaram instrumentos validados especificamente para este fim (Vancouver, Thompson, Tischner, & Putka, 2002; Langendörfer, Hodapp, Kreutz, & Bongard, 2006; Baranski, 2007; Stankov & Lee, 2008; Butler, Karpicke & Roediger, 2008; Martin, 2011; Miller & Geraci, 2011). Algumas pesquisas verificaram a autoconfiança por meio de classificação subjetiva. Solicitava-se ao participante que realizasse uma questão tarefa e classificasse um valor para o quanto acreditava que havia acertado

(Stankov & Lee, 2008; Baranski, 2007; Vancouver et al., 2002; Butler et al., 2008; Miller & Geraci, 2011). Classificações subjetivas também foram utilizadas em testes de memorização. Os participantes foram solicitados a lembrar palavras ou tarefas apresentadas na condição experimental e expressar o nível de acerto que acreditavam que teriam. Estas classificações são denominadas *Judgments of Learning* – JOLs (Koriat, Hodapp, Kreutz, & Bongard, 2002; Finn & Metcalfe, 2007; Serra & Dulonsky, 2005).

Foram encontradas poucas investigações que aplicaram instrumentos de avaliação da autoconfiança adequados ao contexto de estudo. Hadjistavropoulos, T., Carleton, Delbaere, Barden, Zwakhalen, Fitzgerald, Hadjistavropoulos, (2012) investigaram a associação entre ansiedade, medo de cair e autoconfiança em equilíbrio em tarefas de marcha com participantes idosos (Média = 76,80 anos; DP = 14,30). A autoconfiança em equilíbrio foi avaliada com a versão adaptada da *Activities Specific Balance Confidence*. O instrumento avalia autoconfiança do equilíbrio em diferentes atividades, em uma escala específica que varia de 0 a 100. O estudo sugere que o medo de cair e os níveis de autoconfiança em equilíbrio foram preditivos sobre o desempenho em marcha e que a probabilidade de cair, possivelmente, varia em função do nível de ansiedade.

A literatura científica aponta, também, evidências sobre a associação entre autoconfiança e desempenho no contexto educacional. Foram identificadas correlações moderadas e positivas em testes de leitura e compreensão de idioma, sem diferenças estatisticamente significativas nos níveis de autoconfiança em tarefas mais difíceis (Stankov & Lee, 2008). Estudantes autoconfiantes apresentaram maiores índices de participação em sala de aula, prazer pela escola, intenções positivas e níveis significativamente menores de desvantagem e desengajamento (Martin, 2011). Por outro lado, alunos que previram elevados índices de acertos em tarefas metacognitivas apresentaram um índice real de desempenho inferior ao previsto. Os autores sugerem que tenham sofrido efeito de excesso de autoconfiança (Miller e Geraci, 2011).

Estudos sugerem uma relação positiva entre a emissão de *feedbacks* e autoconfiança no desempenho (Vancouver et al., 2002). Sujeitos que apresentaram níveis de autoconfiança maiores que desempenho apresentaram aumento da autoconfiança e capacidade de distinção entre alternativas corretas e incorretas após o recebimento de *feedbacks* (Butler et al., 2008). Este estudo identificou, também, o efeito de hipercorreção. Participantes com elevados índices de autoconfiança,

que realizaram a tarefa incorretamente, apresentaram maior probabilidade de acerto após o *feedback*, em comparação àqueles que haviam respondido corretamente com baixos níveis de autoconfiança.

As evidências teóricas apontam uma associação entre autoconfiança e desempenho em diferentes contextos. A próxima seção apresenta estudos científicos sobre a associação entre autoconfiança e resultados competitivos e atuação esportiva de atletas.

2.2 AUTOCONFIANÇA NO CONTEXTO ESPORTIVO

A autoconfiança esportiva se trata do quanto o atleta acredita que suas capacidades estão de acordo com as exigências necessárias para alcançar sucesso. É definida como “a crença ou o grau de certeza que o indivíduo possui sobre suas habilidades para ser bem sucedido no esporte” (Vealey, 1986, p. 222, tradução nossa). Caracteriza-se por uma alta expectativa de sucesso no contexto em questão (Vealey, 1986; Martin, 2001; Vealey, 2003; Karageorghis & Terry, 2011; Weinberg & Gould, 2011). Pensamentos, sentimentos e comportamentos exercem papel sobre uma atuação esportiva autoconfiante. Atletas que executam suas habilidades com autoconfiança tendem a se sentirem ainda mais autoconfiantes. Manter-se erguido e com a imagem autoconfiante, mesmo em situações adversas, contribui com os níveis de autoconfiança e dificulta que o adversário tenha sua autoconfiança elevada (Weinberg & Gould, 2011).

Martin (2001) sugere cinco componentes comportamentais observados em atletas descritos como autoconfiantes. São eles: 1- preparação física e técnica, pois a demonstração repetida de domínio das habilidades nos treinamentos está relacionada com expressões de autoconfiança na capacidade de executar estas habilidades para obter sucesso esportivo; 2- concentração em objetivos realísticos para executar nas competições, definindo objetivos realísticos de execução, realizando uma jogada de cada vez, mantendo sua rotina e apresentando-se de acordo com o melhor de sua habilidade; 3- sensação de relaxamento/tranquilidade, sem apresentar tensão excessiva e sentir-se à vontade em situações competitivas; 4- autoconversa positiva, com foco nos próprios pontos fortes e no que deve fazer para alcançar atuação esportiva eficiente; e 5- ensaio mental com imagens positivas, ao se imaginar executando habilidades esportivas de forma detalhada e com sucesso.

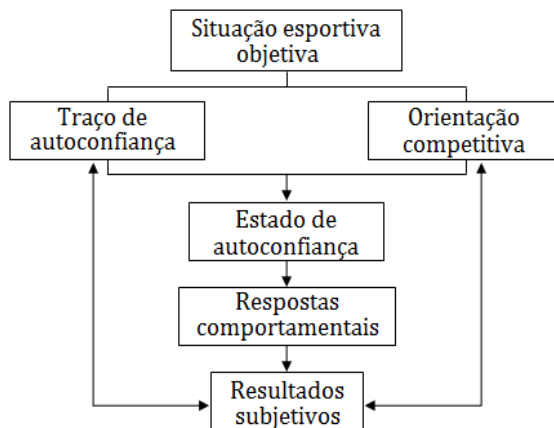
Tradicionalmente, os psicólogos do esporte se baseavam na teoria da autoeficácia de Bandura (1977), e em outras teorias adaptadas ao

contexto esportivo, para estudar a autoconfiança. Os modelos conceituais adaptados ao esporte são interessantes e úteis, porém, Vealey (1986) sugere que uma operacionalização válida e específica para atletas possibilitaria previsões mais consistentes dos comportamentos em diferentes situações esportivas.

Esta proposta motivou o desenvolvimento de modelos específicos da autoconfiança em atletas. Especificamente nesse contexto, a autoconfiança é denominada como *sport-confidence* (autoconfiança esportiva ou autoconfiança no esporte). Originalmente, o modelo conceitual desenvolvido por Robin Vealey (1986) teve como base os referenciais teóricos sobre autoeficácia, competência percebida e expectativas de desempenho. Sugere que a autoconfiança esportiva é composta pelo traço de autoconfiança e estado de autoconfiança, associados às orientações competitivas, associadas às metas do atleta. O traço de autoconfiança é definido como a certeza que o indivíduo *geralmente* possui sobre suas habilidades para alcançar sucesso no esporte. O estado, como a certeza que o atleta possui *em um momento particular* sobre suas habilidades para alcançar sucesso nesse contexto. Vealey (1986) sugere que para prever associações entre autoconfiança e desempenho, com base neste modelo, é necessário conhecer as metas individuais que os atletas buscam em sua atuação. As metas podem ser predominantemente orientadas à execução das tarefas (orientação para o desempenho) ou a vitória (orientação para os resultados). Estas baseiam o que o modelo denomina de orientação competitiva.

A proposta se baseia em um paradigma interacional. As características de personalidade, traço de autoconfiança e orientação competitiva, interagem com a situação esportiva objetiva e afetam os níveis de estado de autoconfiança. Consequentemente, são afetadas as respostas comportamentais e os resultados subjetivos, compostos pelas atribuições de causa, percepções de sucesso e satisfação com o próprio desempenho. Os resultados subjetivos influenciam e são influenciados pelas características de personalidade que, por sua vez, continuam afetando os níveis momentâneos de autoconfiança. A Figura 1 representa o modelo.

Figura 1 – Primeiro modelo conceitual da autoconfiança esportiva



Fonte: Vealey (1986, tradução nossa)

Anos depois, Vealey, Garner-Holman, Hayashi e Giacobbi (1998) investigaram as fontes da autoconfiança esportiva. A natureza social do contexto esportivo parece exercer influência sobre a autoconfiança. Por exemplo: habilidades do treinador, apoio dos colegas de equipe, clima ambiental favorável, etc. O Quadro 2 expõe as nove fontes que afetam os níveis de autoconfiança dos atletas (Vealey et al., 1998).

Quadro 2 – Fontes da autoconfiança esportiva

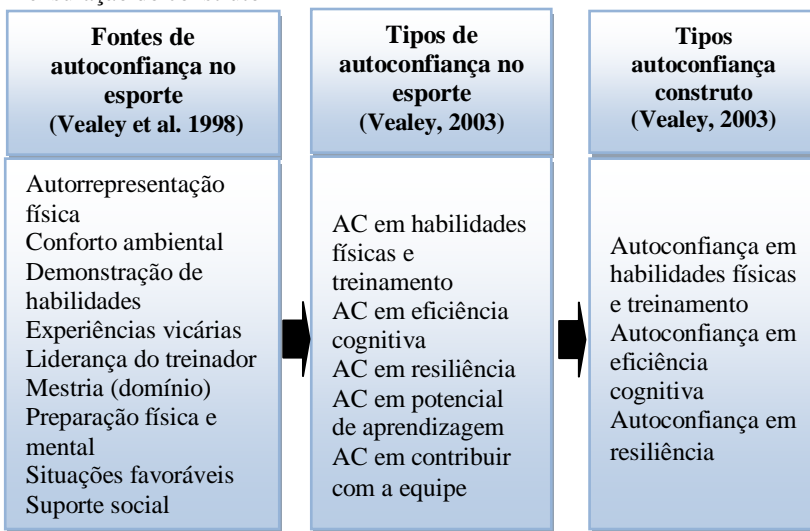
Fontes	Descrição
Autorrepresentação física	Sentir-se bem com relação ao próprio corpo e peso
Conforto ambiental	Sentir-se confortável e à vontade no ambiente em questão. Referente ao local, equipe de arbitragem, torcida, etc.
Demonstração de habilidades	Demonstrar as próprias habilidades e/ou alcançar sucesso como vitórias em jogos, superar adversários, etc.
Experiências vicárias	Observar outros atletas atuando com sucesso
Liderança do treinador	Acreditar na capacidade de seu treinador e confiar nas decisões por ele tomadas
Mestria (domínio)	Desenvolver e aprimorar habilidades necessárias à modalidade esportiva
Preparação física e mental	Estar preparado para executar habilidades esportivas. Referente ao foco nos objetivos
Situações favoráveis	Observar que a situação está ao seu favor e ocorrendo conforme previsto
Suporte social	Receber encorajamento daqueles com que se relaciona, como família, colegas de equipe, treinador, etc.

Fonte: Vealey e colaboradores (1998)

Feltz e colaboradores (2008) apresentam as fontes de autoeficácia propostas por Bandura (1997): a) Realizações de desempenho passado; b) experiências vicárias; c) persuasão verbal e d) estados psicológicos. Os autores comparam algumas das fontes de autoconfiança esportiva às de autoeficácia. Mestria e demonstração das próprias habilidades podem estar associadas às realizações de desempenho; preparação física e mental parcialmente relacionada com os estados emocionais; suporte social à persuasão verbal; e experiências vicárias tem a mesma proposta (Feltz et al., 2008).

A partir das fontes de autoconfiança, Vealey (2003) realizou entrevistas e dinâmicas de grupo focal, com atletas e especialistas do esporte, e caracterizou cinco tipos de autoconfiança. Estes basearam o desenvolvimento do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003), para avaliação do construto, composto por três subescalas, apresentados na Figura 2.

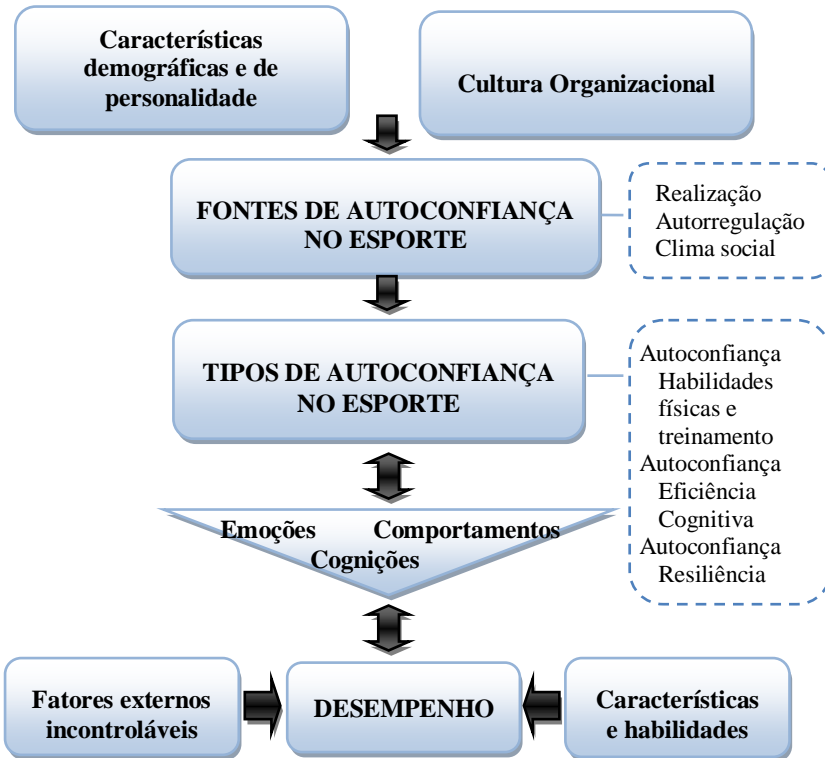
Figura 2 – Desenvolvimento das fontes e tipos de autoconfiança para mensuração do construto



Fonte: Vealey et al. (1998); Vealey (2003)

Os tipos de autoconfiança podem ser agrupados em três classificações: realização, autorregulação e clima social. As fontes e os tipos de autoconfiança esportiva parecem ter um papel importante na modificação dos níveis de autoconfiança. Esta perspectiva baseou a extensão do modelo conceitual de Vealey (1986). Vealey (2003) incluiu ao modelo aspectos como características de personalidade do atleta, a cultura organizacional na qual está inserido e multidimensionalidade da autoconfiança esportiva. Publicações mais recentes apresentam a proposta social cognitiva (Vealey & Chase, 2008). A Figura 3 demonstra o modelo.

Figura 3 – Modelo conceitual atual da autoconfiança esportiva



Fonte: Adaptado de Vealey e Chase (2008, tradução nossa)

Este modelo conceitual da autoconfiança esportiva apresenta diferentes aspectos que exercem papel sobre a autoconfiança. As particularidades do atleta e a cultura organizacional do ambiente de treinamento e competições afetam as fontes de autoconfiança (Vealey et al., 1998). Estas podem ser categorizadas em realizações, autorregulação e clima social, e influenciam as crenças do atleta sobre suas habilidades físicas, cognitivas e de resiliência (enfrentamento de adversidades). Como consequência, as crenças de sucesso influenciam as emoções, cognições e comportamentos que, por sua vez, também afetam as crenças de sucesso e o desempenho esportivo. O desempenho é influenciado, ainda, por fatores externos e características e habilidades físicas, e exerce, simultaneamente, papel sobre os comportamentos, emoções e cognições (Vealey & Chase, 2008).

O Quadro 3 destaca as principais modificações entre o modelo de Vealey (1986) e o mais recente, de Vealey & Chase (2008).

Quadro 3 – Comparação entre os cenários teóricos antigo e atual da autoconfiança esportiva

	Vealey (1986)	Vealey e Chase (2008)
Paradigma do modelo conceitual	Paradigma interacional : interação entre a situação esportiva e características individuais (traço e estado de autoconfiança e orientação competitiva).	Paradigma social cognitivo : características demográficas e de personalidade e da cultura organizacional, associadas às fontes e tipos da autoconfiança esportiva.
Dimensionalidade autoconfiança	Modelo unidimensional	Modelo multidimensional : autoconfiança esportiva composta por nove fontes (Vealey et al., 2008) e três tipos de autoconfiança
Personalidade do atleta	Características de personalidade : traço, estado de autoconfiança e orientação para metas	Características demográficas e de personalidade : idade, sexo, orientação para metas, etc.
Características ambientais	Situação esportiva objetiva	Cultura organizacional da prática da modalidade esportiva e clima social do ambiente que está atuando
Consequências	Afeta as respostas comportamentais e subjetivas (atribuições de causa, percepções de sucesso e satisfação com desempenho)	Afeta as emoções, cognições e comportamentos, que influenciam e são influenciadas pela atuação esportiva

Fontes: Vealey (1986); Vealey e Chase (2008)

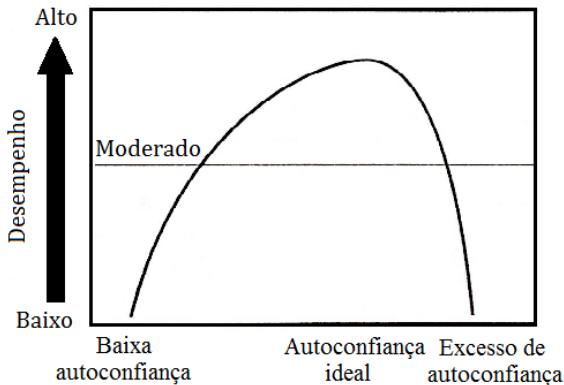
Observa-se que as modificações estão associadas a diversos aspectos. O paradigma proposto por Vealey e Chase (2008) enfatiza a influência do contexto e clima social no qual o atleta está inserido, destaca o caráter multidimensional da autoconfiança, amplia as características individuais do atleta e as consequências que afetam o atleta.

O funcionamento humano é influenciado por aspectos diversos. Os sucessos e fracassos, associados ao conhecimento e às habilidades,

exercem papel sobre a tomada de decisões. Entretanto, existe a interpretação (crença) do sujeito sobre a qualidade de seus conhecimentos e habilidades. As crenças que o indivíduo possui sobre as próprias habilidades podem influenciar os comportamentos. Isto explica porque, por vezes, o desempenho apresentado pelas pessoas não está relacionado com as suas capacidades reais (Bandura et al., 2008). Weinberg e Gould (2011) sugerem que cada atleta pode alcançar um nível ótimo (ideal) de autoconfiança. Alcançar este nível não necessariamente significa que apresentará um bom desempenho, mas que está realmente convicto de que pode alcançar suas metas e lutará para fazê-lo. Problemas de desempenho podem ocorrer se a autoconfiança estiver muito acima, ou muito abaixo, do nível ideal (Baranski, 2007; Weinberg & Gould, 2011).

A associação entre autoconfiança e atuação esportiva pode ser representada graficamente em U invertido, como mostra a Figura 4. Conforme o nível de autoconfiança aumenta, o desempenho melhora até o nível ótimo. O aumento de autoconfiança a partir deste ponto pode provocar prejuízos no desempenho. Um nível adequado de autoconfiança auxilia o indivíduo a lidar com os erros de forma eficiente e mantê-lo forte na luta pelo sucesso (Weinberg & Gould, 2011).

Figura 4 – Representação gráfica da relação entre autoconfiança e desempenho



Fonte: Weinberg e Gould (2011, tradução nossa)

O *déficit* e o excesso de autoconfiança podem ser problemáticos para o desempenho. A insegurança, associada ao baixo índice de autoconfiança, afeta a ansiedade, prejudica a concentração e dificulta a tomada de decisões. Atletas com *déficit* de autoconfiança se concentram mais em seus pontos fracos, esquecendo-se de se focar mentalmente no

que estão fazendo. Por outro lado, o excesso de autoconfiança, também chamado de falsa autoconfiança, reflete uma autoconfiança maior do que a real capacidade. Prejuízos de desempenho podem ocorrer por conta da superestimação das próprias habilidades para obter sucesso, pois o atleta tende a acreditar que já está preparado e não se esforça o suficiente nos treinamentos (Weinberg & Gould, 2011).

As expectativas sobre o desempenho esportivo afetam as emoções, concentração, definição de metas, nível de esforço, foco nas estratégias de jogo e estabilidade na atuação. Conforme exposto, influencia as emoções, cognições e comportamentos (Vealey & Chase, 2008; Jones, Hanton & Swain, 1994; Hanton, Mellalieu & Hall, 2004; Mellalieu, Hanton & Thomas, 2008; Filaire et al., 2009; Liz et al. 2009). A crença de insucesso pode criar, ainda, uma profecia autorrealizável negativa (Weinberg & Gould, 2011). Esta é uma barreira psicológica que conduz a um ciclo vicioso: a expectativa negativa resulta em falha, a qual afeta negativamente a autoimagem e as expectativas para a execução das próximas tarefas, podendo levar a novos problemas de desempenho.

Ferreira (2008) identificou fraca associação entre autoconfiança e desempenho, avaliado por meio de *scout* técnico, em atletas de futebol. Outros estudos não apresentaram associações estatisticamente significativas entre autoconfiança e desempenho (Iyzuca, 2003; Souza et al., 2012). Hernandez e Gomes (2002) compararam os níveis de autoconfiança entre atletas com diferentes resultados competitivos de atletas, classificados em vitórias e derrotas. Não encontraram diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis. Absdolalizadeh, Torbati, Sohrabi, Mohammadi e Tavalolian (2010) investigaram associações entre as fontes de autoconfiança (Vealey et al., 1998) e resultados competitivos de lutadores. Identificaram associações positivas e significativas entre liderança dos treinadores, mestria, conforto ambiental, demonstração de habilidades, preparação física/mental e autorrepresentação física e os resultados de desempenho.

Iyzuca (2003) afirma que os níveis de autoconfiança não possibilitam a emissão de inferências sobre o desempenho. Porém, a articulação dos resultados apresentados podem sugerir uma associação indireta entre as variáveis. A literatura sugere que a autoconfiança contribui com o equilíbrio de estresse e ansiedade em atletas (Liz et al., 2009). No esporte paraolímpico, a autoconfiança foi citada como um fator de influência importante na qualidade de vida dos atletas (Parreiras, 2009). Atletas paraolímpicos portugueses, com idades entre 19 e 49 anos, que representaram Portugal nos Jogos Olímpicos de

Atenas, apresentaram níveis elevados de autoconfiança, motivação e atitude positiva (Bodas, Lázaro & Fernandes, 2007). Este estudo contou com a aplicação da versão adaptada por Vasconcelos-Raposo (1993) do Perfil Psicológico de Prestação – PPP (Loher, 1986). O questionário é composto por subescalas de autoconfiança, pensamentos negativos e positivos, atenção, visualização, motivação e atitude competitiva.

Estudos investigaram, ainda, o papel mediador da autoeficácia e autoconfiança em situações competitivas diversas. Atletas com elevados índices de autoconfiança tendem a perceber a ansiedade como facilitadora, em vez de debilitadora (Jones et al., 1994; Mellalieu et al., 2008; Hanton et al., 2004). Uma estudo com atletas brasileiros de futsal, sexo masculino, com idades entre 16 e 26 anos, sugere que atletas com maiores níveis de autoeficácia tendem a atuar de forma mais segura e eficiente, independente das manifestações da torcida (Couto Junior et al., 2007). Robazza e Bertoli (2007) investigaram os efeitos da autoconfiança e ansiedade sobre a raiva em atletas de *rugby*. Sugerem que a autoconfiança é preditiva de comportamentos de controle da raiva e ansiedade. Mowlaie, Besharat, Pourbohloul e Azizi (2011) apresentam as mesmas conclusões, acrescentando que essa mediação interfere na atuação esportiva.

Vasconcelos-Raposo, Coelho, Mahl e Fernandes (2007) verificaram que jogadores brasileiros de futebol de nível nacional apresentaram níveis significativamente maiores de autoconfiança e menores de ansiedade cognitiva do que os de nível regional. Estes índices variaram proporcionalmente ao considerar a divisão que o atleta compete. Atletas que competem na primeira divisão apresentaram níveis significativamente maiores de autoconfiança e menores de ansiedade cognitiva, tanto em nível nacional, quanto regional.

Algumas pesquisas investigaram associações entre autoconfiança, perfeccionismo e desempenho. Sugerem que atletas com elevados níveis de perfeccionismo tendem a apresentar elevados níveis de autoconfiança e desempenho e controlar a raiva quando não alcançam a perfeição desejada (Stoeber, Otto, Pescheck, Becker, & Stoll, 2007, Stoll, Lau, & Stoeber, 2008).

Alguns estudos utilizaram o *Competitive Sport Anxiety Inventory-2* – CSAI-2 (Martens et al., 1990) para verificar as associações entre ansiedade, autoconfiança e desempenho. O CSAI-2 é um instrumento de avaliação da ansiedade estado competitiva composto pelas subescalas ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança. Filaire e colaboradores (2009) investigaram os efeitos de diferentes estados psicológicos no desempenho esportivo de 16 tenistas, 8 do sexo

masculino e 8 do sexo feminino. Atletas do sexo masculino apresentaram níveis de autoconfiança estatisticamente significativos maiores, e de ansiedade menores, que do sexo feminino. Quanto ao desempenho, os atletas vencedores apresentaram ansiedade cognitiva e somática significativamente mais baixos, e de autoconfiança significativamente mais altos, do que os que perderam.

Hunt, Tietschel, Hatfield e Isso-Ahola (2013) buscaram identificar um perfil com características psicofisiológicas e psicológicas de atletas vencedores e perdedores no esporte competitivo. A autoconfiança foi uma das variáveis verificadas. Os resultados sugerem que o sucesso competitivo pode estar associado aos níveis de autoconfiança, embora não tenham sido utilizados instrumentos específicos de avaliação da autoconfiança nesse estudo.

Em geral, a literatura científica aponta que a autoconfiança está associada à processos psicológicos diversos. Verifica-se que, alguns estudos sugerem associação entre autoconfiança e resultados competitivos. Porém, esta associação parece ser fraca, e/ou indireta. Outros, afirmam que não é possível obter inferências acerca desta associação. A fim de cumprir os objetivos propostos, foi realizada vasta investigação teórica acerca dos instrumentos de avaliação da autoconfiança em atletas. A seção 2.3 apresenta os principais instrumentos encontrados, na literatura científica nacional e internacional, sobre a medida do construto autoconfiança em atletas.

2.1 AUTOCONFIANÇA E AUTOEFICÁCIA

O modelo original da autoconfiança esportiva (Vealey, 1986) baseou o desenvolvimento de instrumentos de avaliação da autoconfiança específicos para atletas. A conceituação composta por traço e estado de autoconfiança esportiva indicou a necessidade da elaboração de dois instrumentos específicos: *Trait Sport-Confidence Inventory* e *State Sport-Confidence Inventory*. O primeiro visa medir o grau de certeza que atletas geralmente apresentam no contexto esportivo, relacionado à característica de personalidade (traço de autoconfiança). Solicita que o respondente reflita sobre seu grau de confiança nas situações competitivas em geral. O segundo mede o grau de certeza que atletas estão sentindo em um momento ou ambiente específico, relacionado às crenças que podem variar de acordo com diferentes situações (estado de autoconfiança). Solicita que o respondente reflita sobre o grau de certeza em obter desempenhos de sucesso “neste momento”. Ambos sugerem que o sujeito se compare ao

atleta mais confiante que conhece. São unidimensionais, compostos por treze itens. Cada item refere uma habilidade esportiva e deve ser respondido em uma escala com variação de 1 (baixa autoconfiança), 5 (média autoconfiança) à 9 (elevada autoconfiança).

Diferentes procedimentos compuseram o processo de desenvolvimento e investigação e evidências de precisão e validade desses instrumentos. Elaboração inicial de vinte itens para o TSCI, dezenove para o SSCI e escala com variação de 5 pontos. Os procedimentos e resultados foram: a) validação de juízes, que manteve 16 itens no primeiro instrumento e 15 itens no segundo; b) validade pela estrutura interna por meio de análise fatorial com extração dos itens com autovalor maior que 1,0; c) estatística descritiva, que identificou necessidade de maior variação de respostas para a escala; e d) correlação, que verificou vieses de resposta resultantes de efeito de desejabilidade social. Na segunda etapa, os inventários foram modificados, de acordo com os resultados estatísticos, e submetidos a nova aplicação e análises que indicaram: a) variação adequada das respostas à escala modificada de 9 pontos; b) índices satisfatórios de consistência interna, por meio de *alpha de Cronbach* (α total: 0,93 para TSCI; α total: 0,95 para SSCI; α para os itens superiores a 0,5); e c) diminuição dos vieses de resposta por desabilidade social a níveis estatisticamente não significativos. Nas etapas posteriores, foram identificadas evidências de validade por meio de validade teste-reteste, validade concorrente e validade de construto.

A conceituação das fontes da de autoconfiança deu origem ao *Sources of Sport-Confidence Questionnaire* – SSCQ (Vealey et al., 1998). O instrumento de avaliação tem como objetivo identificar a influência das fontes sobre a autoconfiança do atleta. É composto por quarenta e um itens, distribuídos em nove subescalas: mestria, demonstração de habilidades, preparação física e mental, autorrepresentação física, suporte social, liderança do técnico, experiências vicárias, conforto ambiental e situação favorável. Solicita ao respondente que se lembre de momentos no esporte em que se sentiu extremamente autoconfiante e classifique o quão importante os componentes descritos em cada item foram importantes obter tal nível de autoconfiança. Os itens referem, portanto, situações que afetam a autoconfiança esportiva e devem ser respondidos em uma escala com variação de 1 (nem um pouco importante) até 7 (de maior importância).

O estudo foi desenvolvido em quatro etapas. Nas três primeiras foram desenvolvidos os primeiros itens e realizadas investigações iniciais de precisão e validade. O procedimento de validade de conteúdo

contou com a realização de estudo piloto, com atletas e juízes especialistas, para verificar clareza e adequação dos itens e identificar fontes adicionais que julgassem importantes. Após as modificações sugeridas e administração do SSCQ, foram investigadas evidências de precisão e validade pela estrutura interna. Novas modificações e administração foram realizados na quarta etapa. Em seguida, realizaram-se procedimentos de análise fatorial confirmatória, correlação entre as subescalas, verificação dos valores de *alpha de Cronbach* (α superior a 0,70 para todas as subescalas; α superior a 0,40 para os itens) e da variação das respostas à escala de 7 pontos. Verificou-se adequação do modelo multidimensional, com sugestões de aperfeiçoamento do questionário pelos autores.

Verificou-se também, na literatura científica internacional, o *Carolina Sport-Confidence Inventory* – CSCI (Manzo et al., 2001). O objetivo deste inventário é, segundo os autores, avaliar os níveis de autoconfiança em atletas. Seu desenvolvimento é baseado em uma perspectiva que inclui componentes relacionados ao modo como atletas julgam suas habilidades atléticas e interpretam as informações, para formar as próprias expectativas. As dimensões, identificadas na literatura como disposicionais para a autoconfiança, são: a) competência esportiva: habilidade para aprender, percepção das próprias habilidades e autoconfiança no ambiente esportivo, b) disposição ao otimismo: expectativas positivas de futuro; e c) controle percebido: interpretações/atribuições do atleta sobre os resultados alcançados. O instrumento é composto por treze itens e duas subescalas: competência esportiva e disposição ao otimismo. Cada item apresenta duas informações relacionadas à crença nas próprias habilidades para obter sucesso e solicita que o respondente assinale qual delas é muito, ou pouco, verdadeira para ele. A investigação de evidências de precisão e validade do CSCI foi composta por: a) validade pela estrutura interna: análise fatorial exploratória, sustentando duas das três dimensões disposicionais para autoconfiança; b) validade concorrente; c) vieses de resposta por deseabilidade social; d) verificação da consistência interna e d) procedimento de teste-reteste. Feltz e colaboradores (2008) afirmam que, embora o CSCI seja intitulado como instrumento que avalia autoconfiança, sua conceituação parece estar mais relacionada com medidas disposicionais de competência percebida e expectativas positivas, do que julgamentos de habilidades. Esta pode ser uma das razões pelas quais poucos estudam utilizam este instrumento de avaliação.

A revisão de literatura produzida nesta pesquisa de mestrado sugere que os instrumentos *Trait Sport-Confidence Inventory* e *State Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 1986) são muito utilizados atualmente. Por outro lado, Vealey (2003) defende que devem ser desenvolvidos e aprimorados instrumentos baseados na abordagem social cognitiva.

O instrumento utilizado nesta pesquisa, *Sport-Confidence Inventory* – SCI (Vealey, 2003), foi desenvolvido com base na conceituação do modelo multidimensional da autoconfiança esportiva. Tem como objetivo avaliar os níveis de autoconfiança do atleta no momento da sua administração. É composto por quatorze itens e três subescalas, denominadas como tipos de autoconfiança: a) Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento: crença ou grau de certeza do atleta sobre suas habilidades para executar as habilidades físicas necessárias e alcançar desempenho com sucesso no esporte; b) Autoconfiança em Eficiência Cognitiva: crença ou grau de que ele/ela consegue focar-se mentalmente, manter a concentração e tomar decisões efetivas para alcançar desempenho com sucesso no esporte; c) autoconfiança em resiliência: crença ou grau de certeza de que ele/ela pode recuperar o foco mental após erros de desempenho, recuperar-se de um mau desempenho e superar dúvidas, problemas e contratempos para alcançar desempenho com sucesso no esporte. Cada item representa uma habilidade esportiva para alcançar sucesso, que deve ser respondida em uma escala que varia de 7 (certeza absoluta que posso fazer) até 1 (não posso fazer de jeito nenhum). Solicita que o respondente assinale a alternativa que melhor represente o seu grau de confiança naquela habilidade para aquele momento. A autoconfiança esportiva é definida como a crença ou o grau de certeza do atleta de que possui a habilidade necessária para alcançar desempenho com sucesso no esporte. É obtida pela soma dos resultados obtidos nos três tipos de autoconfiança.

Vealey (2003) teve como objetivo identificar tipos dominantes de autoconfiança e operacionalizar estes domínios em uma medida multidimensional da autoconfiança. A pesquisa que norteou o estudo foi: “Quais as demandas do esporte competitivo exigem autoconfiança ou quais os tipos de autoconfiança são necessários para alcançar sucesso esportivo?”. Procedimentos específicos suportaram evidências de precisão e validade: estudo piloto para validade de conteúdo e de face, precisão por meio de verificação de valores *alpha de Cronbach* e teste-reteste, validade concorrente e validade de construto para a o questionário desenvolvido. Investigou ainda associações entre autoconfiança e avaliações subjetivas sobre a atuação esportiva, por

meio de correlação.

Os procedimentos iniciais indicaram a existência de cinco tipos de autoconfiança: a) autoconfiança na execução das habilidades físicas/técnicas (grau de certeza sobre a execução das habilidades físicas/técnicas); b) autoconfiança no treinamento e preparo físico (grau de certeza sobre o treinamento e nível físico); c) autoconfiança em eficiência cognitiva (grau de certeza em manter o foco de atenção e manejar as emoções); d) autoconfiança em habilidades de percepção (grau de certeza em tomar decisões importantes, usar efetivamente a estratégia necessária, adaptar-se cognitivamente de acordo com as condições da competição); e e) autoconfiança no potencial de aprendizagem (grau de certeza do atleta na habilidade de aprimorar/desenvolver suas habilidades). Os procedimentos de validade pela estrutura interna suportaram as três subescalas mencionadas na versão final.

A associação entre autoconfiança e desempenho foi verificada entre os procedimentos de investigação. A pergunta que baseou esta etapa foi: “Qual a relação entre os três tipos de autoconfiança e o desempenho de atletas?”. Foi realizada em situações pré-competitivas com nadadores que disputaram a mesma competição (n=23). Estes responderam ao *Sport-Confidence Inventory* (Vealay, 2003) e foram orientados a refletir sobre seu grau de certeza com relação a esta competição. As medidas de desempenho contemplaram autoavaliações dos nadadores e avaliação de seus treinadores em uma escala que variou de 7 (desempenho excepcional/superou as expectativas) à 1 (desempenho extremamente baixo/não alcançou as expectativas de modo algum), em sete situações pré-competitivas. As associações entre autoconfiança e percepção do desempenho pelos atletas e treinadores foi verificada por meio correlação. Os resultados indicaram que a autoconfiança foi preditiva de desempenho em três das sete avaliações, com níveis estatisticamente significativos de 21%, 14% e 28%.

Alguns estudos aplicaram instrumentos de avaliação de outros construtos, que são compostos, entre suas subescalas, por uma medida de autoconfiança. O *Competitive Anxiety Sport Inventory – CSAI-2* (Martens et al., 1990) tem como objetivo avaliar níveis de ansiedade estado competitiva. A versão original foi desenvolvida por Martens (1982), mas as publicações em geral referenciam a versão revisada, de Martens e colaboradores (1990). É composto por 27 itens, distribuídos em três subescalas: ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança. Os itens descrevem possíveis sensações pré-competitivas e devem ser respondidos de acordo com a intensidade que afetam o

atleta, em uma escala que varia de 1 (nem um pouco) até 4 (muito). Cox, Martens e Russel (2003) desenvolveram uma versão reduzida do CSAI-2, intitulada CSAI-2R. Esta é composta por 17 itens, distribuídos nas mesmas subescalas.

Coelho, Vasconcelos-Raposo e Mahl (2010) verificaram a estrutura fatorial do CSAI em dois grupos de jogadores de futebol brasileiros. Entre os participantes, um grupo é composto por atletas de nível regional (n = 266, média de idade = 22,87 anos, média tempo de experiência = 11,32 anos) e outro de nível nacional (n = 263, medida de idade = 23,16 anos, média tempo de experiência = 11,11 anos). O modelo proposto por Cox e colaboradores (2003) – CSAI-2R – demonstrou melhor ajustamento para o grupo de nível regional. Enquanto o modelo proposto por Coelho, Vasconcelos-Raposo e Fernandes (2007), composto por 18 itens, distribuídos em duas subescalas, apresentou melhor adequação para o segundo grupo. Para a análise com os dois grupos conjuntamente, o modelo de Coelho e colaboradores (2007) foi o que melhor se ajustou. Os autores recomendam estudos futuros que demonstrem melhores propriedades psicométricas dos instrumentos em atletas brasileiros.

Fernandes, Vasconcelos-Raposo e Fernandes (2012) investigaram as propriedades psicométricas do CSAI-2 em atletas brasileiros (n = 374), por meio de validade pela estrutura interna, invariância e validade convergente. Os resultados sugerem índices adequados de ajustamento e evidências de validade e precisão do modelo reduzido CSAI-2R. Concluem que esse modelo apresenta propriedades psicométricas satisfatórias para administração em atletas brasileiros.

Machado, Bartholomeu e Montiel (2013) investigaram a qualidade dos itens e as categorias de respostas da variação escalar de 1 à 4 para atletas brasileiros (n=172), investigaram evidências de validade pela estrutura interna e precisão. Os autores afirmam que os indicadores iniciais demonstram adequação do modelo para atletas brasileiros. Porém, novas investigações são importantes principalmente no que se refere à variação escalar.

O uso de diferentes versões do *Competitive Sport Anxiety Scale* (Martens et al., 1990) é muito comum em Psicologia do Esporte, tanto na literatura nacional quanto internacional. Porém, Feltz e colaboradores (2008) atentam para uma série de estudos que reforçam a correlação entre as escalas. Recomendam que as subescalas não sejam administradas separadamente e que escalas específicas de autoconfiança sejam aplicadas se este for o objetivo da avaliação.

Outro inventário com uma medida de autoconfiança para atletas entre suas escalas é o *Athletic Coping Skills Inventory* – ACSI-28 (Smith et al., 1995). É composto por 28 itens, distribuídos em sete subescalas: lidar com adversidades, desempenho sob pressão, metas/preparação mental, concentração, livre de preocupação, treinabilidade e confiança/motivação. Coimbra (2011) validou a versão adaptada para atletas brasileiros – ACSI-28BR. Os itens representam comportamentos de enfrentamento no esporte, que devem ser respondidos de acordo com a frequência que são executados pelo atleta, em uma escala que varia de 0 (quase nunca) à 3 (quase sempre).

A versão brasileira apresenta a mesma composição da original. Procedimentos específicos foram realizados no processo de adaptação transcultural. O método *parallel back translation*, com posterior estudo piloto, baseou a tradução da escala original. Esta versão foi respondida por 375 atletas, com idades entre 13 e 22 anos. As evidências de validade e precisão foram investigadas pelos seguintes métodos: a) análise fatorial exploratória, que indicou a multidimensionalidade com as mesmas subescalas da versão original; b) verificação da consistência interna, com valores de *alpha de Cronbach* superiores a 0,5, e método teste-reteste (n=46), com coeficientes superiores a 0,7 para as subescalas e escore total.

Não foram encontrados na literatura científica instrumentos de avaliação específicos para avaliar os níveis de autoconfiança em atletas brasileiros. Um dos objetivos deste estudo foi desenvolver uma medida válida, precisa e específica de autoconfiança esportiva para esta população. Posteriormente, foram investigadas evidências validade pela estrutura interna e precisão do instrumento adaptado. Por fim, foram associadas variáveis de perfil, resultados competitivos e níveis de autoconfiança dos participantes. O capítulo 4 apresenta os procedimentos realizados ao longo do estudo.

3 MÉTODO

O método descrito foi estabelecido com base nos objetivos do estudo. Este capítulo apresenta as características da pesquisa, participantes e contexto de estudo, instrumentos utilizados e procedimentos metodológicos.

3.1 NATUREZA E DELINEAMENTO

Esta pesquisa, de caráter aplicado, parte de hipóteses teóricas e delineamento metodológico de campo, para compreender a relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas (Domenico & Cassetari, 2002; Marconi & Lakatos, 2002). É considerada de natureza explicativa, com vistas a compreender a associação entre esses fenômenos e seus efeitos (Richardson, 1989).

O delineamento de pesquisa conduziu ao uso de fontes primárias de coleta de dados e procedimentos estatísticos específicos foram aplicados para análise dos resultados (Cozby, 2003; Richardson, 1989). Recorreu à abordagem quantitativa dos dados para descrever e explicar a associação entre as variáveis estudadas. Verificação dos valores *alpha de Cronbach* e análise de componentes principais foram utilizados para investigar evidências de precisão e validade teórica. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, testes estatísticos paramétricos e não paramétricos.

3.2 PARTICIPANTES E CONTEXTO DE PESQUISA

Participaram da pesquisa 392 atletas de alto rendimento, que competem em nível nacional, nas modalidades esportivas ginástica artística, ginástica rítmica e futebol. Entre os participantes, 10 foram excluídos da análise de dados, por terem respondido parcialmente o Questionário de Autoconfiança no Esporte. O processo de seleção dos participantes é classificado como não probabilístico por conveniência, pois a probabilidade de um membro qualquer da população total participar foi desconhecida e a coleta de dados dependeu das possibilidades de locomoção e disponibilidade do pesquisador (Cozby, 2003).

A amostra do estudo foi composta por 382 atletas de alto rendimento, com idades entre 11 e 22 anos (Média=14,56; DP=1,53), sendo 259 do sexo masculino (67,80%) e 123 do sexo feminino (32,30%). Quanto à modalidade esportiva, 48 são atletas de ginástica

artística (12,57%), 94 de ginástica rítmica (24,61%) e 240 de futebol (62,83%).

Na etapa de associação entre autoconfiança e resultados competitivos, foram utilizados como critérios de inclusão atletas que competiram individualmente e em modalidades esportivas sem confronto direto com o adversário, a fim de padronizar os dados analisados e associá-los com índices individuais de autoconfiança. Por esta razão, não foram incluídos resultados de atletas de ginástica rítmica que competiram em conjunto, nem resultados de atletas de futebol.

A maior parte dos dados foi coletada em competições nacionais das referidas modalidades esportivas. Uma das coletas de dados com atletas de futebol não foi realizada durante evento competitivo. Esta foi realizada no próprio local de treinamento e contou com o apoio do setor de psicologia do clube em questão. As coletas ocorreram nas cidades de Caxias do Sul/RS, Aracaju/SE, Belo Horizonte/MG e Curitiba/PR.

3.3 VARIÁVEIS DE ESTUDO E FONTES DE COLETAS DE DADOS

Foram coletadas informações de perfil dos atletas, dados objetivos referentes à autoconfiança e resultados competitivos obtidos nas competições de ginástica referidas. Os instrumentos utilizados foram:

a) Questionário de perfil do atleta: perguntas elaboradas pelos pesquisadores, apresentadas após o Questionário de Autoconfiança no Esporte, com o objetivo de identificar associações entre variáveis de perfil e níveis de autoconfiança dos participantes. Foi composto pelos seguintes itens: idade, sexo, modalidade esportiva, categoria na modalidade esportiva (os participantes da amostra de estudo competem em categorias de base, variando em Infantil, Juvenil e Adulto para atletas de ginástica e Sub13, Sub15 e Sub17 para futebol), idade que iniciou em treinamentos, idade que iniciou em competições e nível atual de escolaridade.

b) Questionário de Autoconfiança no Esporte (Apêndice A): versão adaptada para o idioma português corrente no Brasil do *Sort-Confidence Inventory* (Anexo D), desenvolvido por Vealey (2003), a fim de avaliar os níveis de autoconfiança em atletas. Composto por 14 itens, distribuídos originalmente em três subescalas, classificadas pela autora como tipos de autoconfiança: Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento, Autoconfiança em Eficiência Cognitiva e Autoconfiança em Resiliência. Solicita que o participante responda objetivamente o grau de certeza de sucesso que possui sobre a

habilidade descrita em cada item. A escala é composta pelas seguintes classificações: 7 – absolutamente certo (certeza absoluta que sim); 6 – praticamente certo (quase certeza que sim); 5 – bastante certo (acho que sim); 4 – talvez (tenho dúvidas); 3 – bastante incerto (acho que não); 2 – praticamente incerto (quase certeza que não) e 1 (não posso fazer de jeito nenhum – absolutamente não).

O Quadro 4 apresenta a composição original do instrumento *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) por subescalas.

Quadro 4 – Subescalas e itens do *Sport-Confidence Inventory*

<i>Sport-Confidence Inventory</i> (Vealey, 2003)
Subescala1: Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento
1- pode executar as habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?
10- pode executar com sucesso as habilidades físicas necessárias em seu esporte?
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?
Subescala2: Autoconfiança em Eficiência Cognitiva
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?
11- pode manter o foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?
Subescala3: Autoconfiança em Resiliência
3- consegue se recuperar de um mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o seu desempenho?

Fonte: Vealey (2003)

Além de investigar as variáveis de perfil e níveis de autoconfiança, foram incluídos os resultados competitivos dos atletas de ginástica artística e ginástica rítmica:

c) Resultados competitivos: notas individuais dos atletas de ginástica artística e rítmica que competiram individualmente. Valores atribuídos às provas apresentadas nas competições referidas, definidos pelo julgamento de árbitros especialistas na modalidade esportiva em questão. Os resultados competitivos individuais foram obtidos pelo site da Confederação Brasileira de Ginástica.

3.4 PROCEDIMENTOS, IMPLICAÇÕES ÉTICAS E TRATAMENTO DOS DADOS

Este tópico se refere aos procedimentos empregados no estudo. Contempla a descrição dos procedimentos metodológicos, realizados em duas etapas. A primeira parte se refere ao processo de adaptação do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) para o idioma português corrente no Brasil e a investigação de evidências de validade semântica e de face do instrumento adaptado. A segunda descreve os procedimentos de coleta de dados, verificação de validade pela estrutura interna e precisão da versão brasileira do questionário, análise de associações entre perfil, resultados competitivos e autoconfiança dos participantes e decisões estatísticas relacionadas.

Mediante aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (Anexo A), Comitê de Ética para Pesquisas com atletas da Confederação Brasileira de Ginástica (Anexo B) e autorização da organização da competição de futebol na qual ocorreu a coleta (Anexo C) o curso de investigação ocorreu foi conduzido de acordo com as seguintes etapas.

3.4.1 Adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003)

O processo de tradução e adaptação transcultural é uma possibilidade inicial para a obtenção de instrumentos de avaliação que permitam comparar diferentes populações (Camargo & Contel, 2004). Após o consentimento da autora do instrumento original Robin Vealey, PhD. (Anexos E e F), os procedimentos iniciais foram conduzidos conforme orientam Dobansky e Santos (2000) e Beaton e Guillemin (2000):

a) Tradução do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) para idioma português: três especialistas em Psicologia do Esporte, brasileiros com fluência no inglês, foram convidados para traduzir o SCI

para o idioma português corrente no Brasil. Os *experts* foram dois profissionais de Psicologia e um de Educação Física. As três traduções recebidas, uma de cada *expert*, foram comparadas para desenvolver a versão 1, em português, do questionário. O desenvolvimento da versão 1 ocorreu do seguinte modo: palavras e expressões traduzidas igualmente nas três traduções recebidas, ou em pelo menos duas delas, foram utilizadas na versão 1. Aquelas traduzidas de forma diferente nas três traduções recebidas foram comparadas à escala original e utilizaram-se as palavras ou expressões com tradução mais adequada. Ressalta-se que, em nenhum dos casos, os conteúdos das traduções recebidas prejudicaram o sentido da escala original.

b) Estudo Piloto 1: 19 atletas de alto rendimento e 3 de esporte universitário (n=22), brasileiros, com idades entre 11 e 35 anos, foram convidados a responder a versão 1 do Questionário de Autoconfiança no Esporte e relatar suas impressões, sugestões e questionamentos. O objetivo foi identificar modificações necessárias para a população brasileira e definir a idade mínima dos participantes da pesquisa. Esta etapa foi realizada individualmente. O participante foi informado dos objetivos do estudo e solicitado a expressar todas as considerações e questionamentos que julgasse pertinentes. Todas as informações foram registradas pela pesquisadora e analisadas posteriormente. Alterações específicas foram realizadas considerando a população-alvo e o contexto estudo, resultando na versão 2, em português, utilizada nos procedimentos seguintes.

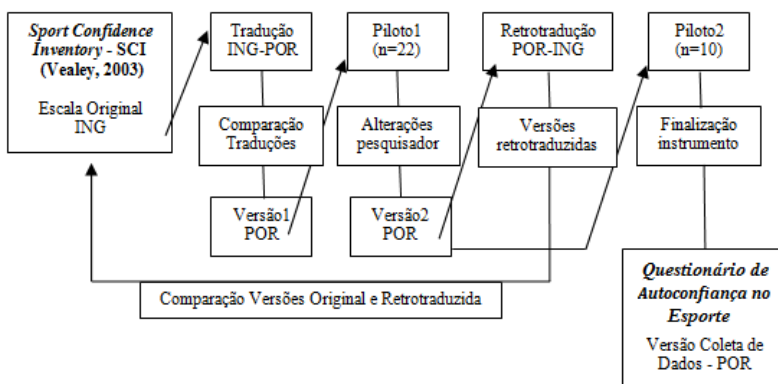
c) Retrotradução/*Back translation*: três profissionais, brasileiros e especialistas no idioma inglês – dois professores de inglês e um tradutor – foram convidados a traduzir a versão 2 de português para inglês. Esta etapa buscou verificar se as alterações realizadas na escala em português não prejudicaram o sentido das palavras e sentenças da escala original. As versões retrotraduzidas foram comparadas com a escala original. Os termos traduzidos diferentemente da escala original foram aceitos, desde que apresentassem o mesmo sentido.

d) Estudo piloto 2: continuação do processo de validação semântica e de face, com o objetivo de verificar se respondentes pertencentes à população-alvo compreendem plenamente as instruções, conteúdo dos itens, variação escalar e apresentação do instrumento de avaliação (Cozby, 2003). O Questionário de Autoconfiança no Esporte foi administrado em atletas universitários (n=5) e de alto rendimento (5), que participam de competições em níveis estaduais, regionais e nacionais. Esta etapa foi realizada individualmente, seguindo procedimento padrão conforme o primeiro estudo piloto. A investigação

de evidências de validade semântica e de face demonstrou que não havia necessidade de novas modificações associadas à linguagem, conteúdo e apresentação do Questionário de Autoconfiança no Esporte, definindo-se a versão a ser administrada para coleta de dados do estudo.

A Figura 5 demonstra o processo de adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 1986, 2003) para o idioma português corrente no Brasil.

Figura 5 – Processo de adaptação transcultural do Questionário de Autoconfiança no Esporte.



Fonte: Dos autores (2014)

Conforme exposto, esta etapa consistiu no desenvolvimento do instrumento administrado na coleta de dados do estudo. A seguir, apresenta-se a segunda etapa de investigação.

3.4.2 Evidências de validade e precisão do instrumento adaptado e associações entre autoconfiança, perfil e resultados competitivos dos participantes

Esta seção descreve os procedimentos de coleta de dados e investigação de evidências de validade e precisão do instrumento adaptado. Relata, ainda, como foram conduzidos os processos de investigação das associações entre variáveis de perfil, autoconfiança e resultados competitivos dos atletas participantes.

Inicialmente, foram administrados o Questionário de Autoconfiança no Esporte e o Questionário de Perfil do Atleta. As coletas de dados com atletas de ginástica artística e ginástica rítmica

foram realizadas, exclusivamente, em dias de treinamento prévio competitivo, que antecederam competições nacionais oficiais destas modalidades esportivas. A maior parte dos atletas de futebol também participou da pesquisa durante evento competitivo, respondendo ao questionário no dia de folga ou de jogo, em turno oposto à partida. Todas as coletas de dados em competições foram realizadas pela pesquisadora. Nos locais em que não foi possível estar presente, a pesquisadora entrou em contato com o setor de psicologia do clube em questão, que auxiliou no processo de aplicação do questionário em situações não competitivas.

Os atletas foram convidados a participar da pesquisa mediante aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis (Apêndice B). Ao aceitarem, os participantes foram informados sobre objetivos do estudo, sigilo e devolutiva de resultados, e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para atletas (Apêndice C), Questionário de Autoconfiança no Esporte e Questionário de Perfil do Atleta. Durante a administração, a pesquisadora se colocou à disposição para eventuais esclarecimentos. Os dados foram tabulados no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, versão 17. Em seguida, investigaram-se evidências de validade pela estrutura interna, precisão, associação entre autoconfiança e variáveis de perfil e entre autoconfiança e resultados competitivos dos atletas.

Nestas investigações, a amostra de estudo foi separada em dois grupos amostrais, com vistas a obter resultados comparativos entre atletas de ginástica, que foram o foco do presente estudo, com os de futebol. Os tópicos descrevem os procedimentos realizados para análise dos dados:

a) Evidências de validade pela estrutura interna: possibilitou a investigação da validade teórica do Questionário de Autoconfiança no Esporte e exame entre o modelo estudado e o modelo multidimensional proposto pela teoria da autoconfiança e seu respectivo instrumento de medida (Vealey, 2003). Evidências de validade pela estrutura interna foram verificadas por meio de análise de componentes principais, sem rotação e com rotação varimax, normalização de Kaiser, apresentação de cargas fatoriais mínimas de 0,3 e teste de esfericidade de Bartlett. Foram extraídos os componentes com autovalores mínimos de 1,0 e adotado intervalo de confiança de 95% ($p < 0,05$).

b) Evidências de precisão: a precisão de um instrumento abrange aspectos relacionados à consistência dos resultados encontrados e verifica se os dados são suficientemente livres de erro para serem úteis à

investigação (Cozby, 2003). Foram analisados os valores de *alpha de Cronbach* por itens, para o total da escala, por subescalas e seus itens, resultantes da validade pela estrutura interna do Questionário de Autoconfiança no Esporte administrado em cada grupo amostral.

c) Associações entre perfil do atleta e autoconfiança: foram investigadas de associações entre as variáveis do Questionário de Perfil do Atleta e o escore total de autoconfiança, obtido pela soma das respostas ao Questionário de Autoconfiança no Esporte. A normalidade dos dados numéricos foi verificada por meio do teste de Shapiro-Wilk para os grupos de ginástica e futebol, separadamente e integrados em uma única amostra. Apenas a variável escore total de autoconfiança para atletas de ginástica seguiu distribuição que se aproximou da normalidade. Foi adotada estatística paramétrica para as associações entre as variáveis nominais, ou apresentadas em faixas, e o escore total de autoconfiança para o grupo de ginástica (teste t e anova oneway). Nos demais, foram adotados procedimentos de estatística não paramétrica. Utilizaram-se os testes ρ de Spearman, para correlações entre idade e autoconfiança, Mann-Whitney para comparação entre sexo e Kruskal-Wallis para associação entre as demais variáveis de perfil e autoconfiança.

d) Investigação de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos: pariu da análise entre um fenômeno e um critério externo, em um contexto particular, para prever a existência de associação entre as variáveis (Cozby, 2003; Pasquali, 2007; Urbina, 2007). Nesta etapa, foram consideradas apenas as respostas dos participantes das modalidades esportivas ginástica artística (n=44) e ginástica rítmica (n=32), por contemplarem os critérios de inclusão, mencionados anteriormente, para esta etapa do estudo.

Foram realizados procedimentos Análise de Regressão Linear entre os resultados competitivos individuais obtidos pelos atletas e seus níveis de autoconfiança. Duas variáveis compuseram os resultados competitivos. Resultados 1 corresponderam à média aritmética das provas realizadas pelo participante na competição e Resultados 2, à nota mais alta obtida entre as apresentações. Os resultados foram organizados dessa forma porque a quantidade de apresentações que compõem a participação em uma competição pode variar para cada atleta, de acordo com a modalidade esportiva, sexo, categoria e/ou provas (planos táticos) pré-definidos.

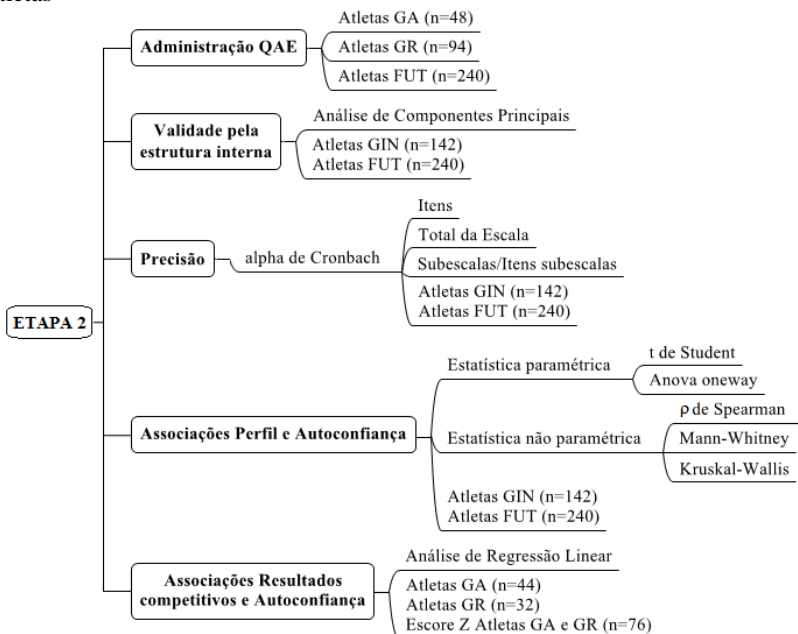
Os resultados brutos competitivos das diferentes modalidades esportivas não são comparáveis, considerando as regras de cada uma. Dessa forma, foram investigadas as seguintes associações: escore total

de autoconfiança e variável Resultados 1 de atletas de ginástica artística; escore total de autoconfiança e variável Resultados 2 de atletas de ginástica artística; escore total de autoconfiança e variável Resultados 1 de atletas de ginástica rítmica e entre o escore total de autoconfiança e variável Resultados 2 de atletas de ginástica artística.

Posteriormente, os valores brutos dos resultados competitivos de atletas de ginástica artística e rítmica foram transformados em escore z, a fim de torná-los comparáveis. Para aprimorar a qualidade dos resultados, calculou-se regressão linear entre o escore total de autoconfiança e variável escore z de Resultados 1 e entre o escore total de autoconfiança e a variável escore z de resultados 2, dos atletas dos dois grupos (n=76).

A Figura 6 representa os principais procedimentos realizados na segunda etapa do estudo.

Figura 6 – Investigação de evidências de validade e precisão do instrumento adaptado e associações entre perfil, resultados competitivos e autoconfiança dos atletas



Fonte: Dos autores (2014)

A Figura 6 destaca a amostra incluída em cada procedimento da segunda etapa de pesquisa. O estudo teve como foco atletas de ginástica artística e rítmica, considerando o objetivo geral. Porém, ao longo do processo de realização da pesquisa, foi possível abordar, também, uma quantidade considerável de atletas de futebol. Por isso, estes participantes foram incluídos, possibilitando a comparação entre os resultados das diferentes modalidades esportivas. O capítulo 4 apresenta os resultados obtidos pelas investigações propostas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta os resultados encontrados acompanhados da discussão com a literatura científica sobre o tema. Serão descritas as decisões decorrentes do processo de adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003). Relatados e discutidos os resultados da investigação de evidências validade teórica e precisão do instrumento adaptado. E, finalmente, apresentadas as associações propostas nos objetivos do estudo.

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Foram investigadas algumas variáveis de perfil dos atletas, por meio de questionário elaborado pelos pesquisadores, a fim de identificar possíveis associações entre características individuais e níveis de autoconfiança dos participantes. Esta seção apresenta o perfil dos participantes do estudo.

A amostra contou com 382 atletas de alto rendimento, das modalidades esportivas ginástica artística (n=48), ginástica rítmica (n=94) e futebol (n=240). A média de idade dos participantes é de 14,56 anos (mínimo=11; máximo=21; DP=1,53), sendo 259 do sexo masculino e 123 do sexo feminino.

A Tabela 1 apresenta a estatística descritiva dos resultados do Questionário de Perfil do Atleta, por modalidades esportivas. Os resultados das modalidades esportivas ginástica artística e ginástica rítmica serão apresentados conjuntamente, considerando os objetivos da pesquisa.

Tabela 1 – Estatística descritiva das variáveis de perfil dos participantes (n=382)

Variável	Característica	Ginástica		Futebol	
		N	(%)	N	(%)
Total amostra	-	142	37,17	240	62,83
Idade	Média de idade	142	14,48anos	240	14,60anos
Sexo	Masculino	19	13,38	240	100,0
	Feminino	123	86,62	-	-
Escolaridade	E. Fundamental	88	61,97	115	48,12
	E. Médio	42	29,58	124	51,88
	E. Superior	12	8,45	-	-
Idade que iniciou treinamentos	Menos de 6 anos	26	18,44	67	28,15
	6a à 10a11meses	95	67,38	146	61,34
	11a à 15a11meses	18	12,77	25	10,50
	16anos ou mais	2	1,42	-	-
Idade que iniciou competições	Menos de 6 anos	3	2,13	15	6,36
	6a à 10a11meses	94	66,67	151	63,98
	11a à 15a11meses	42	29,79	70	29,66
	16 anos ou mais	2	1,42	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O grupo de atletas de futebol é relativamente maior porque nove equipes brasileiras, composta por cerca de 15 à 20 jogadores, participaram da competição na qual foi realizada uma das coletas de dados. A Tabela 1 demonstra que os dois grupos apresentam média de idade semelhante. O grupo de ginástica rítmica apresenta um número maior de atletas do sexo feminino, pois a modalidade esportiva ginástica rítmica é exclusivamente feminina.

A respeito da escolaridade, destaca-se que a idade máxima verificada no grupo de futebol foi 17 anos, justificando a ausência de atletas com Ensino Superior. Observa-se que a maioria dos atletas iniciou em treinamentos e competições entre os 6anos e 10anos 11 meses.

A questão categoria foi excluída para evitar vieses de pesquisa. Durante a empiria, foram identificados atletas que competem em

categorias diferentes das quais sua idade está associada. Portanto, não houve padronização das respostas.

4.2 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÕES SEMÂNTICAS DO QUESTIONÁRIO DE AUTOCONFIANÇA NO ESPORTE

O objetivo da primeira etapa do estudo foi adaptar o *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) para o idioma português corrente no Brasil e investigar evidências de validade semântica e de face do instrumento adaptado. Este subcapítulo apresenta os resultados do processo de tradução, validade semântica e de face do Questionário de Autoconfiança no Esporte.

Os conteúdos resultantes da tradução e retrotradução não apresentaram divergências ao serem comparados com o questionário original. Porém, os processos de validação semântica e de face, realizados por meio de estudos piloto com participantes pertencentes à população-alvo do estudo, demonstraram a necessidade de alterações específicas para a versão final do QAE.

A apresentação das instruções foi modificada. Os participantes relataram dificuldade para articular as informações contidas nas instruções com as ilustrações explicativas. Optou-se por modificar a localização do desenho da escala, retirando-o das instruções e incluindo-o no campo de resposta após cada item. Modificou-se, também, a pergunta-chave que inicia todos os itens. A pergunta “How certain are you that...?”, traduzida como “Quão certo você está de que...?”, foi modificada para a versão final como “Você acredita que...?”. Os participantes referiram que a falta de familiaridade com a expressão “quão certo” dificultou a execução da tarefa solicitada.

A escala de respostas passou por alterações significativas, considerando as sugestões e questionamentos expressos pelos integrantes da população-alvo. O Quadro 5 apresenta a comparação entre a escala original e a versão resultante do processo de *back translation*, no qual foi baseada a versão final.

Quadro 5 – Comparação da pergunta-chave e variação escalar entre o instrumento original e versão adaptada

	<i>Sport-Confidence Inventory</i> Vealey (2003)	Questionário Autoconfiança Esporte Frischknecht, Cruz e Pesca (2014)
?	How certain are you that...?	Você acredita que...?
7	Totally Certain (absolutely sure I can without a doubt)	Absolutamente certo (tenho certeza que sim)
6	Very Certain (very sure I can)	Praticamente certo (quase certeza que sim)
5	Fairly Certain (I feel like I can)	Bastante certo (acho que sim)
4	Maybe I can	Talvez (tenho dúvidas)
3	Fairly Uncertain (I have doubts)	Bastante incerto (acho que não)
2	Very Uncertain (pretty sure I can't)	Praticamente incerto (quase certeza que não)
1	Can't do it at all (absolutely not at all)	Não posso fazer de jeito nenhum (absolutamente não)

Fonte: Vealey (2003); Dados da pesquisa (2014)

A variação escalar de 7 à 1 foi mantida, a fim de preservar a proposta original do instrumento. Ao final do processo de tradução, os termos *very* e *fairly* foram traduzidos como muito e bastante. Porém, os participantes do estudo piloto relatavam não identificar diferença. Então, os pesquisadores adequaram as alternativas à população-alvo. Foram mantidas informações explicativas entre parêntesis, resultando em “bastante certo/incerto”, no sentido de “acho que sim/não”, e “praticamente certo/incerto”, indicando “quase certeza que sim/não”.

Durante o estudo piloto, atletas questionaram os significados dos termos: “habilidades físicas”, “aptidão física” e “foco mental”. Exemplos e explicações breves foram incluídos nas instruções do questionário. Nas coletas de dados, os participantes continuaram questionando sobre o termo “aptidão física”. Este fato pode indicar que a explicação incluída não foi suficiente ou que, talvez, as instruções não tenham sido lidas atentamente.

Termos que não são familiares aos atletas brasileiros também foram substituídos após o estudo piloto. O item 5 “make critical decisions”, com tradução “tomar decisões críticas”, foi modificado para “tomar decisões importantes”, considerando os questionamentos expressos por atletas mais novos e/ou com nível mais baixo de

escolaridade no estudo piloto. O item 9 “*overcome doubts*”, traduzido como “superar a dúvida”, foi substituído por “superar pensamentos negativos”. Os itens 1 e 4, que mencionavam habilidades para “obter sucesso”, incluiu-se “no desempenho esportivo”, tendo em vista que os participantes mencionaram estes itens como vagos, insuficientemente específicos. Os termos modificados tiveram a intenção não somente de aprimorar semanticamente a adaptação do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003), sem prejudicar o sentido atribuído aos seus itens.

Não foram encontrados na literatura científica estudos de adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003). Cabe ressaltar que o manuscrito de desenvolvimento desse instrumento de avaliação foi cedido pela autora. Na ocasião a Prof. Robin Vealey, PhD, orientou que pode ser citado como manuscrito inédito, por não estar publicado. Esta pode ser uma das razões pelas quais muitos estudos internacionais utilizaram o *State Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 1986) e/ou *Trait Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 1986), e não o *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003).

A única publicação encontrada que aplicou o *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) foi o estudo de Paquette e Sullivan (2009). Os autores referenciam o instrumento como de Vealey (2005), porém não foi possível acessar a obra original, apenas o instrumento anexado na publicação. Por estas razões, optou-se por seguir as orientações da própria autora e referenciar o instrumento adaptado conforme seu artigo de desenvolvimento por Vealey (2003). Estas questões justificam também a decisão de realizar a adaptação transcultural deste instrumento.

Vealey (2003) ressalta que o desenvolvimento do modelo social cognitivo é um estudo preliminar que desencadeou o desenvolvimento do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003). A autora defende que esse modelo multidimensional deve ser desenvolvido/aprimorado, pois a autoconfiança dos atletas é influenciada por diferentes fontes de autoconfiança (Vealey et al., 1998).

A literatura científica aponta resultados consistentes e válidos com o uso dos inventários de Vealey (1986). Porém, os objetivos do estudo conduziram à decisão de trabalhar com o instrumento considerado mais atual pela autora. Optou-se, então, por adaptar para o contexto brasileiro a escala multidimensional, resultante do modelo social cognitivo da autoconfiança esportiva. Os subcapítulos seguintes apresentam os resultados desse estudo de adaptação da *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003).

4.3 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PELA ESTRUTURA INTERNA E PRECISÃO DO QUESTIONÁRIO DE AUTOCONFIANÇA NO ESPORTE

Investigar evidências de validade de instrumentos de medida é um processo pelo qual se coletam dados sobre o fenômeno ou variável que se pretende medir, com base na adequação e resultados do instrumento de medida aplicado no contexto de estudo (Anastasi & Urbina, 1997; Cozby, 2003; Urbina, 2007). O objetivo desta etapa foi investigar evidências de validade teórica e consistência interna do Questionário de Autoconfiança no Esporte.

Vealey (2003) sugere que o *Sport-Confidence Inventory* é composto por três subescalas, denominadas pela autora como tipos de autoconfiança: Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento, Autoconfiança em Eficiência Cognitiva e Autoconfiança em Resiliência. Foram realizados procedimentos específicos para verificar evidências de validade pela estrutura interna do Questionário de Autoconfiança no Esporte e compará-las com a proposta do instrumento original.

Investigou-se a validade teórica pela estrutura interna para atletas de ginástica (n=142) e atletas de futebol (n=240) separadamente. Além de o estudo ter como foco atletas de ginástica, justifica-se esta decisão pelo fato de as modalidades esportivas apresentarem diferenças importantes. A ginástica é uma modalidade esportiva na qual os atletas competem individualmente, enquanto futebol é exclusivamente coletivo. Competições de ginástica não contemplam confronto direto com o adversário, ao contrário do futebol. Os resultados competitivos de ginástica são definidos por árbitros especialistas, e no futebol a quantidade de gols define o resultado final de cada partida, que por sua vez resulta na pontuação de cada equipe. Outras diferenças poderiam ser citadas, porém estas foram suficientes para a definição da organização da análise de dados nessa etapa.

Para identificar evidências de validade teórica e compará-la com o modelo original, foi realizada a análise de componentes principais (PCA). A análise de fatores identifica correlações entre os resultados dos itens de um instrumento de medida, a fim de agrupá-los, reduzindo-os ao menor número possível de fatores ou componentes (Dancey & Reidy, 2013). Os fatores extraídos neste estudo serão denominados componentes e representam as subescalas do questionário. Foram extraídos os componentes com autovalor mínimo de 1,0. Solicitou-se

apresentação das cargas fatoriais dos itens superiores com valores mínimos de 0,25, considerando os objetivos² da etapa.

A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos pela análise de componentes principais, sem aplicação de rotação para atletas de ginástica.

² Esta decisão se baseou no objetivo de explorar as cargas fatoriais em seus respectivos componentes, sem a intenção imediata de identificar níveis de variância.

Tabela 2 – Análise das cargas fatoriais do QAE em atletas de ginástica (n=142)

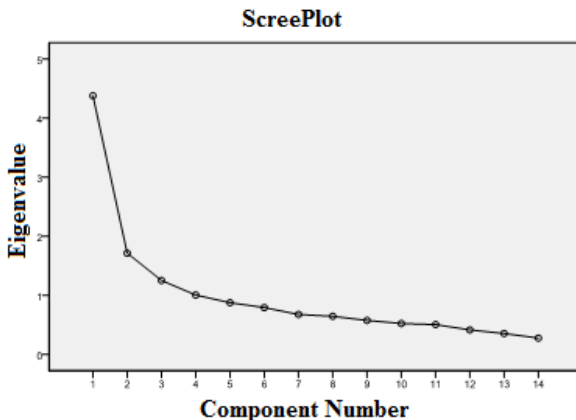
Itens (Você acredita que...)	ACHab FísTrein	AC Efic. Cognitiva	AC Resiliência	Comp4
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,575		0,317	-0,433
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?	0,439		0,642	
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?	0,528	0,289	-0,470	
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,565	-0,605		
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?	0,493			
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,546	0,475	-0,309	
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,624	-0,362		
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,516			0,562
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,455	0,487		
10- pode executar com sucesso habilidades físicas em seu esporte?	0,609			
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?	0,627	0,309	0,419	
12- pode superar problemas e contratemplos para realizar um desempenho com sucesso?	0,543	0,293		-0,350
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,650	-0,479		
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,609	0,327		0,286

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Em uma primeira análise, é possível observar que o Questionário de Autoconfiança no Esporte, administrado em atletas brasileiros de

ginástica, carrega quatro componentes principais. O Screeplot confirma esse resultado.

Figura 7 – Screeplot da análise de componentes principais do Questionário de Autoconfiança no Esporte administrado em atletas brasileiros de ginástica



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Observa-se que o componente 1 apresenta importante poder explicativo sobre a variância total. E que há maior inclinação da curva até o componente 4, com autovalor mínimo de 1,0. Porém, análises minuciosas desses resultados são necessárias.

O componente 1 foi extraído com autovalor 4,38 e explica 31,28% da variância. Os itens 1- habilidades físicas para sucesso no desempenho esportivo, 4- treinamento físico te preparou suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo, 7- nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso, 10- executar com sucesso habilidades físicas necessárias em seu esporte e 13- preparação física necessária para competir com sucesso, compõem originalmente (Vealey, 2003) este componente e na amostra brasileira para atletas de ginástica foram também compreendidos dessa forma, apresentando cargas fatoriais de no mínimo 0,56.

Somados aos itens referentes às habilidades físicas, carregaram no componente 1 alguns itens que não o compõem originalmente. Porém, verifica-se que carregaram também em outros componentes. O componente 2 foi extraído com autovalor 1,71 e explica 17,14% da variância. O item 9- superar pensamentos negativos após desempenho ruim carregou mais fortemente nesse componente, com carga fatorial

próxima a 0,49. Os itens 3- recuperar-se de mau desempenho para executar com sucesso habilidades, 6- recuperar foco mental após erro de desempenho, 12- superar problemas e contratempos para desempenho de sucesso e 14- controlar nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique seu desempenho carregaram mais fortemente no componente 1. Porém, carregaram também no componente 2, com carga fatorial mínima ou muito próxima de 0,3. Originalmente, estes são exatamente os itens que compõem o componente 3 – Autoconfiança em Resiliência. Os valores observados nas cargas fatoriais e o fato de originalmente pertencerem ao mesmo componente, justificam a possibilidade de agrupá-los. Considera-se, ainda, que representam habilidades de controle psicológico, e esta pode ser uma explicação ao fato de terem carregado no componente 2 – Autoconfiança em Eficiência Cognitiva.

O componente 3 foi extraído com autovalor de 1,25 e explica 12,53% da variância. O item 2- manter-se mentalmente focado durante toda a competição carregou nesse componente com carga fatorial superior a 0,6. O item 11- manter foco mental necessário para desempenho de sucesso carregou mais fortemente no componente 1, porém carregou também no componente 3, com carga fatorial próxima a 0,42. Observa-se que apresentam cargas fatoriais com valor mínimo 0,3 neste componente. Originalmente pertencem ao componente 2, porém o componente 3 também se refere à habilidades psicológicas, o que pode ter interferido na interpretação dos participantes.

O componente 4 não foi intitulado na Tabela 1 porque o *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) não apresenta quarta subescala. Foi extraído com o autovalor mínimo, de 1,0, e explica 7,18% da variância. O item 8- utilizar a estratégia tática necessária para ter sucesso apresentou carga fatorial mais elevada nesse componente, porém, foi o único item com essa característica. Observa-se que carregou também no componente 1, com carga fatorial semelhante. Originalmente este compõe o componente 2. Infere-se que tenha carregado nos dois componentes, especialmente no componente 1, Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento, por uma questão cultural esportiva, entre atletas e comissões técnicas de clubes esportivos brasileiros. O termo estratégia tática não é comumente utilizado por atletas de ginástica. Para esse grupo, estratégias táticas podem ser entendidas como uma espécie de plano de competição, composto por suas apresentações (provas) pré-definidas, geralmente pelos seus treinadores, em treinamentos. Dificilmente são modificadas durante a competição e, se forem muito provavelmente se tratará de uma iniciativa e/ou decisão do treinador. Portanto, os atletas praticam em treinamentos

e competições provas pré-estabelecidas e, por isso, podem ter interpretado o item como uma habilidade fundamental de treinamentos, ao invés de psicológica.

Pesca (2013) desenvolveu a versão brasileira da Escala de Eficácia de Treinamento. Trata-se da adaptação transcultural da *Coaching Efficacy Scale* (Feltz et al., 1999), que visa avaliar o construto eficácia de treinamento, associado aos níveis de autoeficácia, em treinadores. Na escala original, o item “desenvolver habilidades fundamentais em seu esporte” pertence à dimensão Eficácia de Técnica. A autora defende que na versão brasileira o item constitua a dimensão Eficácia de Estratégia, considerando a formação e características culturais de treinadores brasileiros. Justifica que, no Brasil, os treinadores associam que as estratégias esportivas estão ligadas às habilidades fundamentais. Essa pode ser uma das razões pelas quais atletas brasileiros interpretaram a questão de estratégia tática mais associadas às habilidades fundamentais, praticadas em treinamentos, do que de raciocínio (psicológico).

Considerando a diferença de apenas 0,046 entre as cargas fatoriais do item 8 nos componentes 1 e 4 e as justificativas teóricas e aplicadas ao contexto estudado, infere-se que esse item poderia ser mantido no componente 1, Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento. Com isso, o componente 4 seria excluído e o modelo estudado composto por 3 componentes, quantidade proposta pelo modelo original (Vealey, 2003).

Infere-se que o item 5- tomar decisões importantes durante competições também tenha sido interpretado como uma habilidade de treinamento, apesar de originalmente constituir o componente 2. As decisões importantes são geralmente tomadas pelos treinadores, associadas, por exemplo, às provas que serão apresentadas em cada competição, aos elementos que serão aprendidos ao longo dos treinamentos, à aprendizagem de novas habilidades de acordo com a evolução individual do atleta, entre outras. Por vezes, atletas expressam suas opiniões com relação às sugestões do treinador e essas decisões são tomadas em conjunto. Considerando esta questão cultural e específica da modalidade esportiva, este item poderia, a princípio, ser mantido no componente 1.

Com base nestas sugestões, verifica-se que os itens que originalmente compõem o componente 2, Autoconfiança em Eficiência Cognitiva, carregaram no componente 3, Autoconfiança em Resiliência, exceto os itens 5 e 8. Adicionalmente, todos os itens que originalmente pertencem ao componente 3, carregaram no componente 2. Souza

(2007) elucida que a resiliência está associada ao sentimento do indivíduo de que os obstáculos podem ser superados, com ênfase nas características psicológicas individuais. Considerando que a resiliência está associada aos processos psicológicos, pode ser adequado que componente 2 seja denominado Autoconfiança em Resiliência e o componente 3 de Autoconfiança em Eficiência Cognitiva.

Para fins de confirmação dos resultados expostos e comparação com o estudo de Vealey (2003), foi gerada também análise de componentes principais com rotação varimax. A Tabela 3 apresenta os resultados.

Tabela 3 – Análise das cargas fatoriais do QAE, com rotação varimax, em atletas de ginástica (n=142)

Itens (Você acredita que...)	ACHab FísTrein	AC Efic. Cognitiva	AC Resiliência	Comp4
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,264		0,746	
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?			0,372	0,736
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?		0,727		
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,816			
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?	0,421	0,310		
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?		0,738		
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,690			
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,485			0,588
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?		0,668		
10- pode executar com sucesso habilidades físicas em seu esporte?	0,422		0,610	
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?		0,357	0,517	0,523
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?		0,564	0,427	
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,799			
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?		0,513		0,511

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A aplicação do método de rotação varimax confirmou algumas hipóteses e acusou diferenças na análise de componentes principais

apresentada inicialmente. Alguns itens apresentaram cargas fatoriais mais elevadas nos componentes aos quais pertenciam originalmente, enquanto outros apresentaram diminuição da carga fatorial.

Os itens 4- treino físico te preparou suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo, 7- aptidão física lhe permitirá competir com sucesso e 11- preparação física necessária para competir com sucesso apresentaram elevação de carga fatorial no componente 1, ao qual pertencem originalmente (Vealey, 2003).

Os itens 1- habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo e 10- executar as habilidades físicas necessárias em seu esporte sofreram aumento das cargas fatoriais no componente 3 e diminuição no componente 1. Porém, mesmo com a rotação varimax, continuaram carregando no componente 1, com cargas fatoriais próxima ou superior a 0,3. O item 8- usar a estratégia tática necessária para ter sucesso carregou nos mesmos componentes que havia carregado no primeiro procedimento, com cargas fatoriais semelhantes. O item 9- superar pensamentos negativos após um desempenho ruim apresentou elevação da carga fatorial no componente 2. Os itens 3- recuperar-se de um mau desempenho, 6- recuperar seu foco mental após um erro de desempenho, 12- superar problemas e contratempos e 14- controlar nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique seu desempenho apresentaram cargas fatoriais mais elevadas no componente 1 e menos elevadas no componente 2 no primeiro procedimento. A rotação varimax demonstrou diminuição da carga fatorial no componente 1 e aumento no componente 2. Originalmente pertencem ao componente 3, porém os resultados da rotação varimax indicam a possibilidade de serem mantidos no componente 2, e que este passe a ser denominado Autoconfiança em Resiliência.

O item 5- tomar decisões importantes durante competições havia carregado apenas no componente 1. Após a rotação, passou a carregar também no componente 2, ao qual pertence originalmente. Conforme observado, os itens que carregaram no componente 2, tanto no primeiro quanto no segundo procedimento, estão associados à autoconfiança em resiliência. Dessa forma, o resultado em questão é esperado e duas hipóteses são sugeridas. A primeira é pelo fato de, originalmente, este item pertencer ao componente 2. A segunda está associada ao entendimento e interpretação do item pela população-alvo. É possível afirmar que decisões importantes devem ser tomadas em situações de desafio, adversidade, que é um fator ambiental interessante à resiliência. Infere-se que este item passe a compor o componente 2.

O item 2- manter-se mentalmente focado durante toda a competição havia carregado mais fortemente no componente 3. Após a rotação varimax, passou a carregar mais fortemente no componente 4. Porém, manteve carga fatorial próxima a 0,4 no componente 3. Sugere-se que seja excluído do componente 4 e mantido no 3, aproximando o modelo proposto do original, quanto à quantidade de componentes. Justifica-se, ainda, o fato de que o item 11- foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso teve aumento da carga fatorial no componente 3, não mais carregando no componente 1. Carregou, também, no componente 4, porém sugere-se que os dois itens sejam mantidos no componente 3, resultando na eliminação do componente 4. Propõe-se a formação apresentada na Tabela 4.

Tabela 4 – Resultados das cargas fatoriais do QAE em atletas de ginástica (n=142)

Itens (Você acredita que...)	AC Hab Fis Trein	AC Resiliência	AC Efic. Cognitiva
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,264		
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,816		
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,690		
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,485		
10- pode executar com sucesso habilidades físicas em seu esporte?	0,422		
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,799		
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?		0,727	
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?		0,310	
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?		0,738	
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?		0,668	
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?		0,564	
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?		0,513	
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?			0,372
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?			0,517

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Observa-se que os componentes apresentam cargas fatoriais superiores ou muito próxima a 0,3. Tem-se o componente 1, Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento, composto pelos itens associados diretamente às habilidades físicas (1, 4, 7, 10, 13) e somados ao item 8, referente à estratégia tática. Os atletas de ginástica que participaram deste estudo não demonstraram, em geral,

familiaridade com o termo estratégia tática. Com explicações da pesquisadora, associavam o item ao plano de competição, composto pelas suas apresentações previamente definidas e praticadas em treinamento. Portanto, o item 8 pode estar associado também aos treinamentos, de acordo com o entendimento de atletas de ginástica.

O componente 2 é composto por todos os itens associados à autoconfiança em resiliência (3, 6, 9, 12, 14), somados ao item 5 sobre tomada de decisões importantes em competições. A aproximação deste item com situações de desafios e a associação entre a definição de resiliência e fenômenos psicológicos justificam que o componente 2 seja denominado Autoconfiança em Resiliência e composto por esses itens.

Finalmente, o componente 3, Autoconfiança em Eficiência Cognitiva é composto pelos itens associados ao foco mental para alcançar desempenho esportivo de sucesso. A associação teórica direta entre os itens e o componente justificam o título e a composição do componente 3.

Para fins de comparação com os resultados encontrados para atletas de ginástica, foi gerada análise de componentes principais (PCA), sem rotação e com rotação varimax, para a amostra de jogadores de futebol (n=240). Também foram extraídos componentes com autovalor mínimo de 1,0, e apresentados, em cada componente, os itens com carga fatorial mínima 0,3. A Tabela 5 demonstra os resultados.

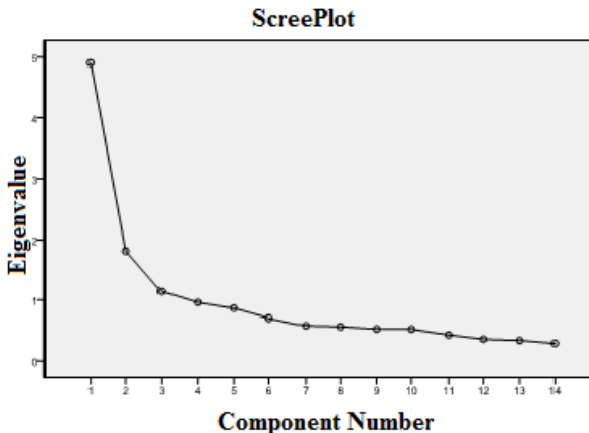
Tabela 5 – Análise das cargas fatoriais do QAE em atletas de futebol (n=240)

Itens (Você acredita que...)	AC Hab Fís Trein	AC Efic. Cognitiva	AC Resiliência
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,433		0,559
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?	0,566		
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?	0,585	-0,344	
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,504	0,630	
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?	0,569		-0,380
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,609	-0,403	
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,639	0,354	
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,621		0,554
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,577	-0,453	
10- pode executar com sucesso habilidades físicas em seu esporte?	0,680	0,410	
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?	0,657		-0,353
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?	0,625	-0,330	
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,550	0,578	
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,626	-0,362	

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Na amostra de atletas de futebol os itens também carregaram de forma predominante no componente 1. O Screeplot demonstra os componentes gerados com autovalor mínimo de 1,0.

Figura 8 – Screeplot da análise de componentes principais do Questionário de Autoconfiança no Esporte administrado em atletas brasileiros de futebol



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Verifica-se que, para atletas brasileiros de futebol, o componente 1 apresentou considerável poder explicativo sobre a variância total. Porém, é preciso considerar alguns pressupostos teóricos e características aplicadas ao contexto de estudo.

Analisando a tabela de forma superficial, verifica-se que apenas os itens 7- nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso e 10- executar com sucesso habilidades físicas em seu esporte carregaram mais fortemente no componente 1, ao qual estão associados originalmente (Vealey, 2003). O componente 1, Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento, foi extraído com autovalor 4,9 e explica 35,04% da variância total.

Os itens 4- treinamento físico te preparou suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo e 13- preparação física necessária para competir com sucesso carregaram nos componentes 1 e 2. O componente 2, Autoconfiança em Eficiência Cognitiva, foi extraído com autovalor 1,81 e explica 12,95% da variância. Originalmente, estes itens pertencem ao componente 1. Verifica-se que as cargas fatoriais apresentadas por esses itens nos componentes 1 e 2 são próximas, com diferença de cerca de 0,1. O mesmo ocorreu com o item 1- habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo que, originalmente, associa-se ao componente 1, porém, carregou com carga fatorial mais forte no componente 3. O componente 3, Autoconfiança em Resiliência, foi extraído com autovalor 1,14 e explica 8,14% da

variância. A diferença entre as cargas fatoriais em questão é de cerca de 0,12. Por estas razões, seria possível sugerir que os itens 1, 4 e 13 sejam mantidos no componente 1. Pois estão teoricamente associados às habilidades físicas do atleta, apresentaram cargas fatoriais consideráveis no componente 1 e, originalmente (Vealey, 2003), também pertencem a este componente.

Os itens 2- manter-se mentalmente focado durante toda a competição e 11- manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso fazem parte, originalmente, o componente 2. Enquanto os itens 3- recuperar-se de mau desempenho para executar com sucesso habilidades, 6- recuperar seu foco mental após erro de desempenho, 9- superar pensamentos negativos após desempenho ruim, 12- superar problemas e contratemplos para realizar um desempenho com sucesso e 14- controlar nervosismo com sucesso compõem originalmente o componente 3. Para a amostra de jogadores de futebol, todos apresentaram cargas fatoriais positivas e mais fortes no componente 1. O ritmo de treinamento da modalidade esportiva futebol tende a ser mais intenso do que de algumas modalidades esportivas como a ginástica. Os treinamentos e jogos demandam que do atleta habilidades de manutenção de foco mental, recuperação e autocontrole psicológicos durante sua atuação. Infere-se que a interpretação desses itens pelos atletas de futebol esteja associada às habilidades psicológicas que são necessárias também em treinamentos. Esta pode ser uma justificativa para o fato de todos esses itens terem carregado no componente 1, Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento.

Os itens 5- tomar decisões importantes durante competições e 8- usar a estratégia tática para ter sucesso compõem, originalmente, o componente 2, porém, também carregaram no componente 1. Estes itens podem ser sido interpretados pelos atletas como habilidades fundamentais praticadas em treinamentos e jogos. Retomando o estudo de Pesca (2013), os treinadores brasileiros associam as habilidades ligadas às estratégias táticas como habilidades fundamentais. Trata-se de uma questão de formação, sobre a qual há uma marcante diferença entre a percepção dos treinadores de outros países, como Estados Unidos, e o Brasil. É esperado que atletas e comissões técnicas percebam as habilidades de uso da estratégia tática e tomada de decisão como habilidades fundamentais, praticadas em campo. A definição das estratégias táticas a serem praticadas e as decisões tomadas em diferentes momentos são habilidades necessárias tanto em jogos como em treinamentos. Infere-se que, por razões como estas, os atletas tenham interpretado estes itens como diretamente associados às habilidades de

treinamento e indiretamente às habilidades físicas, na medida em que, estão ligados às habilidades fundamentais, segundo a percepção de treinadores e, conseqüentemente, atletas brasileiros.

Com base no exposto, conclui-se que as habilidades abordadas nos quatorze itens do Questionário de Autoconfiança no Esporte estão associadas às habilidades físicas e/ou de treinamento dos atletas. Os treinamentos e jogos podem abranger, simultaneamente, as dimensões técnica, tática, física e/ou psicológica dos atletas. Uma proposta unidimensional parece refletir, em um primeiro momento, a percepção de atletas e treinadores. Mas a rotação varimax demonstrou detalhes importantes quanto à multidimensionalidade do Questionário de Autoconfiança no Esporte administrado em atletas brasileiros de futebol. A Tabela 6 demonstra os resultados.

Tabela 6 – Análise das cargas fatoriais do QAE, com rotação varimax, em atletas de futebol (n=240)

Itens (Você acredita que...)	AC Hab Fís Trein	AC Efic. Cognitiva	AC Resiliência
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,400	0,558	
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?	0,378		0,453
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?	0,636		
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?		0,768	
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?			0,628
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,744		
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?		0,672	
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?			0,800
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,782		
10- pode executar com sucesso habilidades físicas em seu esporte?		0,724	
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?	0,306		0,655
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?	0,573		0,417
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?		0,788	
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,684		

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A análise de componentes principais, sem aplicação do método de rotação, indicou que todos os itens que originalmente pertencem aos componentes 2 e 3, carregaram mais fortemente no componente 1. Os itens 2, 4 e 11 se associam, originalmente, ao componente 1, porém, após o método de rotação, carregaram também em outros componentes. As cargas fatoriais, a base teórica dos itens teóricas e as características do contexto de estudo justificam a possibilidade de que sejam mantidos no componente 1.

A rotação varimax mostrou, ainda, outras possibilidades de agrupamentos dos itens. Os itens 3- recuperar-se de mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades, 6- recuperar seu foco mental após um erro de desempenho, 9- superar pensamentos negativos após um erro de desempenho, 12- superar problemas e contratemplos e 14- controlar nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique seu desempenho carregaram no componente 1. Verificam-se cargas fatoriais superiores a 0,57 para todos os itens. Originalmente, todos pertencem ao componente 3, Autoconfiança em Resiliência (Vealey, 2003). Conforme exposto, a atuação em jogos e treinamentos demanda a prática de habilidades de autocontrole associadas à resiliência. Essas habilidades interferem nas habilidades físicas e técnicas, e, por isso, podem ter sido interpretadas como físicas. As características da modalidade esportiva justificam a manutenção desses itens no componente 1. Sugere-se, portanto, que o título do componente 1 seja adequado conforme a proposta teórica original, sendo intitulado Autoconfiança em Resiliência.

O mesmo ocorreu no componente 2. Os itens 1-habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo, 4-treino físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo, 7-aptidão física lhe permitirá competir com sucesso, 10-habilidades físicas necessárias em seu esporte e 13-preparação física necessária para competir com sucesso compõem originalmente o componente 1 e foram agrupados no componente 2, com cargas fatoriais superiores a 0,56.

Situação que também foi verificada no componente 3. Os itens 2-manter-se mentalmente focado durante toda a competição, 5- tomar decisões importantes durante uma competição, 8- estratégia tática necessária para ter sucesso e 11- foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso se associam, originalmente, ao componente 2, porém, carregaram no componente 3, com cargas fatoriais superiores a 0,45. Habilidades como a manutenção de foco mental, tomada de decisão e uso das estratégias táticas adequadas são habilidades que jogos e treinos de futebol demandam com frequência. Por vezes, estão associadas a situações decisivas como finalizações, cobranças de falta e pênaltis, definição e execução dos fundamentos que estejam de acordo com a estratégia tática a ser aplicada e muitas outras. Estes itens podem estar associados às situações desafiadoras e podem ter sido interpretados pelos atletas dessa forma na sua atuação em campo. Considerando que se trata de habilidades cognitivas, sugere-se que o componente 3 seja denominado de Autoconfiança em Eficiência Cognitiva, respeitando o

modelo teórico original (Vealey, 2003). Propõe-se composição apresentada na Tabela 7.

Tabela 7 – Resultados das cargas fatoriais do QAE em atletas de futebol (n=240)

Itens (Você acredita que...)	AC Resiliência	AC Hab Fís Trein	AC Efic. Cognitiva
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?	0,636		
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,744		
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,782		
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?	0,573		
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,684		
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?		0,558	
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?		0,768	
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?		0,672	
10- pode executar com sucesso habilidades físicas em seu esporte?		0,724	
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?		0,788	
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?			0,453
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?			0,628
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?			0,800
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?			0,655

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Os componentes são constituídos pelos mesmos agrupamentos de itens propostos pelo modelo original. Os títulos de cada componente podem ser modificados, considerando as justificativas teóricas e aplicadas, a fim de respeitar a composição proposta por Vealey (2003).

Além da estrutura interna de medida, investigaram-se evidências de precisão dos resultados do Questionário de Autoconfiança no Esporte. A precisão, ou análise da consistência interna, indica estatisticamente níveis de correlação existente entre os itens que compõem o instrumento de avaliação, com base nas respostas dos participantes. Parte-se do pressuposto de que itens que avaliam o mesmo construto tendem a apresentar índices elevados de correlação (Cozby, 2003).

Inicialmente, foram verificados os valores de *alpha de Cronbach* para os resultados obtidos pelos atletas de ginástica (n=142). A Tabela 8 demonstra os valores de *alpha de Cronbach* por itens e para o total da escala para este grupo amostral.

Tabela 8 – Precisão por itens e total da escala do QAE em atletas de ginástica (n=142)

Itens (Você acredita que...)	Alpha de Cronbach
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,81
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?	0,82
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para [...] sucesso habilidades?	0,81
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,81
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?	0,82
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,81
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,81
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,81
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,82
10- pode executar com sucesso as habilidades físicas em seu esporte?	0,81
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?	0,81
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?	0,81
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,81
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,81
Total da Escala	0,82

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Índices superiores a 0,8 sugerem correlações fortes (Dancey & Reidy, 2013). Os valores *alpha de Cronbach* possibilitam inferir que os resultados obtidos pelo Questionário de Autoconfiança no Esporte,

administrado em atletas de ginástica brasileiros, são fidedignos. Foram verificados também os valores *alpha de Cronbach* dos itens por componentes e para o total dos componentes. A Tabela 9 apresenta os resultados.

Tabela 9 – Precisão dos itens por componentes e total dos componentes do QAE em atletas de ginástica (n=142)

Itens (Você acredita que...)	Alpha de Cronbach
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,77
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,73
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,74
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,78
10- pode executar com sucesso as habilidades físicas em seu esporte?	0,76
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,72
Total Componente1 – Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento	0,78
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para [...] sucesso habilidades?	0,67
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?	0,72
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,65
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,69
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?	0,69
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,67
Total Componente2 – Autoconfiança em Resiliência	0,72
Total Componente3 – Autoconfiança em Eficiência Cognitiva	0,60

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O componente 1, Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento, apresentou *alpha de Cronbach* para o total da escala próximo de 0,8 com valores superiores a 0,7 para todos os itens. Índices de correlação superiores a 0,7 também indicam fortes associações (Dancey & Reidy, 2013). Infere-se que os resultados do componente 1, constituído pelos itens 1, 4, 5, 7,8, 10 e 13, apresentam níveis satisfatórios de precisão. É possível concluir que a formação do componente Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento

sugerida no presente estudo para o Questionário de Autoconfiança no Esporte administrado em atletas é consistente.

O componente 2, Autoconfiança em Resiliência, também apresentou valor de *alpha de Cronbach* satisfatório para os itens e total da escala. Valores entre 0,6 e 0,7 indicam associações moderadas (Dancey & Reidy, 2013). O componente 3, Autoconfiança em Eficiência Cognitiva, apresentou valor total de *alpha de Cronbach* de 0,6. Os valores dos itens por componente não foram apresentados porque o *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS não gerou esta análise. O alpha total para o componente 3 pode ser considerado aceitável, sendo o único com valor menor do que 0,7. Infere-se que a formação dos componentes 2 e 3 sugeridos apresentam evidências de consistência interna para administração do Questionário de Autoconfiança no Esporte em atletas de ginástica.

Seguindo a proposta comparativa entre os resultados obtidos por atletas de ginástica e futebol, calcularam-se os valores de *alpha de Cronbach* por itens e para o total da escala para o segundo grupo amostral. A Tabela 10 demonstra os resultados.

Tabela 10 – Precisão por itens e total da escala do QAE em atletas de futebol (n=240)

Itens (Você acredita que...)	Alpha de Cronbach
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,85
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?	0,84
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para [...] sucesso habilidades?	0,85
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,85
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?	0,84
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,84
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,84
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,84
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,84
10- pode executar com sucesso as habilidades físicas em seu esporte?	0,84
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?	0,84
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?	0,84
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,85
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,84
Total da Escala	0,85

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Os valores *alpha de Cronbach*, superiores a 0,84, indicam evidências de consistência interna do Questionário de Autoconfiança no Esporte, administrado em atletas brasileiros de futebol (Dancey & Reidy, 2013). A Tabela 11 apresenta os resultados de *alpha de Cronbach* por componentes e seus itens.

Tabela 11 – Precisão dos itens por componentes e total dos componentes do QAE em atletas de futebol (n=240)

Itens (Você acredita que...)	Alpha de Cronbach
3- em uma competição, consegue se recuperar de mau desempenho para [...] sucesso habilidades?	0,75
6- pode recuperar seu foco mental após um erro de desempenho?	0,74
9- pode superar pensamentos negativos após um desempenho ruim?	0,74
12- pode superar problemas e contratempos para realizar um desempenho com sucesso?	0,78
14- pode controlar seu nervosismo com sucesso, para que ele não prejudique o desempenho?	0,77
Total Componente1 – Autoconfiança em Resiliência	0,79
1- pode executar habilidades físicas necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,80
4- seu treinamento físico te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?	0,73
7- o seu nível de aptidão física lhe permitirá competir com sucesso?	0,73
10- pode executar com sucesso as habilidades físicas em seu esporte?	0,70
13- tem a preparação física necessária para competir com sucesso?	0,71
Total Componente2 – Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento	0,78
2- pode se manter mentalmente focado durante toda a competição?	0,69
5- consegue tomar decisões importantes durante competições?	0,67
8- pode efetivamente usar a estratégia tática necessária para ter sucesso?	0,60
11- pode manter foco mental necessário para realizar um desempenho com sucesso?	0,60
Total Componente3 – Autoconfiança em Eficiência Cognitiva	0,71

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Verificam-se correlações fortes entre os itens dos componentes 1 e 2 e moderadas, entre 0,6 e 0,7, para os itens do componente 3. Os índices *alpha de Cronbach* para o total de cada componente são considerados elevados, indicando precisão. A Tabela 12 apresenta a comparação entre os valores *alpha de Cronbach* obtidos pela administração do Questionário de Autoconfiança no Esporte em atletas de ginástica e futebol e o estudo de desenvolvimento do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003).

Tabela 12 – Comparação entre os valores *alpha de Cronbach* do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) e do Questionário de Autoconfiança no Esporte para atletas brasileiros de ginástica (n=142) e futebol (n=240)

Componente/ Tipos de autoconfiança	Vealey (2003)	Frischknecht, Cruz e Pesca (2014)	
	α SCI	α QAE Ginástica	α QAE Futebol
Autoconfiança Hab Fís e Trein	0,87	0,78	0,78
Autoconfiança Eficiência Cognitiva	0,84	0,60	0,71
Autoconfiança em Resiliência	0,85	0,72	0,79
Total da escala	0,93	0,82	0,85

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Observa-se que a diferença entre os valores obtidos pelo estudo original e pela presente pesquisa é de cerca de 0,1, exceto pelo componente Autoconfiança em Eficiência Cognitiva em atletas de ginástica, com cerca de 0,2. Considerando que o instrumento original foi construído especificamente para a população-alvo, é esperado que apresente índices mais elevados de consistência interna. Este estudo se propôs a realizar a adaptação transcultural de um instrumento de avaliação de autoconfiança. Termos e expressões desconhecidos ou não familiares foram adaptados ao contexto de estudo, e optou-se por manter a organização original das sentenças. Alguns itens podem ter sido interpretados de forma diferente pelos atletas brasileiros. Este fato pode ter prejudicado a precisão dos resultados. Ainda assim, os valores de *alpha de Cronbach* por componentes e para o total da escala foram satisfatórios e semelhantes para os atletas brasileiros de ginástica e de futebol. Conclui-se que o Questionário de Autoconfiança no Esporte apresentou precisão para ambos os grupos que compuseram a amostra de estudo. Esta conclusão se estende para as diferentes formações propostas para os componentes, tanto em atletas de ginástica, quanto de futebol.

A análise de componentes principais, os pressupostos teóricos e empíricos do contexto de estudo possibilitam afirmar que pode ser importante a validação pela estrutura interna do Questionário de Autoconfiança no Esporte especificamente para diferentes modalidades esportivas. Modalidades esportivas apresentam diferenças que podem ser marcantes e priorizar diferentes demandas entre as habilidades técnicas, táticas, físicas e psicológicas dos atletas. O modo de disputa, coletivo ou individual, também parece refletir em mudanças na linguagem dos atletas. Questões de interpretação, associadas à cada

modalidade esportiva, podem ter interferido nos resultados, sendo interessante a realização de adaptações específicas para diferentes modalidades.

Com base nos resultados da validade fatorial, por meio da análise de componentes principais, infere-se que novas análises e estudos podem ser importantes. A consistência interna demonstrou índices satisfatórios de *alpha de Cronbach* de 0,6 para um dos componentes e superiores a 0,7 para as demais verificações (Dancey & Reidy, 2013). Se os itens fossem elaborados especificamente para atletas brasileiros, com palavras e expressões familiares à população-alvo, talvez o Questionário de Autoconfiança no Esporte para atletas brasileiros apresentaria resultados mais consistentes no que se refere a validade teórica. Afirma-se que a versão brasileira do QAE, aplicada em atletas de ginástica e futebol brasileiros, apresentou evidências de precisão. Porém, adaptações semânticas específicas para cada modalidade esportiva podem aprimorar a qualidade do instrumento e, conseqüentemente, repercutir positivamente na sua validade e precisão.

4.4 ASSOCIAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS DE PERFIL E AUTOCONFIANÇA

Neste subcapítulo serão apresentadas as associações entre as variáveis de perfil autoconfiança dos participantes, obtidas pelo Questionário de Perfil do Atleta e Questionário de Autoconfiança no Esporte. Realizaram-se análises de estatística paramétrica e não paramétrica, de acordo com a distribuição das variáveis para cada grupo.

Esta etapa do estudo possibilitou identificar se características individuais dos atletas que compuseram a amostra podem interferir nos seus níveis de autoconfiança. A Tabela 13 apresenta a estatística descritiva dos níveis de autoconfiança para as modalidades esportivas que compõem os grupos amostrais.

Tabela 13 – Estatística descritiva do escore total de autoconfiança por grupos da amostra de estudo

Grupo	N	Média	DP	Mínimo	Máximo
Ginástica	142	78,57	9,04	50	98
Futebol	240	86,16	8,24	58	98
Total amostra	382	81,65	9,09	50	98

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Os níveis de autoconfiança dos jogadores de futebol são mais elevados do que os de ginástica. Alguns estudos investigam a diferença de diferentes variáveis psicológicas entre atletas de modalidades esportiva coletivas e individuais. O futebol é considerado uma modalidade esportiva coletiva. Ainda que em alguns momentos como cobranças de falta ou pênaltis, por exemplo, os atletas atuem individualmente. A ginástica artística é uma modalidade esportiva na qual os atletas competem exclusivamente individualmente durante toda a competição. Notas de equipe são obtidas pela soma das apresentações individuais. Quanto à ginástica rítmica, as atletas podem se apresentar individualmente ou em conjunto, no qual um grupo de atletas realiza uma apresentação. Considera-se que o resultado do conjunto depende praticamente em sua totalidade da atuação individual de cada atleta. Além disso, as apresentações em conjunto são compostas por exigências individuais de cada integrante. Portanto a ginástica rítmica também é considerada neste estudo como uma modalidade esportiva individual.

As estatísticas descritivas demonstram que o grupo caracterizado como modalidade esportiva coletiva apresenta média mais elevada de autoconfiança. O resultado do teste de Mann-Whitney indica que essa diferença é estatisticamente significativa ($p < 0,05$). Alexandrino (2006) sugere que atletas que praticam modalidades esportivas individuais tendem a apresentar níveis mais elevados de autoconfiança do que os que participam de modalidades coletivas. Coimbra, Bara Filho, Andrade & Miranda (2013) investigaram as interações entre tipo de modalidade (individual ou coletiva), sexo e nível competitivo na associação com diferentes variáveis psicológicas. Não identificaram associações diretas estatisticamente significativas entre tipos de modalidades esportiva e autoconfiança. Verificaram que atletas do sexo masculino que competem em modalidades esportivas individuais de níveis regional e nacional e atletas do sexo feminino que competem em modalidades esportivas individuais de nível nacional apresentaram médias mais elevadas de autoconfiança do que os que competem em modalidades esportivas coletivas nos mesmos níveis.

Uma das razões pelas quais este estudo identificou média mais elevada de autoconfiança nos atletas de modalidade esportiva coletiva pode estar associada à quantidade de participantes do mesmo sexo em cada grupo, principalmente futebol. A literatura científica sugere que atletas do sexo masculino tendem a apresentar níveis mais elevados de autoconfiança do que do sexo feminino (Alexandrino, 2006; Ventura, 2007; Filaire et al., 2009; Freitas et al., 2009; Souza, Teixeira & Lobato, 2012; Coelho & Ferreira, 2013; Coimbra et al., 2013)

A modalidade esportiva ginástica rítmica é composta exclusivamente por atletas do sexo feminino. O grupo de atletas de futebol participantes do estudo é composto exclusivamente por atletas do sexo masculino. A Tabela 14 apresenta a média dos níveis de autoconfiança e quantidade de observações por sexo para cada grupo.

Tabela 14 – Médias dos escores de autoconfiança por sexo para os grupos da amostra de estudo

Sexo	N	Ginástica		N	Futebol	
		Média	DP		Média	DP
Masculino	19	79,042	8,6	240	86,16	8,24
Feminino	123	78,44	9,13	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A amostra relativamente pequena de atletas do sexo masculino no grupo de ginástica também pode ter interferido nas análises geradas. Ainda assim verifica-se que os atletas de ginástica do sexo masculino apresentam médias mais elevadas de autoconfiança do que as do sexo feminino. O teste de Mann-Whitney demonstra que essa diferença não é estatisticamente significativa ($p > 0,05$). Então, foram verificadas também a diferença nos níveis de autoconfiança por sexo para toda a amostra do estudo. A Tabela 15 apresenta os resultados.

Tabela 15 – Médias dos escores de autoconfiança por sexo para a amostra total do estudo (n=382)

Sexo	N	Média	DP
Masculino	259	85,69	8,44
Feminino	123	78,44	9,13

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Para esta análise, o teste de Mann-Whitney indica que os atletas apresentam níveis estatisticamente significativos mais elevados do que as do sexo feminino. Esses resultados corroboram com a literatura científica sobre o tema (Alexandrino, 2006; Ventura, 2007; Filaire et al., 2009; Freitas et al., 2009; Souza, Teixeira & Lobato, 2012; Coelho & Ferreira, 2013; Coimbra, Bara Filho, Andrade & Miranda, 2013).

É possível ter indícios da diferença de autoconfiança entre sexos masculino e feminino considerando também os níveis de ansiedade no esporte. A autoconfiança se associa negativamente com ansiedade (Martens et al., 1990; Bocchini, Morimoto, Rezende, Cavinato & Luz, 2008; Fernandes, Vasconcelos-Raposo & Fernandes, 2012). Pesquisas sugerem que atletas do sexo masculino apresentam menores níveis de

ansiedade traço (Gonçalves & Belo, 2007; Lavoura, Castellani & Machado, 2007; Alexandrino, 2006; Souza et al., 2012) e ansiedade estado (Lavoura, Botura & Machado, 2006; Lavoura et al., 2007; Filaire, 2009; Souza et al., 2012; Coelho & Ferreira, 2013) do atletas que do sexo feminino.

Iizuka, Dantas, Machado e Marinovic (2005) investigaram técnicas de controle de ansiedade entre mesa-tenistas. As técnicas foram categorizadas em mudanças de estratégia de jogo, técnicas cognitivas, somáticas, mistas, de autoconfiança ou nenhuma. Apenas atletas do sexo feminino relataram utilizar técnicas categorizadas como de autoconfiança (“tentei me acalmar, tentando confiar mais em mim”). Estes resultados podem estar associados à percepção dos atletas e seus níveis de ansiedade e autoconfiança, que tendem a ser diferentes de acordo com o sexo.

Freitas e colaboradores (2009) investigaram aspectos psicossociais que interferem no desempenho esportivo segundo a autoavaliação de atletas de modalidades coletivas. A subescala de autoconfiança era composta pelas seguintes perguntas: a) nos momentos decisivos, sinto-me mais confiante para agir; b) tenho muita confiança nas minhas capacidades e habilidades atléticas e c) geralmente consigo manter-me confiante, mesmo durante minhas piores atuações. Nas três questões atletas do sexo masculino apresentaram índices mais elevados do que as do sexo feminino. Verifica-se que os resultados encontrados neste estudo corroboram com a literatura científica no que se refere à comparação por sexos.

Para verificar a associação entre autoconfiança e idade foi calculado ρ de Spearman entre a idade atual o escore total de autoconfiança para cada grupo. Os resultados indicam correlação negativa, baixa e estatisticamente não significativa entre idade e autoconfiança de atletas de ginástica ($\rho = -0,98$; $p > 0,05$). E correlação positiva, baixa e não significativa para jogadores de futebol ($\rho = 0,04$; $p > 0,05$).

Moreira (2012) ressalta que a autoconfiança não aumenta progressivamente de acordo com a idade. E esta pode ser uma das razões pelas quais correlações estatisticamente significativas entre autoconfiança e idade não são comumente encontradas. Santos (2008) identificou correlações negativas, muito baixas e estatisticamente não significativas em atletas de basquetebol, por meio da aplicação de subescalas de autoconfiança de dois instrumentos de avaliação (ACSI-28 e CSAI-2). Rocha (2007) relatou correlações não significativas, fracas entre idade e a subescala de autoconfiança do ACSI-28 e muito

fracas para as subescalas do CSAI-2. Alexandrino (2006), Rocha (2007), Rodrigues, Lázaro, Fernandades e Vasconcelos-Raposo (2009) também não verificaram correlações e/ou comparações estatisticamente significativas entre idade e autoconfiança de atletas. Souza e colaboradores (2012) não encontraram diferença estatisticamente significativa entre os níveis de autoconfiança em nadadores de diferentes idades.

Verificaram-se também associações entre idade de início da prática esportiva e autoconfiança e idade que teve o primeiro contato em competições com autoconfiança. Foram utilizadas as variáveis independentes “idade que iniciou treinamentos” e “idade que iniciou competições” e a variável dependente “escore total de autoconfiança”. Aplicou-se procedimento de estatística paramétrica para as análises do grupo de ginástica e não paramétrica para o de futebol.

As variáveis “idade que iniciou em treinamentos” e “idade que iniciou em competições” foram categorizadas do seguinte modo: 1) menos de 6anos; 2) 6anos até 10anos e 11 meses; 3) 11anos até 15anos e 11meses e 4) 16 anos ou mais. A Tabela 16 apresenta as médias de autoconfiança por faixas de idade em que os atletas iniciaram treinamentos e competições por grupos.

Tabela 16 – Médias dos escores de autoconfiança por idade que iniciou treinamentos e competições

Faixas de idade	Ginástica			Futebol		
	N	Média	DP	N	Média	DP
Iniciou treinamentos						
Menos de 6 anos	n=26	81,0	6,88	67	88,25	7,22
6 a até 10 a e 11 meses	n=95	78,07	9,10	146	85,70	8,11
11a até 15a e 11meses	n=18	79,0	8,18	25	84,04	10,64
16anos ou mais	-	-	-	-	-	-
Iniciou competições						
Menos de 6 anos	n=3	78,67	6,81	15	87,0	7,69
6a até 10 a e 11 meses	n=94	79,06	8,81	151	87,60	7,63
11a até 15a e 11meses	n=42	78,43	8,86	70	83,51	8,71
16anos ou mais	-	-	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Observa-se que a maior parte dos participantes iniciou sua participação em treinamentos e competições entre os 6 anos e 10 anos e 11 meses em ambos os grupos amostrais. os atletas que iniciaram a prática esportiva idade menor do que 6 anos e participação em competições entre 6 anos e 10 anos 11 meses apresentam maiores níveis

de autoconfiança. Esse resultado ocorre tanto nos atletas de ginástica quanto futebol. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as médias de autoconfiança para as idades em que atletas de ginástica iniciaram em treinamentos e competições. Especificamente no futebol, atletas que iniciaram em competições entre 6 anos até 10 anos 11 meses apresentam níveis estatisticamente significativos mais elevados de autoconfiança do que os que iniciaram entre 11 anos e 15 anos 11 meses ($p < 0,05$). Dos 26 atletas de ginástica que iniciaram treinamentos antes dos 6 anos, apenas 3 participavam de competições nesta faixa etária. E dos 67 de futebol que iniciaram na mesma faixa de idade, somente 15 competiam desde então.

Souza e colaboradores (2012) verificaram que nadadores com mais experiência em competições tendem a apresentar níveis mais elevados de autoconfiança. A literatura sugere que o nível de competições que o atleta participa pode ser significativo: os que competem em competições nacionais tendem a apresentar índices superiores do que aqueles que competem em regionais e estaduais (Souza et al., 2012; Coimbra et al., 2013). Questiona-se se atletas que iniciam a prática da modalidade esportiva antes dos 6 anos e a participação em competições a partir dos 6 tendem a apresentar níveis mais elevados de autoconfiança ao longo da carreira.

Investigaram-se, ainda, associações entre nível atual de escolaridade (concluído ou não) e autoconfiança. As respostas foram categorizadas em ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. A Tabela 17 demonstra os níveis de autoconfiança por escolaridade em cada grupo amostral.

Tabela 17 – Médias dos escores de autoconfiança por escolaridade

Escolaridade	Ginástica			Futebol		
	N	Média	DP	N	Média	DP
E. Fundamental	88	79,01	8,8	115	85,92	8,22
E. Médio	42	78,57	8,57	124	86,60	8,05
E. Superior	12	75,33	12,13	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Atletas de Ensino Médio apresentaram níveis mais elevados de autoconfiança em ambos os grupos. Verifica-se que o aumento da autoconfiança para o grupo de ginástica não é linear à escolaridade. Nenhuma das diferenças apresentadas é estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Almeida (2009) apresenta estudos acerca de fatores que interferem no desempenho de atletas de futebol, com foco no fenômeno autoconfiança. Defende a importância do comprometimento familiar e da comissão técnica com o apoio pedagógico e aspectos associados à formação dos jogadores.

Uma hipótese aos resultados encontrados está relacionada à idade dos participantes dos grupos. O grupo de atletas de ginástica com Ensino Fundamental é composto por participantes com média de idade de 13,22 anos (DP=1,01), Ensino Médio de 15,74anos (DP=1,36) e Superior de 19,42anos (1,56). Os jogadores de futebol com Ensino Fundamental apresentam média de 14,09 anos (DP=0,96) e Ensino Médio de 15,09 (DP=0,54). Essas idades são esperadas entre os participantes do nível de escolaridade em questão. Conforme exposto, a literatura científica não aponta evidências de correlações e/ou diferenças estatisticamente significativas entre a idade e autoconfiança (Alexandrino, 2006; Rocha, 2007; Moreira, 2012; Souza et al., 2012).

Destaca-se também que o grupo de atletas de ginástica que cursam/cursaram até Ensino Superior é relativamente pequeno (n=12). Essa diferença pode ter prejudicado o procedimento estatístico gerada.

Afirma-se que os atletas do sexo masculino apresentam níveis estatisticamente significativos mais elevados de autoconfiança do sexo feminino. As demais variáveis de perfil não demonstraram, no geral, associações estatisticamente significativas com os níveis de autoconfiança. Porém algumas hipóteses podem ser lançadas. Atletas que iniciaram a prática esportiva até os 6 anos de idade e participação em competições entre os 6 anos e 10 anos 11 meses apresentaram médias de autoconfiança mais elevadas em ambos os grupos amostrais. Porém a idade não apresentou associações estatisticamente significativas com o fenômeno estudado. Finalmente, Almeida (2009) enfatiza a importância da formação acadêmica de atletas para o aprimoramento do desempenho, focando na autoconfiança. Mas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre autoconfiança de atletas de diferentes níveis de escolaridade.

4.5 ASSOCIAÇÕES ENTRE RESULTADOS COMPETITIVOS E AUTOCONFIANÇA

Esta seção apresenta as associações verificadas entre os níveis de autoconfiança dos atletas e seus resultados competitivos. Trata-se do foco de investigação deste estudo, investigado por meio de análise de regressão linear.

Nesta etapa, foram incluídos os participantes das modalidades esportivas de ginástica por contemplarem os seguintes critérios de inclusão: competir individualmente, sem confronto direto com o adversário e obter resultados competitivos individuais e expressos por valores objetivos. A amostra de estudo nas análises apresentadas contemplou 44 atletas de ginástica artística e 32 de ginástica rítmica. Os atletas dos quais não foi possível incluir os resultados competitivos foram excluídos.

Os procedimentos iniciais associaram os escores totais de autoconfiança e os resultados brutos competitivos individuais, para os grupos de atletas de ginástica artística e rítmica separadamente. Em seguida, gerou-se a variável escore z, que possibilitou a transformação dos resultados brutos das diferentes modalidades esportivas em escores comparáveis. Posteriormente, foi gerada a análise de regressão entre os resultados competitivos em escore z dos atletas de ginástica (n=76) e seus níveis de autoconfiança.

Os níveis de autoconfiança foram compostos pela variável escore total, obtidos por meio da soma das respostas aos itens do Questionário de Autoconfiança no Esporte, como sugere Vealey (2003). Os resultados competitivos foram caracterizados por duas variáveis: a) Resultados 1 - média da nota geral pela quantidade de apresentações na competição de coleta de dados e b) Resultados 2 - nota mais alta entre todas as apresentações. O escore z dos resultados competitivos foi composto por duas variáveis, resultantes da transformação das variáveis Resultados 1 e Resultados 2, obtidos nas competições.

Inicialmente, apresentam-se as estatísticas descritivas das variáveis associadas. A Tabela 18 demonstra os níveis de autoconfiança e resultados brutos competitivos para atletas de ginástica artística (n=44) e ginástica rítmica (n=32).

Tabela 18 – Estatística descritiva das variáveis autoconfiança e resultados competitivos para atletas de ginástica

Variáveis	Ginástica artística			Ginástica rítmica		
	N	Média	DP	N	Média	DP
Resultados 1	44	12,01	0,93	32	7,69	1,18
Resultados 2	44	13,26	0,72	32	8,23	1,29
Escore total AC	44	79,09	8,12	32	77	9,91

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

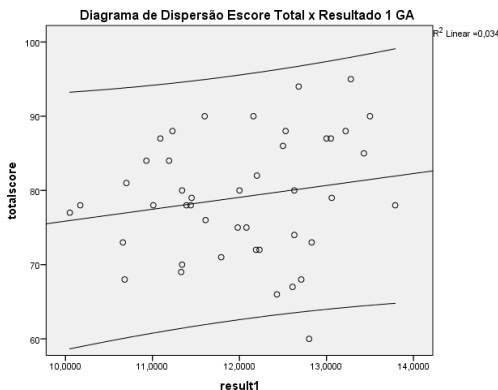
Ressalta-se que os resultados competitivos das modalidades esportivas ginástica artística e rítmica não são comparáveis. Quanto aos

níveis de autoconfiança, é possível afirmar que os atletas de ginástica artística apresentam média mais elevada do que as de ginástica rítmica nesta amostra. E que a variação das médias de autoconfiança é mais elevada entre as atletas de ginástica rítmica.

As associações entre resultados competitivos e autoconfiança foram geradas com modelos de Regressão Linear pelo método Enter. A validade do modelo foi verificada por meio dos intervalos de confiança e da previsão pontual. Realizou-se também o diagnóstico do modelo estimado pelo teste de Durbin-Watson, que avalia a covariância (autocorrelação dos resíduos) e análise dos resíduos estandardizados (*outliers*).

Na primeira análise foram incluídas como variável independente Resultados 1 para os resultados competitivos brutos (1) dos atletas de ginástica artística e variável dependente o escore total de autoconfiança do mesmo grupo. O diagrama de dispersão demonstra que as variáveis apresentam, aparentemente, uma associação linear positiva, porém, com uma distribuição dispersa. Possibilitando inferir fraca associação entre os resultados competitivos brutos dos atletas de ginástica artística, pela variável Resultados 1, e seus níveis de autoconfiança esportiva.

Figura 9 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (1) para atletas de ginástica artística (n=44)



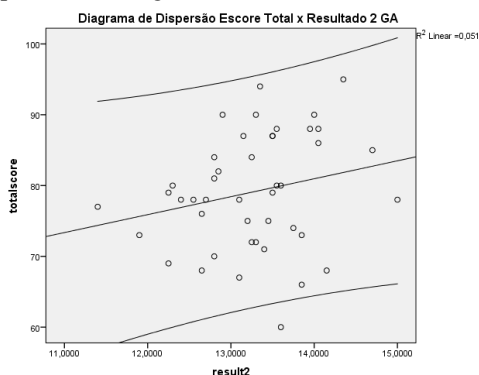
Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Os resultados indicaram associações fracas e não significativas entre as variáveis ($R^2_{ajustado}=0,11$; $p>0,05$). Não foram encontradas evidências de relação preditiva entre a variação de autoconfiança e a

variável Resultados 1, de resultados brutos competitivos dos atletas de ginástica artística.

A fim de aprimorar os resultados encontrados, o mesmo procedimento foi realizado com a variável independente Resultados 2, para o mesmo grupo amostral. O diagrama de dispersão com as variáveis escore total de autoconfiança e resultados brutos (2) apresenta configuração semelhante àquele resultante da associação com a variável Resultados 1.

Figura 10 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (2) para atletas de ginástica artística (n=44)

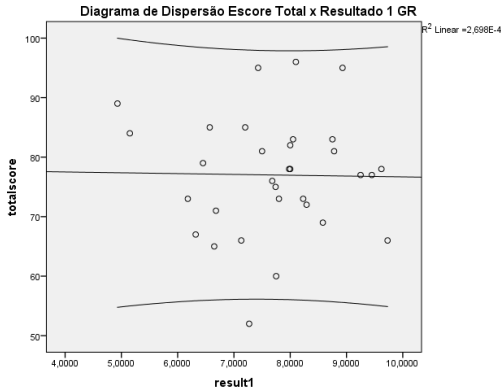


Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A distribuição gráfica confirma os resultados encontrados na análise de regressão gerada entre a variável independente Resultados 2 e a variável dependente escore total de autoconfiança de atletas de ginástica artística. Nestes, foram encontradas associações fracas e estatisticamente não significativas entre as variáveis (R^2 ajustado = 0,028; $p > 0,05$).

Os mesmos procedimentos foram aplicados ao grupo de ginástica rítmica. A Figura 11 apresenta o diagrama de dispersão da associação entre os resultados brutos competitivos (1) e os níveis de autoconfiança das atletas.

Figura 11 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (1) para atletas de ginástica rítmica (n=32)

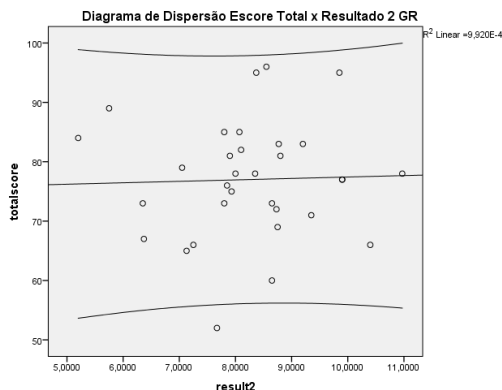


Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O gráfico demonstra, aparentemente, uma associação linear negativa. Porém, também com distribuição dispersa. A terceira análise de regressão linear proposta é composta pela variável independente Resultados 1 para os resultados brutos competitivos (1) das atletas de ginástica rítmica e variável dependente escore total de autoconfiança do mesmo grupo. Os resultados confirmam a associação verificada no gráfico e sugerem associação fraca, negativa e não significativa entre as variáveis ($R^2_{ajustado} = -,033$; $p > 0,05$).

Seguindo a padronização dos procedimentos, foi calculada a regressão linear entre a variável independente Resultados 2, das atletas de ginástica rítmica, e variável dependente autoconfiança. A Figura 12 mostra a distribuição das variáveis.

Figura 12 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (2) para atletas de ginástica rítmica (n=36)



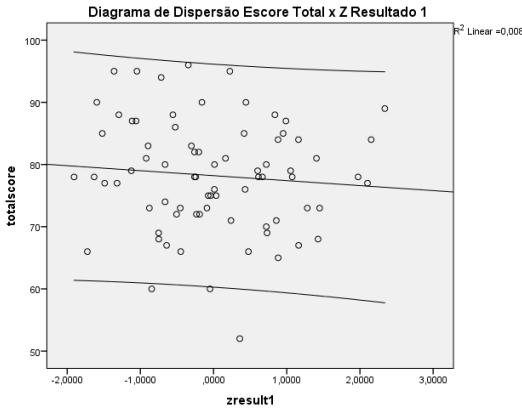
Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Verifica-se uma associação, aparentemente, linear, mas com a mesma característica de dispersão dos dados. Os resultados da quarta análise, entre os resultados brutos (2) e o escore total de autoconfiança das atletas de ginástica rítmica, indicam associação fraca entre as variáveis, negativa e não significativa ($R^2_{ajustado} = -0,32$; $p > 0,05$).

A fim de trabalhar com uma amostra maior, característica importante nos procedimentos de regressão, os resultados brutos competitivos (1 e 2), de ambos os grupos amostrais, foram padronizados em variáveis escore z (1 e 2). As variáveis escore z 1 e escore z 2 tornaram os resultados brutos competitivos de atletas de ginástica artística e rítmica comparáveis, possibilitando a análise de regressão com os resultados dos dois grupos em uma única amostra (n=76).

A quinta análise de regressão inclui como variável independente os resultados competitivos comparáveis de atletas de ginástica artística e rítmica (escore z 1) e seus níveis de autoconfiança (escore total de autoconfiança). O diagrama de dispersão é apresentado na Figura 13.

Figura 13 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (1), em escore z, para atletas de ginástica (n=76)

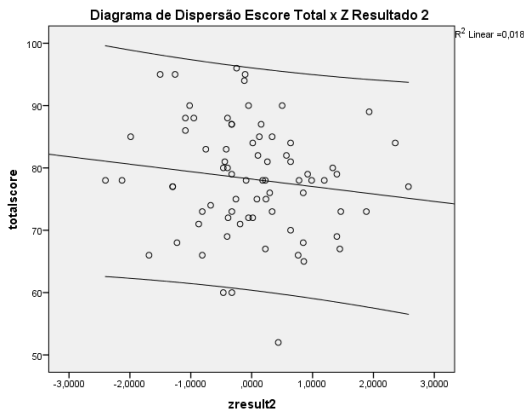


Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O diagrama de dispersão demonstra uma associação, aparentemente, linear negativa, com uma distribuição dispersa das variáveis. Os resultados da análise de regressão confirmam as inferências expressas com base no diagrama e indicam associação fraca, negativa e não significativa entre as variáveis (R^2 ajustado=-0,05; $p>0,05$).

Por fim, propõe-se o sexto procedimento de análise de regressão, substituindo a variável independente, escore z 1, pelos resultados competitivos (2) dos atletas de ginástica transformados na variável escore z 2. A Figura 14 apresenta o diagrama de dispersão.

Figura 14 – Diagrama de dispersão das variáveis autoconfiança e resultados competitivos (2), em escore z, para atletas de ginástica (n=76)



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O diagrama de dispersão demonstra associação aparentemente linear, também com distribuição dispersa das variáveis. A análise de regressão indica associação fraca, positiva e não significativa entre as variáveis ($R^2_{ajustado}=0,04$; $p>0,05$). Confirma, portanto a força e a significância das associações encontradas pelos demais modelos de regressão propostos.

Esses resultados, de certa forma, corroboram com a literatura científica. No estudo de desenvolvimento do modelo conceitual social cognitivo, foram correlacionados os escores total e das subescalas de autoconfiança com resultados competitivos avaliados subjetivamente pelos participantes, nadadores universitários (n=23), e seus treinadores. Vealey (2003) solicitou que os atletas e seus técnicos expressassem sua percepção sobre o desempenho do atleta em 7 provas competitivas. Foram encontradas correlações positivas e estatisticamente significativas entre autoconfiança e avaliações sobre a atuação esportiva em 3 das 7 provas. Os níveis de associação variaram entre fraco, médio e forte para a subescala Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento; predominantemente fortes para a subescala Autoconfiança em Eficiência Cognitiva; predominantemente fracos para Autoconfiança em Resiliência e, também, para o total da escala. Porém, as associações analisadas são, predominantemente, não significativas (4 das 7 provas).

Uma questão a ser pontuada é que a avaliação da atuação esportiva, proposta por Vealey (2003), é baseada na percepção dos atletas e treinadores sobre o desempenho apresentado em cada prova.

Tratam-se de valores atribuídos subjetivamente. Vealey (2003) demonstra diferenças consideráveis nos níveis de correlação entre autoconfiança e atuação esportiva avaliados pelos atletas daqueles avaliados pelos treinadores. Os resultados das associações geradas nessa pesquisa, por meio de análise de regressão, vão ao encontro das correlações não significativas resultantes da maioria das associações calculadas por Vealey (2003), sendo contrários às associações nas quais a autora identificou correlações estatisticamente significativas (3 de 7).

Consideram-se algumas questões metodológicas na discussão entre os estudos. Destaca-se que as variáveis independentes, associadas ao que Vealey (2003) denomina de desempenho (*performance*), e que o presente estudo classifica como resultados competitivos, foram coletadas de forma diferente, conforme exposto. Os procedimentos de análise de dados também são diferentes (correlação canônica e regressão linear), ainda que a análise de regressão tenha como base a correlação (Dancey & Reidy, 2013). Por fim, a amostra de estudo utilizada nas associações em questão são relativamente pequenas, porém a diferença entre os estudos é de 53 participantes. Estas razões sugerem que os resultados sejam interpretados com cautela (Vealey, 2003).

Os resultados do presente estudo podem estar fortemente associados ao modelo conceitual mais recente da autoconfiança esportiva (Vealey & Chase, 2008), apresentado na Figura 3. O modelo demonstra que os tipos de autoconfiança, Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento, Autoconfiança em Eficiência Cognitiva e Autoconfiança em Resiliência, afetam as emoções, cognições e comportamentos do atleta. Estes, por sua vez, afetam o desempenho esportivo (*performance*). O desempenho é afetado também pelas características e habilidades físicas e fatores externos que não podem ser controlados. Portanto, os resultados competitivos podem não estar diretamente associados à variação da autoconfiança. Mas sim, às características individuais, aos fatores ambientais e processos emocionais, cognitivos e comportamentais. Os resultados encontrados pelos modelos análise de regressão linear e os pressupostos teóricos expostos possibilitam lançar a hipótese de que a autoconfiança seja um fenômeno psicológico mediador. Sugere-se que a autoconfiança afeta outros processos psicológicos que, por sua vez podem estar diretamente associados ao desempenho.

Ferreira (2008) investigou a influência da autoeficácia, autoconfiança e ansiedade sobre o desempenho em jogadores de futebol. As variáveis de desempenho foram avaliadas por meio de *scout* técnico. O autor propôs um modelo de regressão composto pelas variáveis

independentes ansiedade cognitiva, ansiedade somática, autoeficácia e autoconfiança, com a variável dependente desempenho. A autoconfiança previu apenas 2,2% e a autoeficácia 2,0% do desempenho. Estes resultados foram estatisticamente significativos. As variáveis de ansiedade não apresentaram valores preditivos estatisticamente significativos. Os baixos índices de poder preditivo da autoconfiança indicam que pode haver uma associação, mas que ela não é elevada quanto associada diretamente ao desempenho.

É comum, na literatura científica, estudos que correlacionem os níveis de autoconfiança com resultados autoavaliados de desempenho esportivo. Iyzuca (2003) não encontrou associações significativas entre as variáveis e sugere que os níveis de autoconfiança não possibilitam a emissão de inferências sobre o desempenho. Souza e colaboradores (2012) verificaram correlação fraca, positiva e não significativa entre autoconfiança e autoavaliação de desempenho.

Hernandes e Gomes (2002) investigaram a relação preditiva entre as variáveis independentes coesão grupal e subescalas de ansiedade pré-competitiva (ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança) e a variável dependente composta pelos resultados obtidos em jogos de futsal. Os resultados indicam que os melhores preditores foram as variáveis ansiedade e coesão grupal (atração grupo-tarefa). Realizaram ainda análise de variância entre resultado (vitória ou derrota) e as subescalas de ansiedade pré-competitiva. Verificaram que não houve diferença entre os níveis de autoconfiança dos atletas que venceram para aqueles que perderam. A associação quantitativa entre autoconfiança e resultados, classificados em vitória e derrota, não foram significativas.

Absdolalizadeh, Torbati, Sohrabi, Mohammadi e Tavalolian (2010) investigaram a influência das fontes de autoconfiança (Vealey et al., 1998) sobre os resultados competitivos de lutadores iranianos. Identificaram associações positivas e estatisticamente significativas entre liderança dos treinadores, mestria (domínio das habilidades), conforto ambiental, demonstração da habilidades, preparação física e mental e autorrepresentação física e desempenho. Tratam-se de 6 das 9 dimensões propostas. Esses resultados fortalecem os estudos de Vealey e colaboradores (1998) e Vealey e Chase (2008), que sugerem que as fontes de autoconfiança exercem influência, ainda que indireta, sobre o desempenho.

As evidências empíricas e os pressupostos teóricos apresentados possibilitam inferir que a investigação de relação preditiva entre resultados competitivos e autoconfiança, por meio de abordagem quantitativa dos dados, demonstram associações predominantemente

não significativas. Questiona-se se os resultados de estudos qualitativos com atletas de alto nível corroborariam com essas hipóteses. Eduarda Amorim não é a única atleta de alto rendimento que declara publicamente a importância da autoconfiança na conquista de um título importante. A mídia mostra importantes figuras esportivas que destacam a autoconfiança e a crença de sucesso em seus relatos: a judoca brasileira Sarah Menezes, o lutador brasileiro Anderson Silva e o ex-pugilista norte-americano Muhammad Ali são alguns dos exemplos que podem ser citados.

Verifica-se que as conclusões resultantes dos estudos quantitativos parecem não estar associadas ao modelo proposto por Weinberg e Gould (2011), para a associação entre autoconfiança e desempenho. Porém, é interessante pensar se estudos qualitativos sobre os relatos dos atletas poderiam identificar esta ou outras associações entre autoconfiança e atuação esportiva.

Conclui-se que a autoconfiança pode exercer um efeito mediador e afetar outros processos psicológicos que influenciam a atuação esportiva. Os resultados encontrados neste estudo corroboram com a literatura científica, especialmente com o modelo proposto por Vealey e Chase (2008). Por outro lado, vão de encontro ao gráfico de U invertido (Weinberg & Gould, 2011), que representa a associação entre as variáveis em questão. O que não permite afirmar que a proposta dos autores seja inadequada, na medida em que, por vezes, os relatos dos atletas de alto rendimento sobre o tema refletem esse modelo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, algumas conclusões, hipóteses e sugestões podem ser apontadas.

O processo de adaptação do *Sport-Confidence Inventory* (2003) foi uma decisão tomada com cautela, por conta do cenário científico atual sobre a autoconfiança esportiva e seus instrumentos de mensuração. Trata-se de um instrumento de aferição sobre o qual foram encontradas pouquíssimas publicações. Por outro lado, o SCI está de acordo com os pressupostos sugeridos por Vealey (1998, 2003), baseados em um modelo social cognitivo e multidimensional da autoconfiança em atletas. O envio do manuscrito não publicado pela autora, sobre o seu desenvolvimento do questionário, motivou a decisão e ofereceu base para a adaptação transcultural.

O Questionário de Autoconfiança no Esporte, resultante da adaptação transcultural para atletas brasileiros, demonstrou evidências de validade pela estrutura interna e precisão, tanto para atletas de ginástica, quanto futebol. A análise de componentes principais indicou a formação de três componentes para ambos os grupos amostrais, porém, com algumas diferenças com relação aos itens e ao título de alguns componentes. Algumas diferenças foram encontradas na sua multidimensionalidade, quando comparada com o modelo original (Vealey, 2003). Os índices de precisão sugerem que o instrumento de avaliação apresenta consistência interna para ambas as amostras. Infere-se que as diferenças na análise de fatores e nos valores de *alpha de Cronbach* verificadas entre os grupos amostrais e o estudo original estejam relacionadas a questões teóricas, empíricas e aplicadas ao contexto brasileiro e a cada modalidade esportiva. Talvez, adaptações específicas para cada modalidade esportiva poderiam aprimorar a qualidade do Questionário de Autoconfiança do Esporte e, conseqüentemente, os resultados dessas análises.

Novas investigações poderiam aperfeiçoar o Questionário de Autoconfiança no Esporte, considerando as particularidades de cada modalidade esportiva. Além disso, estudos futuros poderiam, inclusive, desenvolver classificações dos níveis resultantes de escore total de autoconfiança, a fim de aprimorar a interpretação dos resultados quantitativos obtidos pelo QEA.

Ao identificar evidências de validade pela estrutura interna e precisão do instrumento adaptado, foi possível avaliar os níveis de autoconfiança dos participantes. Quanto às variáveis de perfil, identificou-se que os atletas do sexo masculino apresentaram média dos

escores de autoconfiança significativamente mais elevada do que as atletas. Diferenças estatisticamente significativas também foram identificadas entre o grupo de ginástica, modalidade esportiva individual, e futebol, considerada coletiva. Porém, questões teóricas e empíricas, associadas à quantidade de atletas do sexo masculino e feminino presentes em cada grupo amostral, podem ter prejudicado esta análise. Não foram verificadas associações estatisticamente significativas entre idade, idade que iniciou em treinamentos, idade que iniciou em competições e escolaridade com os escores de autoconfiança. Porém, observou-se que atletas que iniciaram em treinamentos antes dos 6 anos, e em competições entre 6 anos e 10 anos 11 meses apresentaram níveis mais elevados de autoconfiança. Investigações futuras poderiam explorar as associações entre primeiro contato com as situações de treinamentos e competições e níveis de autoconfiança.

Quanto ao objetivo geral do estudo, investigar evidências de relação preditiva entre resultados competitivos individuais e os níveis de autoconfiança dos atletas, foram encontradas associações fracas e não significativas em todas as análises geradas. Os resultados corroboram, de certa forma, com a literatura científica. Vealey e Chase (2008) sugerem que a autoconfiança afeta diretamente os processos psicológicos, emocionais e comportamentais, e estes influenciam diretamente a atuação esportiva. O resultados do presente estudo reforçam este modelo, sugerindo que, talvez, a autoconfiança exerça papel mediador, influenciando outros processos que afetam os resultados competitivos. A literatura oferece suporte a esta hipótese, indicando que a autoconfiança tende a afetar a estabilidade na atuação esportiva, manutenção de foco mental, controle de estresse, raiva e ansiedade, foco nas estratégias e outras habilidades associadas ao contexto esportivo (Vealey, 1986, 2003; Jones et al., 1994; Hanton et al., 2004; Couto Junior et al., 2007; Robazza e Bertoli, 2007; Mellalieu et al., 2008; Filaire et al., 2009; Liz et al. 2009; Mowlaie et al., 2011).

Os resultados não corroboram com o modelo de associação entre autoconfiança e atuação esportiva de U invertido, sugerido por Weinberg e Gould (2011). Porém, atletas de alto rendimento têm declarado publicamente que a autoconfiança pode ter influenciado atuação. Pesquisas com abordagem qualitativa dos dados poderiam investigar este modelo com melhor qualidade. Sugere-se, ainda, que novas investigações apresentem caráter transversal, com medidas repetidas, e que as avaliações sejam realizadas de forma intercalada entre os níveis de autoconfiança e os resultados obtidos na atuação seguinte.

É possível afirmar que o estudo atingiu todos os objetivos propostos. O cenário atual de mensuração em autoconfiança de atletas foi uma das limitações ao estudo, a qual foi superada por meio da adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003) para atletas brasileiros. Decisão que foi motivada pela autorização e envio de materiais não publicados pela autora.

Outro desafio esteve relacionado ao tamanho da amostra. Foi necessário decidir por uma amostra reduzida para o cumprimento do objetivo geral, mas que contemplasse os critérios de inclusão dessa etapa. Porém, considera-se que os resultados competitivos avaliados objetivamente por especialistas, nas modalidades esportivas que contemplassem os critérios da empiria, foram um diferencial do estudo. Muitas pesquisas publicadas denominam como avaliação de desempenho variáveis compostas por avaliações subjetivas, referentes à percepção do atleta ou treinador sobre a atuação esportiva, índices de vitórias e derrotas e resultados de modalidades esportivas coletivas e/ou disputadas por meio de confronto direto.

Conclui-se que todas as propostas foram cumpridas, desenvolvendo uma medida válida e precisa da autoconfiança esportiva e investigando associações entre perfil, resultados competitivos e autoconfiança de atletas. O estudo oferece base para investigações futuras, contribui com o conhecimento em Psicologia do Esporte e pode, mesmo que futuramente, atender necessidades de profissionais da área, que necessitem avaliar e intervir sobre a autoconfiança de atletas brasileiros.

REFERÊNCIAS

- Abdolzadeh, J., Torbati, H. R. T., Sohrabi, M., Mohammadi, J., & Tavakolian, A. (2010). The relationship between sources of Sport-confidence and athletic performance in Young Iranian elite wrestlers. *Iranian Journal of Health and Physical Activity*, 1(1), pp. 8-14. Recuperado em 04 de janeiro de 2014. Obtido de <http://profdoc.um.ac.ir/articles/a/1019208.pdf>
- Abrantes, L. M. (2005). *Ansiedade e habilidades psicológicas em atletas de andebol*. Monografia, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/16176/2/Monografia-Miguel.pdf>
- Alexandrino, J. N. R. (2006). *Habilidades psicológicas e traço de ansiedade em atletas de elite*. Monografia, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13314/1/Monografia%20Jo%C3%A3o%20Nuno%20Rodrigues%20Alexandrino.pdf>
- Almeida, P. P., de. (2009). *Fatores motivacionais que interferem no desempenho do atleta profissional de futebol (foco na autoconfiança)*. Monografia, Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado em 04 de janeiro de 2014. Obtido de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18831/000732951.pdf?sequence=1>
- Anastasi, A., & Urbina, S. (1997). *Testagem Psicológica*. (7ed). Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.
- Andrade, A. M. (2005). *Perfil psicológico de rendimento, habilidades psicológicas e ansiedade*. Monografia, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13781/2/Parte%20Fundamental.pdf>
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, (2), pp. 191-215. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de

- <http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=1977-25733-001>
- Bandura, A. (1993) Perceived self efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist*, 28(2), pp. 117-148. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de http://www.unco.edu/cebs/psychology/kevinpugh/motivation_project/resources/bandura93.pdf
- Bandura, A. Azzi, R. G., & Polydoro, S. A. (2008). *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Baranski, J. V. (2007) Fatigue, sleep loss, and confidence in judgment. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 13(4), 182-196. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psycnet.apa.org/journals/xap/13/4/182/>
- Barbanti, V. J. (1994). *Dicionário de Educação Física e do Esporte*. São Paulo: Manole.
- Bartholomeu, D., Montiel, J. M., & Machado, A. A. (2013). Avaliação da escala Likert dos itens do CSAI-2 em atletas. *Interação Psicol.*, 17(1), pp. 79-89. Recuperado em 05 de janeiro de 2014. Obtido de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewFile/26775/21322>
- Beaton, D. E., & Guillemin, F. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *SPINE*, 25(24), pp. 3186-3191. Recuperado em 14 de novembro de 2012 <http://emgoextra.nl/kc/preparation/research%20design/vragenlijsten/Beaton.pdf>
- Beauchamp, M. R., Bray, D. R., & Albinson, J. (2002). Pre-competition imagery, self-efficacy and performance in collegiate golfers. *Journal of Sports Sciences*, 20, pp. 297-705. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12200921>
- Bocchini, D., Morimoto, L., Rezende, D., Cavinato, G., & Luz, L. M. R., da. (2008) Análise dos tipos de ansiedade entre jogadores titulares e reservas de futsal. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v. 6, ed. especial, pp. 522-532. Recuperado em 01 de janeiro de 2014. Obtido de <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/271/22>
- Bodas, A., Lázaro, J., & Fernandes, H. (2007). Perfil psicológico de prestação dos atletas paralímpicos Atenas 2007. *Motricidade*, 3(3), pp. 33-43. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/mot/v3n3/v3n3a05.pdf

- Butler, A. C., Karpicke, J. D., & Roediger, III. H. L. (2008) Correcting a metacognitive error: feedback increases retention of low-confidence correct responses. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*. pp. 34(4), pp. 918-928. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psycnet.apa.org/journals/xlm/34/4/918/>
- Camargo, I. B., & Contel, J.O.B. (2004). Tradução e adaptação de questionários norte-americanos para a avaliação de habilidades e conhecimentos na prática psiquiátrica brasileira. *Revista de Psiquiatria*, 26(3), pp. 288-99. Recuperado em 14 de novembro de 2012. Obtido de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082004000300006&script=sci_arttext
- Coelho, E., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. (2007). Análise fatorial confirmatória da versão portuguesa do CSAI-2. *Motricidade*, 3(3), pp. 73-82. Recuperado em 06 de janeiro de 2014. Obtido de http://www.academia.edu/789258/Analise_Factorial_Confirmatoria_Da_Versao_Portuguesa_Do_CSAI-2
- Coelho, E.; Vasconcelos-Raposo, J.; & Fernandes, H. (2010) Análise fatorial confirmatória da versão portuguesa do CSAI-2. *Motricidade*, 3(3), pp. 73-82. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/mot/v3n3/v3n3a08.pdf
- Coelho, E. M.; Vasconcelos-Raposo, J.; & Mahl, A. C. (2010). Confirmatory factorial analysis of the Brazilian version of the Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2). *The Spanish Journal of Psychology*, 13(1), pp. 453-460. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20480711>
- Coelho, R. W., Oliveira, S., de, Elsangedy, H. M., Krinski, K., Colombo, H., & Buzzachera, C. F.. Silva, S. G., da (2008). O efeito da imaginação no desempenho e na precisão do saque no tênis de campo. *Revista Brasileira Cineantropometria, Desempenho Humano*, 10(2), pp. 176-183. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20480711>
- Coelho, R. W., & Ferreira, M. A. C. Ansiedade competitiva e tênis: um estudo comparativo com atletas do sexo feminino e masculino. *Revista científica da Faculdade Dom Bosco*, 1(1). Recuperado em 01 de janeiro de 2014. Obtido de http://www.facdombosco.edu.br/arquivos/revelet/Revista_Cientific_a_Artigo_07.pdf

- Coimbra, D. R., Bara Filho, M., Andrade, A., & Miranda, R. (2013). Habilidades psicológicas de *coping* em atletas brasileiros. *Motricidade*, 9(1), pp. 95-106. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/mot/v9n1/v9n1a10.pdf>
- Corrêa, D. K. de A. (2002). Avaliação Psicológica e performance no esporte. In: Cruz, R. B., Alchieri, J. C., & Sardá Jr., J. (org.) *Avaliação e medidas psicológicas: produção do conhecimento* (pp. 203-223). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Couto Junior, J. M., Moreno, R. M., Souza, A. F., de Prado, M. M., & Machado, A. A. (2007). A influência da torcida na performance de jogadores brasileiros de futsal: um viés da Psicologia do Esporte. *Motriz, Rio Claro*, 13(4), pp. 259-265. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1279/1173
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo, SP: Atlas.
- Cox, R. H., Martens, M. P., & Russell, W. (2003) Measuring anxiety in athletics: the revised Competitive State Anxiety Inventory-2. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, pp. 519-533. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://journals.humankinetics.com/jsep-back-issues/jsepvolume25issue4december/measuringanxietyinathleticsth erevisedcompetitivestateanxietyinventory2>
- Cruz, J. F., Viveiros, M. I., Alves, L. A., Gomes, A. R., Matos, D., & Ferreira, M. J. (2006) *Características psicométricas de uma versão portuguesa do "Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2): dados preliminares relativos à sua validade*. In: Santos, M. Lima, M. Melo, A. Candeias, M. Grácio, & A. Caldo (Eds.), *Actas do VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (vol. 3, 104-125). Évora: Departamento de Psicologia, Universidade de Évora. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5900/1/Actas-%C3%89vora-CSAI-2-Word.pdf>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2013). *Estatística sem Matemática para a Psicologia*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Di Domenico, V. G. C., & Cassetari, L. (2002). *Métodos e técnicas de pesquisa em Psicologia: uma introdução*. (3ed). São Paulo: Edicon.
- Domansky, R. de, C., & Santos, V. L. C., de. (2009). Adaptação cultural e validação do instrumento *The Bowel Function in the Community*

- para o Brasil. *Ver Esc Enferm USP*, 43(Esp), pp. 1114-1129. Recuperado em 14 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43nspe/a16v43ns.pdf>
- Feltz, D. L., Short, S. E., Sullivan, P. J. (2008). *Self-efficacy in sport*. Champain: Human Kinetics.
- Fernandes, M. G., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. M. (2012). Propriedades psicométricas do CSAI-2 em atletas brasileiros. *Psicologia: reflexão e crítica*, 25(4), pp. 679-687. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v25n4/07.pdf>
- Fernandes, M. G., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. M. (2012). Relação entre orientações motivacionais, ansiedade e autoconfiança, e bem-estar subjetivo em atletas brasileiros. *Motricidade*, 8(3), pp. 4-18. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/mot/v8n3/v8n3a02.pdf>
- Ferreira, M. A. C. (2008). *A influência da auto-eficácia e da ansiedade em jogadores de futebol*. Dissertação de Mestrado, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/15325/-Disserta%C3%A7%C3%A3oMarcoACFerreira.pdf?sequence=1>
- Filaire, E., Alix, D., Ferrand, C., & Verger, M. (2009). Psychological stress in tennis players during the first single match of a tournament. *Psychoneuroendocrinology*, 34, pp. 150-157. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18845399>
- Finn, B., & Metcalfe, J. (2007). The role of memory for past test in the underconfidence with practice. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*. 33(1), pp. 238-244. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17201565>
- Freitas, C. M. S. M., de, Farias Junior, J. M., de, Sandes Junior, A. B. S., Kucera, C. A. C., Leão, A. C., Cunha, A. E. V., da (2009). Aspectos psicossociais que interferem no rendimento de modalidades desportivas coletivas. *Ver Bras Cineantropom Desempenho Hum*, 11(2), pp. 195-201. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/1980-0037.2009v11n2p195/16482>

- Gonçalves, M. P., & Belo, R. P. (2007). Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. *Psico-USF*, 12(2), pp. 301-307. Recuperado em 01 de janeiro de 2014. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousf/v12n2/v12n2a18.pdf>
- Hadjistavropoulos, T., Carleton, R. N., Barden, J., Fitzgerald, B., Delbaere, J., Zwakhalen, S. In: Hadjistavropoulos, H. (2012). The relationship of fear of falling and balance confidence with balance and dual tasking performance. *Psychology and Aging*, 27(1), pp. 1-13. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21707181>
- Hanton, S., Mellalieu, S. D., & Hall, R. (2004). Self-confidence and anxiety interpretation: a qualitative investigation. *Psychology of Sport & Exercise*, 5, p. 477-495. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029203000402>
- Hays, K., Thomas, O., Maynard, I., & Bawden, M. (2009). The role of confidence in world-class sport performance. *Journal of sports sciences*, 27(11), pp. 1185-1199. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02640410903089798
- Hernandez, J. A. E., & Gomes, M., de M. (2002). Coesão grupal, ansiedade pré-competitiva e o resultados dos jogos e equipes de futsal. *Rev.Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, 24(1), pp. 139-150. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/035250_302.pdf
- Iizuka, C. A. (2003). *Ansiedade em atletas mirins do tênis de mesa: relação com desempenho esportivo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <http://www.lepespe.com.br/downloads/dissertacaocristina.pdf>
- Iizuka, C. A., Dantas, L. E. P. B. T., Machado, A. A., Marinovic, W. (2005). Controle de ansiedade em mesa-tenistas e a sua relação com o desempenho esportivo. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 4(4), pp. 127-135. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1313/1029>
- Hunt, C. A., Rietchel, J. C., Hafield, B. D., & Iso-Ahola, S. E. (2013). A psychophysiological profile of winners and losers in sport

- competition. *Sport, exercise, and performance psychology*, 2(3), pp. 220-231. Recuperado em 07 de janeiro de 2014. Obtido de <http://psycnet.apa.org/journals/spy/2/3/220.pdf>
- Jones, G., Hanton, S., & Swain (1994). Intensity and interpretation of anxiety symptoms in elite and non-elite sports performers. *Personality and Individual Differences*, 17(5), pp. 657-663. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0191886994901384>
- Karageorghis, C. J., & Terry, P. C. (2011). *Inside Sport Psychology*. Champaign: Human Kinetics.
- Koriat, A., Sheffer, L., & Ma'ayan, H. (2002). Comparing objective and subjective learning curves: judgments of learning exhibit increased underconfidence with practice. *Journal of Experimental Psychology: General*, 131(2), pp. 147-162. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12049237>
- Lagendörger, F., Hodapp, V., Kreutz, G., & Bongard, S. (2006) Personality and performance anxiety among professional orchestra musicians. *Journal of Individual Differences*, 27(3), pp. 162-171. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psycnet.apa.org/journals/jid/27/3/162/>
- Lavoura, T. N., Botura, H. M. L., & Machado, A. A. (2006). Estudo da ansiedade e as diferenças entre gênero em um esporte de aventura competitivo. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, 1(3), pp. 74-81.
- Lavoura, T. N., Castellani, R. M., Machado, A. A. (2007). Comparação entre os gêneros a partir da análise da ansiedade e sua interferência no rendimento de atletas de alto nível da canoagem slalom. *Revista digital EFDeportes*, 11(106). Recuperado em 01 de janeiro de 2014. Obtido de <http://www.efdeportes.com/efd106/rendimento-de-atletas-de-alto-nivel-da-canoagem-slalom.htm>
- Liz, C. M., Matias, T. S., Vasconcellos, D. I. C., Rocha, C. A., da, Segato, L., & Andrade, A. (2009). Autoconfiança e desempenho esportivo. *Efdeportes Revista Digital*, 14(133), Buenos Aires. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.efdeportes.com/efd133/autoconfianca-e-desempenho-esportivo.htm> <http://psycnet.apa.org/journals/jid/27/3/162/>
- Manzo, L. G., Silva III, J. M., & Mink, R. (2001). The Carolina Sport-confidence. *Journal of Applied Sport Psychology*, 13, pp. 260-274.

- Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psicdesp.no.sapo.pt/par/15.pdf>
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. (5ed). São Paulo, SP: Atlas.
- Martens, R., Vealey, R. S., & Burton, D. (1990). *Competitive Anxiety in Sport*. [online] Recuperado em 14 de novembro de 2012. Obtido de <http://books.google.com.br/books?id=MNIldMfnlb0cC&printsec=frontcover&dq=anxiety+sport+martens&hl=pt-BR&sa=X&ei=7kilUK6UN5KI8QSm6YDYCg&ved=0CDcQ6wEwAA#v=onepage&q=anxiety%20sport%20martens&f=false>
- Martin, G. L. (2001). *Consultoria em Psicologia do Esporte: orientações práticas em análise do comportamento*. Campinas, SP: Instituto de Análise de Comportamento.
- Martin, A. J. (2011). Courage in the classroom: exploring a new framework predicting academic performance and engagement. *School Psychology Quarterly*, 26(2), pp. 145-160. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psycnet.apa.org/journals/spq/26/2/145.pdf>
- Mellalieu, S. D., Hanton, S., & Thomas, O. (2008). The effects of a motivational general-arousal imagery intervention upon performance symptoms in male rugby union players. *Psychology of Sport and Exercise*, 10, 175-185. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029208000587>
- Miller, T. M., & Geraci, L. (2011). Unskilled but aware: reinterpreting overconfidence in low-performing students. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 37(2), pp. 501-506. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psycnet.apa.org/journals/xlm/37/2/502/>
- Moreira, J. M., de, S. B. (2012). *Perfil psicológico de prestação e orientações cognitivas no andebol*. Dissertação de mestrado, Especialização em Psicologia do Desporto da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Mowlaie, M., Besharat, M. A., Pourbohloul, S. Azizi, L. (2011). The mediation effects of self-confidence and sport self-efficacy on the relationship between dimensions of anger and anger control with sport performance. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 30(2011), pp. 138-142. Recuperado em 07 de janeiro de 2014.

Obtido de http://ac.els-cdn.com/S1877042811018520/1-s2.0-S1877042811018520-main.pdf?_tid=39be944e-8a79-11e3-98fc-00000aab0f6b&acdnat=1391174081_47c6b9a6af1bd38cc1272672b53b3ca6

- Nazario, P. F., Caruzzo, N. M., Lima, F. E. B., Santos, V. A. P., dos, Vieira, J. L. L., Contreira, A. R. (2013). Níveis de motivação em nadadores: uma comparação em relação a autoeficácia, sexo e categorias da modalidade. *Biomotriz*, 7(1), pp. 29-41. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/BIOMOTRIZ/article/view/220>
- Nicholls, A. R., Polman, R. C., Levy, A. R., Backhouse, S. S. (2009). Mental toughness in sport: achievement level, gender, age, experience, and sport type differences. *Personality and individual differences*, 47(2009). Recuperado em 9 de janeiro de 2014. Obtido de http://ac.els-cdn.com.ez46.periodicos.capes.gov.br/S0191886909000750/1-s2.0-S0191886909000750-main.pdf?_tid=a3430ef4-8a79-11e3-8497-00000aab0f02&acdnat=1391174258_e7bc2bcf3f282038f7cd47d06a74a4df
- Nunomura, M. (2008). *Ginástica Artística*. São Paulo: Odysses.
- Otten, M. (2009). Choking vs. clutch performance: a study of Sport performance under pressure. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 31, pp. 583-601. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.csun.edu/~csbs/events/virtual-2009/Otten.pdf>
- Paquette, K. J., & Sullivan, P. (2009). Canadian curling coaches' use of psychological skills training. *The Sport Psychologist*, 26, pp. 29-42. Recuperado em 14 de novembro de 2012. Obtido de <http://journals.humankinetics.com/tsp-back-issues/tsp-volume-26-issue-1-march/canadian-curling-coaches-use-of-psychological-skills-training>
- Parreiras, L. A., de M. (2009). Análise dos fatores que influenciam a qualidade de vida de atletas paraolímpicos em ambientes de treino e competição. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/KMCG->

7NRLD8/diserta_o_qualidade_de_vida_definitiva.pdf?sequence=1

- Pasquali, L. (2007). Validade dos testes psicológicos: será possível reencontrar o caminho? *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23(especial), pp. 99-107. Recuperado em 14 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23nspe/18.pdf>
- Pesca, A. D., & Cruz, R. M. (2013). *Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado em 27 de janeiro de 2014. Obtido de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107344/319160.pdf?sequence=1>
- Ramires, A., Carapeta, C., Felgueiras, F., & Viana, M. F. (2001). Treino de modelagem e visualização mental: avaliação dos efeitos nas expectativas de auto-eficácia e desempenho de atletas de patinagem. *Análise Psicológica*, 1(XIX), pp. 15-25. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v19n1/v19n1a03.pdf
- Richardson, R. J. (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (2ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Robazza, C., & Bortoli, L. (2007). Perceived impact of anger and anxiety on Sporting performance in rugby players. *Psychology of Sport and Exercise*, 8, pp. 875-896. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.dsmu.unich.it/publicazioni/robazza%201.pdf>
- Rocha, J. B. P. F., da. (2007). *Habilidades psicológicas, orientação para os objetivos e traço e estado de ansiedade competitiva em atletas de modalidades individuais*. Monografia, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10533/1/Habilidades%20Psicol%C3%B3gicas%2c%20Orienta%C3%A7%C3%A3o%20para%20os%20Objectivos%20e%20Tra%C3%A7o%20e%20Esta](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10533/1/Habilidades%20Psicol%C3%B3gicas%2c%20Orienta%C3%A7%C3%A3o%20para%20os%20Objectivos%20e%20Tra%C3%A7o%20e%20Estado%20de%20Ansiedade%20Competitiva%20em%20Atletas%20de%20Modalidades%20Individuais)
- Rodrigues, A. D.; Lázaro, J. P.; Fernandes, H. M.; Vasconcelos-Raposo, J. (2009). Caracterização dos níveis de negativismo, activação, autoconfiança e orientações motivacionais de alpinistas. *Motricidade*, 5(2), pp. 63-86. Recuperado em 02 de janeiro de

2014. Obtido de <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/mot/v5n2/v5n2a06.pdf>
- Rubio, K. (2004). Rendimento esportivo ou rendimento humano? O que busca a da psicologia do esporte? *Psicol. Am. Lat.*, fev(1). Recuperado em 31 de outubro de 2012. Obtido de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100004&lng=pt&nrm=iso
- Rubio, K. (2007). Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. *Rev. bras. psicol. esporte*, 1(1). Recuperado em 31 de outubro de 2012. Obtido de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100007&lng=pt&nrm=iso
- Santos, R. J. F., dos. (2008). *Competências mentais e ansiedade competitiva em atletas de basquetebol*. Monografia, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10635/1/Compet%C3%A2ncias%20mentais%20e%20ansiedade%20competitiva%20em%20atletas%20de%20Basquetebol.pdf>
- Serra, M. J., & Dunlosky, J. (2005). Does retrieval fluency contribute to the underconfidence-with-practice effect? *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 31(6), p. 1258-1266. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://dept.kent.edu/psychology/MClab/files/pubbbies/Serra%20and%20D%20LMC.pdf>
- Sheldon, K. M., Zhaoyang, R., & Williams, M. J. (2013). Psychological need-satisfaction, and basketball performance. *Psychology of Sport and Exercise*, 14(2013), pp. 675-681. Recuperado em 07 de janeiro de 2014. Obtido de http://ac.els-cdn.com/S1469029213000551/1-s2.0-S1469029213000551-main.pdf?_tid=c4568742-8a79-11e3-bdf0-00000aab0f01&acdnt=1391174314_2d32bc6d3a76aa92811cfeb30d28d810
- Souza, R. T., de. (2007). *Psicologia positiva e resiliência*. Monografia de Especialização, Universidade Candido Mendes. Recuperado em 27 de janeiro de 2014. Obtido de <http://www.avm.edu.br/monopdf/27/ROSANE%20TEIXEIRA%20DE%20SOUZA.pdf>
- Souza, M. A. P., de, Teixeira, R. B., Lobato, P. L. (2012). Manifestação da ansiedade pré-competitiva em nadadores amadores. *Rev. Educ. Fis./UEM*, 23(2), pp. 195-203. Recuperado em 02 de janeiro de

2014. Obtido de <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/14737/9654>
- Stankov, L., & Lee, J. (2008). Confidence and cognitive test performance. *Journal of Educational Psychology*, 100(4), pp. 961-976. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psycnet.apa.org/journals/edu/100/4/961/>
- Stoeber, J., Otto, K., Pescheck, E., Becker, C., & Stoll, O. (2007). Perfectionism and competitive anxiety in athletes: differentiating striving for perfection and negative reactions to imperfection. *Personality and Individual Differences*, 42, 959-969. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0191886906003564>
- Stoll, O., Lau, A., & Stoeber, J. (2008). Perfectionism and performance in a new basketball training task: does striving for perfection enhance or undermine performance? *Psychology of Sport and Exercise*, 9, pp. 620-629. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029207000933>
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Vancouver, J. B., Thompson, C. N., Tischner, E. C., & Putka, D. J. (2002). Two studies examining the negative effect of self-efficacy on performance. *Journal of Applied Psychology*, 87(3), pp. 506-516. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12090608>
- Vasconcelos-Raposo, J., Coelho, E. M., Mahl, A. C., Fernandes, H. M. (2007). Intensidade do negativismo e auto-confiança em jogadores de futebol profissionais brasileiros. *Motricidade*, 3(3), pp. 7-15. Recuperado em 12 de novembro de 2012. Obtido de www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/mot/v3n3/v3n3a02.pdf
- Vealey, R. S. (1986). Conceptualization of Sport-Confidence and Competitive Orientation: Preliminary investigation and Instrument Development. *Journal of Sport Psychology*, 8 (3), pp. 221-246. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://journals.humankinetics.com/jsep-back-issues/jsepvolume8issue3september/conceptualizationofsportconfidenceandcompetitiveorientationpreliminaryinvestigationandinstrumentdevelopment>

- Vealey, R. S., Garner-Holman, M., Hayashi, S. W., & Giacobbi, P. (1998). Sources of Sport-Confidence: conceptualization and instrument development. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 20, pp. 54-80. Recuperado em 13 de novembro de 2012. Obtido de <http://psycnet.apa.org/psycinfo/2000-16698-004>
- Vealey, R. (2001). *Sport-confidence from a social-cognitive perspective: extending and blending research and practice*. In Association for the Advancement of Applied Sport Psychology, Symposia de 2001 Conference Proceedings. Recuperado em 14 de novembro de 2012. Obtido de <http://www.bgsu.edu/downloads/lib/file59680.pdf>
- Vealey, R. (2003). *Conceptualization and measurement of multidimensional sport-confidence: a social cognitive approach*. [Manuscrito Inédito].
- Ventura, R. L. (2007). *Habilidades psicológicas, traço e estado de ansiedade competitiva e orientação para os objetivos em atletas de modalidades individuais e coletivas*. Monografia, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Recuperado em 02 de janeiro de 2014. Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13179/2/MONOGRFIA.pdf> / <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13179/1/Capa.pdf>
- Weinberg, R., & Gould, D (2011). *Foundations of Sport and Exercise Psychology*. Champaign, IL: Human Kinectics.

Anexo A – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Universidade Federal de Santa Catarina

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Evidências de relação preditiva entre autoconfiança e desempenho de atletas

Pesquisador: Roberto Moraes Cruz

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 11915713.8.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 301.452

Data da Relatoria: 10/06/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Área de Concentração -Processos Psicossociais, saúde e Desenvolvimento Psicológico Linha de Pesquisa Medidas de Avaliação de Fenômenos Psicológicos Intitulado "Evidências de relação Preditiva entre autoconfiança e desempenho de atletas"

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral- Verificar evidências de relação preditiva entre autoconfiança e desempenho de atletas.

Objetivo secundário - Adaptar o Instrumento Sport Confidence Inventory para o Idioma português corrente no Brasil; identificar evidências de precisão do instrumento adaptado; identificar evidências de validade do instrumento adaptado por meio de análise fatorial e validade de critérios.

avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos relacionados a entrevista de coleta de dados o pesquisador demonstra consciência e conhecimento destes de que ao responder um questionário de avaliação da autoconfiança em momento prévio a uma competição pode gerar ansiedade no atleta. Informa que a coleta de dados será realizada no primeiro dia de treinamento a fim de reduzir ao máximo os efeitos da ansiedade pré-competição.

Em relação aos Benefícios a contribuição é desenvolver a longo prazo um instrumento de avaliação

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

Contribuição do Parecer: 301.452

dos níveis de autoconfiança contribuindo com a qualidade das informações em avaliação psicológica de atletas, facilitando o diagnóstico e prognósticos como também compreender as relações existentes entre auto confiança e desempenho contribuirá com o desenvolvimento de pesquisa e atuação prática em psicologia do esporte.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está apresentado e bem fundamentado na sua forma teórica e metodológica passível de ser executado na prática,

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou toda a documentação exigida para submissão e avaliação do CEP SH UFSC: Projeto, Folha de Rosto, TCLEs, Carta Declaração da Instituição, Cronograma e Orçamento.

Recomendações:

As recomendações foram atendidas pelo pesquisador em relação ao parecer anterior

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Concluiu com aprovação do projeto no CEP SH UFSC

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 11 de Junho de 2013

Assinador por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Rector João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade CEP: 88.040-900
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 Fax: (48)3721-9696 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

Anexo B – Parecer Comitê de Pesquisa Confederação Brasileira de Ginástica



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINASTICA

COMITÊ DE PESQUISA

AUTORIZAÇÃO No. 003/13

TÍTULO DA PESQUISA: EVIDÊNCIAS DA RELAÇÃO ENTRE AUTOCONFIANÇA E DESEMPENHO DE ATLETAS.

LABORATÓRIO responsável : UFSC

REGISTRO NO COMITÊ DE ÉTICA :11915713.8.0000.0121

PARECER n. 301.452AUTORES: Prof Dr. Roberto Moraes Cruz (orientador) e Gabriela Frischknecht (mestranda)

A Confederação Brasileira de Ginástica através do seu Comitê Científico torna público a AUTORIZAÇÃO para a realização da pesquisa supracitada a ser realizada em competições nacionais no segundo semestre de 2013.

Obs.A CBG lembra que é proibir fotografar ginastas individualmente (direito de imagem) – e que as fotografias poderão ser feitas somente em conjunto; os resultados da pesquisas devem obrigatoriamente ser enviados à CBG antes da divulgação.

Profª. MARIA LUCIENE CACHO RESENDE
Presidente da CBG

Anexo C – Autorização para realização de coleta de dados na competição de futebol BH Cup 2013 – Belo Horizonte/MG

From: pedromoreira@clubecruzeiro.com.br
To: vtcosta@hotmail.com
Subject: Re: coleta BH Cup (grupo Santa Catarina-pedido Prof. Varley-UFMG)
Date: Wed, 4 Dec 2013 11:18:25 -0200

Beleza Varley,

Gostaria de confirmar a vinda da Prof. Gabriela. O Congresso Técnico será realizado no sábado dia 07/12 as 19:00 na Toca da Raposa I.

Me deixo a disposição.

Abraço

Pedro



Pedro Moreira

International Business Manager

+55 31 3498.4162

+55 31 9218.0813

+55 31 9162.6648



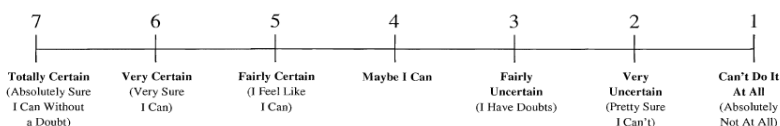
 /cruzeirooficial

Anexo D – Sport-Confidence Inventory (Vealey, 2003)

Sport-Confidence Inventory

Athletes need many different abilities to succeed (e.g., physical skills, mental focus, optimal fitness). In this survey, you are asked to assess many of your abilities as an athlete.

Your answers will be strictly confidential. Please answer as you really feel, being totally honest (as opposed to answering as you would LIKE to feel or think that you are SUPPOSED to feel). All athletes are different in their abilities, and there are no right or wrong response.



Keep in mind that 7 and 1 represent absolute levels in which you are totally certain that you can do this or absolutely sure that you cannot.

HOW CERTAIN ARE YOU THAT ... (CIRCLE ONLY ONE NUMBER FOR EACH ITEM)

7 Totally Certain (ABSOLUTELY sure I CAN without a doubt)

6 Very Certain (VERY SURE I CAN)

5 Fairly Certain (I feel like I CAN)

4 MAYBE I Can

3 Fairly Uncertain (I have DOUBTS)

2 Very Uncertain (PRETTY SURE I CAN'T)


1 Can't Do It At All (ABSOLUTELY NOT AT ALL)


a)

- you can **execute the physical skills** necessary to succeed?
7 6 5 4 3 2 1
- you can keep **mentally focused** throughout the competitive event?
7 6 5 4 3 2 1
- you can **bounce back** from performing poorly to successfully execute your skills?
7 6 5 4 3 2 1
- your **physical training** has **prepared** you enough to succeed?
7 6 5 4 3 2 1
- you can successfully **make critical decisions** during competitions?
7 6 5 4 3 2 1

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 6. you can regain your mental focus after a performance error ? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 7. your physical fitness level will allow you to compete successfully? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 8. you can effectively use strategy needed to succeed? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 9. you can overcome doubt after a poor performance? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 10. you can successfully perform the physical skills required in your sports? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 11. you can maintain the mental focus needed to perform successfully? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 12. you can overcome problems and setbacks to perform successfully? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 13. you have the physical preparation that is needed to compete successfully? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| 14. you can successfully manage your nervousness so that it doesn't hurt your performance? | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |


Anexo E – Autorização da autora para adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003)


 **Vealey, Robin S. Dr.** <vealeysr@muohio.edu> 05/09/12 ☆ ↶ ▾
para mim ▾

 inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem Desativar para: inglês ×


Hi- I'm not sure if there is a Brazilian version of the inventories. You are welcome to translate them and use them in your research. Best wishes!
Robin Vealey


Sent from my iPhone
- - -

 **Low, William** <lowwr@miamioh.edu> 27 de jan ☆ ↶ ▾
para mim ▾


 inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem Desativar para: inglês ×

Gabriela,
Dr. Vealey said you can use the SCI. I will also send you an article on its development from her after I meet with her this Wednesday.
William
- - -

 **Low, William** <lowwr@miamioh.edu> 30 de jan ☆ ↶ ▾
para mim ▾

 inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem Desativar para: inglês ×

Gabriela,
Here's Dr. Vealey's article on the development of the SCI.
Thanks,
William
- - -



scimanscript.doc

Anexo F – Carta formal de autorização para adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003)



Department of Kinesiology and Health

106 PHILLIPS HALL
420 S. OAK STREET
OXFORD, OH 45056
513-529-2700
513-529-5006 fax

January 23, 2014

Gabriela Frischknecht
Psicóloga – CRP 12/10025
Mestranda Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Dear Ms. Frischknecht:

I am writing to formally authorize the use and adaptation of the Sport-Confidence Inventory for your project with Brazilian athletes. I am pleased that you used the inventory, and adapted it for use with athletes in your country.

Sincerely,

A handwritten signature in blue ink that reads 'Robin S. Vealey'.

Robin S. Vealey, Ph.D.
Professor

Apêndice A – Questionário de autoconfiança no esporte

QUESTIONÁRIO DE AUTOCONFIANÇA NO ESPORTE

Atletas precisam de diferentes habilidades para ter sucesso no esporte. Como, por exemplo, habilidades físicas: força, resistência, coordenação motora, equilíbrio, flexibilidade; foco mental: concentração, atenção; aptidão física: exercer as habilidades físicas sem desgaste excessivo. Neste questionário, você é convidado a refletir sobre suas habilidades como atleta.

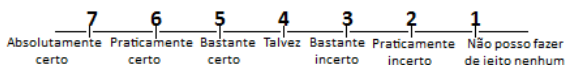
Suas respostas serão estritamente confidenciais. Por favor, responda como você realmente se sente **nesse momento**, sendo honesto consigo mesmo (não responda como você gostaria de se sentir ou como acha que deveria se sentir). Todos os atletas são diferentes em suas habilidades, e não existem respostas certas ou erradas.

Para cada pergunta, responda com base na escala de 7 a 1. Tenha em mente que **7** representa que você está absolutamente certo que você **pode fazer** e **1** absolutamente certo de que você **não pode fazer**:

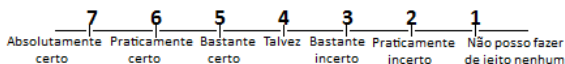
- 7 – Absolutamente certo (tenho certeza que sim)
- 6 – Praticamente certo (quase certeza que sim)
- 5 – Bastante certo (acho que sim)
- 4 – Talvez (tenho dúvidas)
- 3 – Bastante incerto (acho que não)
- 2 – Praticamente incerto (quase certeza que não)
- 1 – Não posso fazer de jeito nenhum (absolutamente não)

VOCÊ ACREDITA QUE ... (circule apenas um número para cada item)

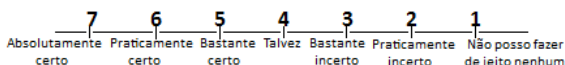
1- ... pode executar as **habilidades físicas** necessárias para ter sucesso no desempenho esportivo?



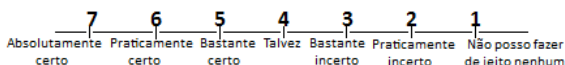
2- ... pode se manter **mentalmente focado** durante toda a competição?



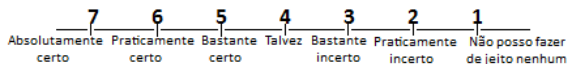
3- ... em uma competição, consegue **se recuperar** de um mau desempenho para executar com sucesso suas habilidades?



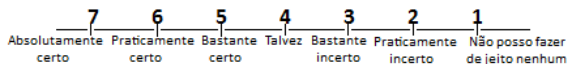
4- ... seu **treinamento físico** te preparou o suficiente para ter sucesso no desempenho esportivo?



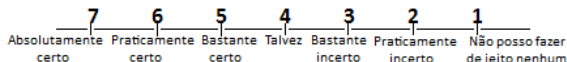
5- ... consegue **tomar decisões** importantes durante competições?



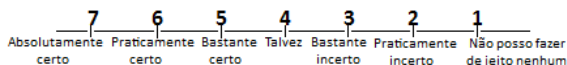
6- ... pode recuperar seu **foco mental** após um erro de desempenho?



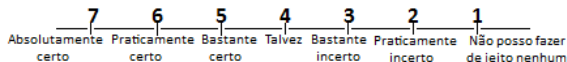
7- ... o seu nível de **aptidão física** lhe permitirá competir com sucesso?



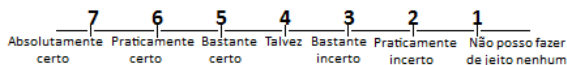
8- ... pode efetivamente usar a **estratégia tática** necessária para ter sucesso?



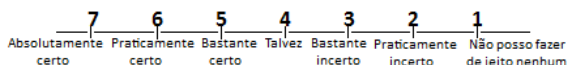
9- ... pode superar **pensamentos negativos** após um desempenho ruim?



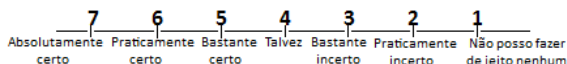
10- ... pode executar com sucesso as **habilidades físicas** necessárias em seu esporte?



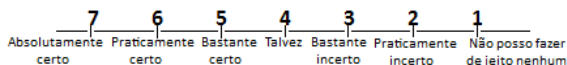
11- ... pode manter o **foco mental** necessário para realizar um desempenho com sucesso?



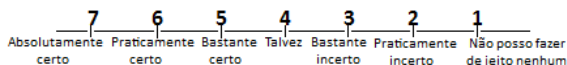
12- ... pode **superar problemas e contratempos** para realizar um desempenho com sucesso?



13- ...tem a **preparação física** necessária para competir com sucesso?



14- ... pode **controlar seu nervosismo** com sucesso, para que ele não prejudique o seu desempenho?



Para finalizar a sua participação, por favor, informe os dados abaixo:

Idade: _____ anos.

Sexo: ()M ()F

Modalidade esportiva: _____ Categoria: _____

Com quantos anos começou a treinar:

() 0 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 15 anos () Mais de 16

Com quantos anos começou a competir:

() 0 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 15 anos () Mais de 16

Escolaridade atual:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior

Apêndice B – Informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsáveis



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEIS)

Prezado responsável,

O atleta pelo qual você está responsável está sendo convidado a participar do estudo “Evidências de relação preditiva entre autoconfiança e desempenho de atletas”, desenvolvido pela aluna de mestrado Gabriela Frischknecht e orientado pelo Prof. Dr. Roberto Cruz – departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

O objetivo dessa pesquisa é verificar se, conhecendo os níveis de autoconfiança de um atleta, é possível prever como será o seu desempenho em uma competição.

Os participantes deverão preencher o Questionário de Autoconfiança no Esporte, que tem como objetivo identificar os níveis de autoconfiança em atletas. Esses índices de autoconfiança serão associados com os resultados de desempenho alcançados na competição.

É importante que o preenchimento deste questionário aconteça nos dias de treinamento para evitar que essa situação prejudique o foco de atenção ou altere ansiedade durante o evento competitivo.

Os resultados de autoconfiança serão mantidos em absoluto sigilo. Após análise, as respostas individuais poderão ser apresentadas para o atleta por meio de contato via internet, se for de interesse do participante.

A participação é voluntária e o atleta poderá abandonar a pesquisa a qualquer momento, se julgar necessário, sem sofrer nenhuma penalidade por isso.

Gratos por sua colaboração, pesquisadora e orientador se colocam à disposição para prestar todos os esclarecimentos necessários a qualquer momento.

Gabriela Frischknecht – gabriela.fri88@gmail.com (47) 9934-7525
Roberto Moraes Cruz – robertocruzdr@gmail.com (48) 9972-6871

Apêndice C – Informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participantes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ATLETAS)

Prezado atleta,

Você está sendo convidado a participar do estudo “Evidências de relação preditiva entre autoconfiança e desempenho de atletas”, desenvolvido pela aluna de mestrado Gabriela Frischknecht e orientado pelo Prof. Dr. Roberto Cruz – departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo dessa pesquisa é verificar se, conhecendo os níveis de autoconfiança de um atleta, é possível prever como será o seu desempenho em uma competição.

Os participantes deverão preencher o Questionário de Autoconfiança no Esporte, que tem como objetivo identificar os níveis de autoconfiança em atletas. Esses índices de autoconfiança serão associados com os resultados de desempenho alcançados na competição.

É importante que o preenchimento deste questionário aconteça nos dias de treinamento para evitar que essa situação prejudique o seu foco de atenção ou altere sua ansiedade durante o evento competitivo.

Os resultados de autoconfiança serão mantidos em absoluto sigilo. Após análise, suas respostas individuais poderão ser apresentadas para você por meio do contato informado no campo abaixo, se for do seu interesse.

Sua participação é voluntária e você pode abandonar a pesquisa a qualquer momento, se julgar necessário, sem sofrer nenhuma penalidade por isso.

Gratos por sua colaboração, pesquisadora e orientador se colocam à disposição para prestar todos os esclarecimentos necessários a qualquer momento.

Gabriela Frischknecht – gabriela.fri88@gmail.com (47) 9934-7525
Roberto Moraes Cruz – robertocruzdr@gmail.com (48) 9972-6871